

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE INSTITUTO DE NUTRIÇÃO JOSUÉ DE CASTRO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO

ESTRATÉGIAS ALIMENTARES EM UM TERRITÓRIO DE POBREZA: O CASO DE JARDIM GRAMACHO

LETÍCIA DA SILVA COUTINHO

LETÍCIA DA SILVA COUTINHO

ESTRATÉGIAS ALIMENTARES EM UM TERRITÓRIO DE POBREZA: O CASO DE JARDIM GRAMACHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Nutrição (PPGN) do Instituto de Nutrição Josué de Castro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre em Nutrição Humana.**

Orientadora: Dr.ª Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho

Coorientadora: Dr.ª Verônica Oliveira Figueiredo

FICHA CATALOGRÁFICA

CC87le Coutinho, Letícia da Silva
Estratégias Alimentares em um Território de
Pobreza: o caso de Jardim Gramacho / Letícia da
Silva Coutinho. -- Rio de Janeiro, 2021.
119 f.

Orientador: Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho.

Coorientador: Verônica Oliveira Figueiredo. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Nutrição Josué de Castro, Programa de Pós-Graduação em Nutrição, 2021.

1. território. 2. pobreza. 3. estratégias alimentares . I. Carvalho, Maria Cláudia da Veiga Soares, orient. II. Figueiredo, Verônica Oliveira, coorient. III. Título.

ESTRATÉGIAS ALIMENTARES EM UM TERRITÓRIO DE POBREZA: O CASO DE JARDIM GRAMACHO

Letícia da Silva Coutinho

Orientadora: Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho Coorientadora: Verônica Oliveira Figueiredo

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO DO INSTITUTO DE NUTRIÇÃO JOSUÉ DE CASTRO

DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE **MESTRE EM NUTRIÇÃO HUMANA.**

Examinada por:

Presidente – Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho, D.Sc Instituto de Nutrição Josué de Castro - UFRJ

> Prof.^a Dr.^a Rosângela Alves Pereira, D.Sc Instituto de Nutrição Josué de Castro - UFRJ

Prof.^a Dr.^a Ligia Amparo da Silva Santos, D.Sc Escola de Nutrição - UFBA

Prof. Dr. Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca, D.Sc Instituto Nutes de Educação em Ciências da Saúde-UFRJ

> RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL AGOSTO DE 2021

DEDICATÓRIA

A Deus, que me permitiu chegar até aqui, sempre esteve ao meu lado, e me ajudou a superar todos os obstáculos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Luciana e Marcos, pelo apoio não só nesta etapa, mas durante toda minha vida. Não haveria condições para essa caminhada se não fosse pelo incentivo, cuidado, dedicação e amor de vocês. Nunca os vi desacreditar de mim, mesmo quando eu desacreditei. Sou imensamente grata pelos grandes gestos, mas principalmente pelos pequenos, como acordar cedo para me levar à escola e aos cursos, além de preparar comidas afetivas, no intuito de eu pausar o trabalho para me alimentar.

Aos meus familiares, em especial ao meu maninho Arthur, por me trazer serenidade em momentos em que ela sumia das minhas vistas, e à minha prima Rebeca, sempre ao meu lado, ouvindo meus problemas, aconselhando, apoiando, ajudando em todas as áreas da minha vida e até lendo meu trabalho, quase sendo uma aluna de Iniciação Cientifica sem remuneração nem conquistas no currículo, mas de uma parceria incondicional comigo. Ao Matheus, pelo ombro nos períodos mais difíceis, sempre me resgatando da melhor maneira, pelas risadas e pelo apoio em tudo na área tecnológica, desde emprestar o notebook até baixar o melhor App de gravação, ou mexer em um arquivo, além de nunca me deixar desistir dos meus sonhos.

A todos os amigos da graduação e mestrado, principalmente o Victor, por ter me ajudado com as burocracias nessa etapa final, e a Chris, por ter sempre compartilhado comigo o melhor de si, sendo atenciosa, amorosa, cuidadosa e dando preferência a cursar as disciplinas obrigatórias na mesma ordem que eu, para que as frequentássemos juntas. À Maria Cláudia, minha orientadora, por me conduzir nessa caminhada do mestrado com gentileza e paciência para me apresentar um universo de pesquisa diferente do que estava habituada.

À Verônica, minha coorientadora, por também me ajudar a expandir meu universo de pesquisa, sempre me acolher e acreditar no meu potencial, tornando-se uma amiga e dividindo comigo sua espontaneidade, leveza, atenção, paciência, tempo, cuidado e carinho.

Aos colegas e professores dos núcleos Nectar, LADIGE e DHAA, que tanto contribuíram com minha evolução profissional, acadêmica e pessoal.

Aos professores e funcionários do Instituto Josué de Castro, por todas as contribuições da graduação até a finalização do mestrado.

Aos professores que aceitaram o convite para ler e contribuir com este trabalho. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo investimento e oportunidade para que eu realizasse esta pesquisa.



RESUMO

O Brasil é um país com profundas desigualdades, no qual a pobreza é parte de um processo histórico para além da renda e da perda de direitos, e a situação de Insegurança Alimentar e Nutricional afeta milhares de famílias. Para sobreviver, os sujeitos traçam diversas estratégias e constroem significados em torno da comida, o que tem sido considerado um elemento chave para entender as dinâmicas e práticas de sobrevivência em territórios de pobreza. Imerso nessa realidade, há o território próximo do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho no bairro Jardim Gramacho, Duque de Caxias-RJ. Nesse campo de pesquisa, nosso objetivo foi compreender os aspectos culturais e socioeconômicos associados às estratégias alimentares aplicadas nesse território. Este estudo se apoiou em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, embasada em pressupostos teóricos das Ciências Sociais e Humanas. Incluímos para análise matérias jornalísticas, que nos forneceram dados para historicização, e um documentário, o qual nos alimentou de questões para problematização. Essas foram etapas complementares durante a análise das narrativas de agentes específicos desenvolvimento das estratégias objeto desse estudo. Optamos por analisar as narrativas sobre a busca por comida em um cenário de tamanha hostilidade à luz da teoria praxiológica sobre forças no campo de lutas simbólicas de Pierre Bourdieu. Nesses materiais, percebemos um Estado omisso frente às problemáticas da fome e pobreza, de modo que os projetos sociais atuam no território como um terceiro setor na redução de danos. Com isso, a administração e captação de recursos cabe a agentes que denominamos transitantes, os quais atuam continuamente nesse espaço, apesar de não serem moradores. Autorizados no campo, estes se dedicam à distribuição da comida, à consolidação de regras e à periodicidade da dispensação de doações às famílias, ficando responsáveis por criar condições para novos acessos e estratégias em prol da alimentação local. As forças invisíveis desses agentes estão naturalizadas em seu papel de administradores das doações, posição na qual demonstram disposição para agir em prol do direito humano e segurança alimentar, de modo a serem reconhecidos como lideranças pela comunidade local. Percebemos vários tipos de adaptações, as quais, na urgência da necessidade, desdobram uma falta que seria impossível de administrar em alguns ganhos secundários, em prol da sobrevivência. Assim como as doações, estas se tornam centrais para a mediação entre a sociedade e a pobreza local, mobilizando o olhar de pessoas fora desse espaço. Entendemos que as estratégias precisam escapar do sistema assistencialista e avançar na garantia do direito à alimentação, e que a invisibilidade da pobreza como aspecto estruturante da sociedade impõe uma relação de violência simbólica com a comunidade local, gerando isolamento e exclusão social.

Palavras-chave: território; pobreza; estratégias alimentares.

ABSTRACT

Brazil is a country characterized by great inequality, in which poverty is part of a historical process that goes beyond income and loss of rights, and Food and Nutritional Insecurity scenarios affect thousands of families. To survive, subjects come up with different strategies and build meanings around food, which has been considered a key element to understand the dynamics and practices of survival in territories of poverty. Immersed in this reality is the territory close to the Jardim Gramacho Metropolitan Landfill, in the Jardim Gramacho neighborhood, Duque de Caxias-RJ. In this field of research, our goal was to understand the cultural and socioeconomic aspects surrounding eating strategies in the territory. This study was based on a qualitative, exploratory and interpretive approach, based on theoretical assumptions from the Social and Human Sciences. We included journalistic articles for analysis, which provided data for historicization, and a documentary, which fed us with questions for problematization. These were complementary steps in the analysis of the narratives of specific agents in the development of strategies, object of this study in the field. We chose to analyze the narratives about how to get food in a scenario of such hostility in light of Pierre Bourdieu's praxiological theory about forces in the field of symbolic struggles. In these materials, we can see how the State is silent concerning issues of hunger and poverty, so social projects act in the territory as a third sector towards harm reduction. In this vein, administration and fundraising is carried out by agents that we call transients, who work continuously in this space, despite not being residents. These are authorized agents in the field, engaged in food distribution, who manage the consolidation of rules and the frequency in which donations are dispensed to the residing families. They are responsible for creating conditions for new points of access and strategies, favoring local food. The invisible forces of these agents are naturalized as donation managers; in this position, they are willing to act in favor of human rights and food security, to the extent of being recognized as leaders by the local community. We noticed several types of adaptations, which in the urgency of the need unfold a lack that would be impossible to manage in some secondary gains in favor of survival. Like the donations, these become critical as a mediation between society and local poverty, mobilizing the eyes of people outside this space. We understand that strategies need to go further than the current welfare support system, and advance in guaranteeing the right to food, and that the invisibility of poverty, as a structuring aspect of society, forcibly establishes a relationship of symbolic violence against the local community, which generates isolation and social exclusion.

Keywords: territory; poverty; food strategies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Estado do Rio de Janeiro	34
Figura 2. Duque de Caxias	35
Figura 3. Jardim Gramacho	35
Figura 4. Território próximo ao antigo Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho	36
Figura 5. Localidade da Associação Projeto Gramachinhos	36
Figura 6. Falta de saneamento básico	51
Figura 7. Moradias improvisadas	52
Figura 8. Usina e lixão clandestino	53
Figura 9. Impressões do Vik Muniz	57
Figura 10. Isis brincando com Vik	57
Figura 11. Vik tirando foto de Isis	58
Figura 12. Irmã cozinhando no Aterro	58
Figura 13. Três mulheres sendo fotografadas	59
Figura 14. Magna contando sua história	59
Figura 15. Imagem projetada no chão	60
Figura 16. Preenchendo com matérias recicláveis	60
Figura 17. Os catadores vendo a montagem	61
Figura 18. Reflexão entre os produtores	61
Figura 19. Leilão dos quadros	62
Figura 20. Exposição no MAM-Rio	62
Figura 21. Vik entrega o quadro a Isis	63
Figura 22. Vik entrega o guadro ao Tião	63

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Unidades de	rocessamento de Resídu	os Sólidos Urbanos	32
------------------------	------------------------	--------------------	----

LISTA DE SIGLAS

ABC Agência Brasil de Comunicação

ABRELPE Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e

Resíduos Especiais

AMJG Aterro Metropolitano de Jardim de Gramacho

App Aplicativo

CMA Comissão de Meio Ambiente

CODEPLAN – DF Companhia de Planejamento do Distrito Federal

COEP Comitê de Entidades no Combate à Fome e Pela Vida Coopere Cooperativa de Trabalho de Catadores de Materiais

COMLURB Companhia Municipal de Limpeza urbana

CPE Comitê de Pesquisa e Ética

DHAA Direito Humano à Alimentação Adequada

IA Insegurança Alimentar

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Iswa Associação Internacional de Resíduos Sólidos

LADIGE Laboratório Digital de Educação Alimentar e Humanidades

LOSAN Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional

ONG Organização Não Governamental
ONU Organização das Nações Unidas

OUERJ Observatório Urbano Estado do Rio de Janeiro
PDAD Pesquisa Distrital por Amostragem Domiciliar

PNUMA Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

PUC Pontifícia Universidade Católica

RMRJ Região Metropolitana do Rio de Janeiro

RJ Rio de Janeiro

SAN Segurança Alimentar e Nutricional

SLU Serviço de Limpeza Urbana

SNIS Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	14
1.	INTRODUÇÃO	18
1.1.	OBJETIVOS	21
1.	1.1. Objetivo Geral	21
1.	1.2. Objetivos Específicos	21
2.	CONTEXTOS E CONCEITOS	22
2.1.		
2.2.	CONCEITOS: TERRITÓRIO E POBREZA	23
2.3.	TERRITÓRIOS MARCADOS POR ATERROS/LIXÕES	27
3.	PERCURSO METODOLÓGICO	33
3.1.	LOCALIZAÇÃO E DADOS DE JARDIM GRAMACHO	34
3.2.	COLETA DE MATÉRIAS JORNALÍSTIAS	39
3.3.	UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O TERRITÓRIO	41
3.4.	CONVITE AOS AGENTES DO CAMPO	42
3.5.	ENTREVISTAS E TRANSCRIÇÕES	43
3.6.	O ESTUDO DAS NARRATIVAS	46
4.	RESULTADOS	49
4.1.	MOSTRAS MIDÍATICAS DA POBREZA	49
4.	1.1. Imersão na mídia jornalística sobre Jardim Gramacho	49
	1.2. "Lixo extraordinário"	
4.2.	OS PARTICIPANTES NO CAMPO	64
4.3.	"ADMINISTRAR O INADMINISTRÁVEL"	68
4.4.	"ITENS DE GROSSO CALIBRE"	77
4.5.	GESTÃO DAS DOAÇÕES	80
5.	CONCLUSÃO	86
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
	APÊNDICE 1 - RESUMO APRESENTADO NA 10º SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ	. 101
	APÊNDICE 2 - RESUMO EXPANDIDO APRESENTADO NO 8° SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR EM SOCIOLOGIA E DIREITO DO PPG SD/UFF	. 103
	APÊNDICE 3 - RESUMO APRESENTADO NA XIII Jornada do PPGA UFF	. 113
	APÊNDICE 4 - RESUMO APRESENTADO NO XLII JICTAC 2020 - UFRJ	
	ANEXO 2 - PRINT DO APP	. 119
	ANEXO 3 - CONVENÇÕES DE TRASNCRIÇÕES	
	ANEXO 4 - FICHA TÉCNICA DO FILME "LIXO EXTRAORDINÁRIO"	. 121

APRESENTAÇÃO

Este espaço se dedica ao perfil da pesquisadora e ao desenvolvimento dessa pesquisa, entendendo, para tanto, que as minhas experiências pessoais, o reconhecimento do campo, as conexões entre a pesquisadora e os participantes, bem como o acesso ao território, configuraram-se como recursos fundamentais para a trajetória desta dissertação. O processo desse trabalho não está amparado na estrutura convencional do curso de Nutrição, predominantemente pautada por moldes biomédicos. O incômodo crescente que esse modelo me causou durante a graduação culminou em meu interesse por outros percursos metodológicos de pesquisa.

Nesse mesmo período, na fase final da graduação, integrei um projeto de pesquisa e extensão do Instituto de Nutrição Josué de Castro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenado pela professora Verônica Oliveira Figueiredo, intitulado "Direito Humano à Alimentação Adequada para populações invisibilisadas: uma realidade dos gramachinhos", aprovado e financiado pelos editais PROFAEX 2018 e 2019, e atuante até hoje. Dez alunos de graduação dos cursos de Nutrição e Gastronomia já passaram pelo projeto, e hoje o grupo é composto por seis alunos de graduação, uma mestranda e a responsável pelo núcleo.

Dentre os diversos objetivos que o projeto possui, destacamos: buscar o diálogo com a comunidade, a fim de compreender questões sociais, ambientais e políticas, dando destaque ao Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA); suscitar ações de educação alimentar e nutricional como prática emancipatória, e realizar atividades práticas com vistas a uma alimentação adequada, saudável e sustentável.

Situado no campo da Alimentação e Nutrição, este projeto inclui não apenas o saber técnico, mas a cultura e todas as relações que permeiam o sentido e as práticas alimentares. Nesse período de existência do projeto nosso grupo já realizou mais de 13 ações extensionistas a exemplo de, "Feijão no tabuleiro", "Memorizando saúde", "Português na caixa", "De onde vem?" e contou com três oficinas culinárias, sob temáticas articuladas com o ensino formal. Também se debruçou sobre outras produções, como, a publicação de um capítulo na coletânea "Comensalidade em Trânsito", publicada pela Rede NAUS, uma Rede Ibero-Americana de Pesquisa Qualitativa de Alimentação e Sociedade. O capítulo publicado tem como título "Vivências na Interface dos Campos da Alimentação e Educação", enquanto a revista Raízes e Rumos lançou um artigo intitulado "Atividades educativas: iniciativas para a construção do Direito Humano à Alimentação Adequada". Resumos foram submetidos em eventos na Universidade Federal Fluminense, no Seminário Interdisciplinar em Sociologia e Direito, na Jornada do PPGA, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Encontro Sabores e Saberes, na Semana de Integração Acadêmica, no Festival do

conhecimento, na Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural e na Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS).

O desenvolvimento das atividades academics em nosso grupo iniciou, majoritariamente, com a extensão, mas foi incluindo a pesquisa, especialmente pela minha participação no campo, no papel de mestranda. Assim, nosso vínculo ocorre pela parceria com a Associação Projeto Gramachinhos, que assume como dinâmica fazer conexões com parceiros externos ao campo, corroboradas por sua existência jurídica por meio de registro em cartório e CNPJ.

Nossas ações intentam trabalhar questões em torno da alimentação com interesses na redescoberta de caminhos possíveis de serem trilhados em direção ao DHAA e à Soberania Alimentar, prioritariamente, com crianças e adolescentes, sob a perspectiva da educação, tendo seu eixo principal no fazer culinário, por meio de atividades interativas.

A Associação Projeto Gramachinhos possui sede em Jardim Gramacho desde 2013, e é dirigida por três responsáveis. Ela conta com a colaboração de voluntários, da região ou não, embora os internos geralmente recebam ajuda de custo, e atualmente ocupa um espaço semelhante a um galpão, dedicado à realização de atividades com os moradores da localidade, além de uma cozinha e dois banheiros. Perto desse espaço, especificamente do outro lado da rua, os responsáveis pela Associação assumiram o aluguel de uma fração do imóvel de um mercadinho local, onde acondicionam alimentos estocáveis, produtos de higiene pessoal e limpeza em prateleiras e *freezers*, no caso de alimentos congelados. A fim de se manter, a Associação depende totalmente da ajuda de pessoas físicas ou jurídicas, considerando que não recebe recursos governamentais. Assim, a presença do projeto social numa região está atrelada às dificuldades da implementação de políticas públicas.

Nesse sentido, ao pesquisarmos na Plataforma do Google, em sua ferramenta *Maps*, observamos a existência de diversos projetos sociais no bairro Jardim Gramacho; mais especificamente, indo ao encontro deste estudo, sete deles estão localizadas no território próximo ao que foi um aterro no bairro Jardim Gramacho, Duque de Caxias-RJ. Portanto, essa inserção no grupo de pesquisa e extensão, em parceria com a Associação, permitiu minha aproximação da realidade desse pedaço de Jardim Gramacho e do campo científico da Alimentação e Nutrição.

Desta maneira, tive contato com uma realidade sem a intenção de impor algum conhecimento, pois não estávamos centrados na prescrição ou modificação dos hábitos alimentares, e sim no sujeito, sua realidade e seus interesses. Buscamos um fazer coletivo, sob perspectivas diversas que pudessem se aliar em torno do tema alimentação, sempre em busca de canais que aumentassem o diálogo, saindo de um fazer unidirecional e utilizando a alimentação como um canal que potencializa a nossa comunicação.

Assim, já no início da atuação, houve um sentimento de identificação com este caminho, o qual me levou a redescobrir a Nutrição, agora a reconhecendo como pertencente a um campo maior, o da Alimentação e Nutrição. Esse fator me permitiu olhar um objeto de pesquisa por outras lentes e, com isso, faz crescer o desejo de continuar no grupo, despertando o interesse por esse lugar como campo de pesquisa, de forma a almejar compreender melhor esse território, seus sujeitos e histórias.

Portanto, em virtude dessa participação no projeto de pesquisa e extensão do INJC/UFRJ, a ideia de explorar os diferentes significados da comida por meio das narrativas surgiu pelo processo interativo construído nesse núcleo, o qual inclui graduandas da nutrição e da gastronomia, docentes e colaboradores do grupo, como o Laboratório Digital de Educação Alimentar e Humanidades (LADIGE). A partir de então, questões sobre o "comer em Jardim Gramacho" começaram a ganhar espaço, levando a uma reflexão coletiva e dando origem ao projeto de dissertação.

Com isso, entre os pilares deste trabalho mantemos a compreensão do contexto social, a partir de narrativas de agentes daquele território, de modo a refletir sobre as estratégias populares para comer, e inovar os modos de comer nesse lugar. Buscamos ir além de um campo tecnicista e biomédico, agregando o olhar das ciências sociais, o qual se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, tendo como pontos chave a interação da própria pesquisadora com seus pares e os responsáveis pela Associação Projeto Gramachinhos em Jardim Gramacho, e sua interpretação, considerando seus vieses, valores e interesses pessoais, saindo da ilusão da neutralidade, e sim, admitindo que por ser uma estratégia construída, esta é espontânea. Logo, negar a relação da pesquisadora com os significados produzidos é negligenciá-la como um ser social. Essas questões são aqui expostas no intuito de preservar a integridade e honestidade da pesquisa.

Ademais, é importante mencionar que no percurso desta pesquisa houve a pandemia causada pelo COVID-19; consequentemente, foram adotados protocolos de isolamento, distanciamento social e proteção pessoal, como o uso de máscaras e de álcool em gel, sendo preciso repensar as dinâmicas para a execução dessa tarefa e uma nova organização do trabalho. Embora a internet seja um mecanismo que tem sido explorado para viabilizar trabalhos sem deslocamento e o contato com outras pessoas nesse período, os participantes que seriam entrevistados para esta pesquisa, em sua grande maioria, não têm acesso facilitado a esse recurso. Com isso, foi necessária a reorganização da estratégia metodológica, afetando o modo e os agentes participantes da pesquisa, sendo necessário adequar a coleta e o estudo das narrativas dentro desse contexto.

Convidamos os responsáveis do Projeto Gramachinhos para participar da pesquisa, por meio de entrevistas, a partir de uma questão desencadeadora: *'como foi sua trajetória em Jardim Gramacho?'*. Essas narrativas, apesar de voltadas para o mesmo território,

pertencem a agentes que não moram na região, identificados nesta dissertação como transitantes¹, o que é considerado durante a análise crítica para compreendermos o papel dessas figuras naquele lugar. Através desta perspectiva, intentamos iluminar alguns pontos, como: Quais as estratégias populares para comer e inovar esses modos de comer em situação de pobreza a partir da narrativa desses agentes? Como se revelam as dinâmicas sociais entre os moradores e dos moradores com os transitantes? E de que forma a pesquisa documental se articula com as narrativas dos agentes entrevistados?

-

¹ O termo *transitantes* aqui é utilizado no mesmo sentido da palavra "transeuntes", apresentada como uma das grafias da língua portuguesa e que será explicitada ao longo do texto.

1. INTRODUÇÃO

A comida tem sido considerada um importante elemento para estudar as dinâmicas e práticas sociais (CARVALHO et al, 2011). O campo da Alimentação & Nutrição tem, historicamente, grande influência da temática "Higiene Alimentar" e do alimento, sendo a dietética um argumento fundamental na manutenção da saúde e na prevenção ou cura de doenças (PRADO et al, 2009a; 2009b).

A relação entre produção, distribuição e consumo de alimentos sempre esteve voltada de modo racional para a necessidade do consumo de nutrientes. (CARVALHO et al, 2011; LUZ, 1997; KRAEMER et al, 2014; PRADO et al, 2011; VASCONCELOS & BATISTA FILHO, 2011). Embora ainda haja a predominância de uma dimensão biológica neste campo científico associado ao nutrir e aos nutrientes, isso não significa a inexistência de outros enfoques (PRADO et al, 2009a; 2009b).

Essa pesquisa contempla um olhar das ciências humanas para compreender a alimentação na prática em um território de pobreza, traçando um diálogo com uma abordagem de cunho mais sociológico, aplicada ao campo da Alimentação e Nutrição (SILVA et al, 2010). Essa perspectiva multidisciplinar ressalta questões culturais, históricas e práticas, cercadas de símbolos, sentidos e significados que nem sempre são aparentes, e por isso podem se tornar objetos interessantes de pesquisa (CARVALHO et al, 2011; PRADO et al, 2011).

Múltiplas questões, como o sistema alimentar, práticas alimentares, a qualidade dos alimentos, obesidade, desnutrição e fome se conectam, compondo uma análise crítica sobre objetos complexos como a pobreza (ALVES & JAIME, 2014; BATISTA et al, 2016; BURLANDY, 2004; DIAS et al, 2017). No conjunto dessa multiplicidade, temas políticos e sociais, como educação, moradia, saúde, acesso à alimentação, bem como suas formas de preparo, conectam-se ao conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), a qual visa um olhar multidisciplinar, e se estabeleceu há 12 anos no Brasil por meio da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), com vistas à...

...realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (BRASIL, Art. 3º LOSAN, 2006).

Apesar dessa lei ter sido instaurada, observam-se elevações nas taxas de pobreza e extrema pobreza após um período de reduções contínuas dessas duas condições entre 2003 e 2014 (PNAD, 2013; MENEZES & JANNUZZI, 2018). A pobreza subiu 33% de 2014 a 2017 no Brasil (IBGE, 2018; MENEZES & JANNUZZI, 2018), enquanto que, em 2020, com a pandemia de COVID-19, a inflação se elevou e aumentou expressivamente os preços de

itens importantes das cestas básicas. Frente a essa situação, e como forma de mitigar os impactos econômicos causados pela pandemia no Brasil, instaurou-se o Auxílio Emergencial (AE), uma assistência social governamental (GALINDO, et al, 2021). Entretanto, quando esse benefício se extinguiu, impactos foram percebidos já no início de 2021, aprofundando ainda mais os níveis de pobreza, observando que a renda média foi do maior ao menor nível com a pandemia, tendo uma queda de 11,3% em menos de um ano (NERI, 2021). Com isso, o AE voltou a vigorar, porém com valores reduzidos e um número menor de beneficiários, afetando assim os níveis de pobreza e extrema pobreza. Esses índices socioeconômicos, com suas variações bruscas, demonstram a realidade instável das famílias brasileiras e, com isso, influenciam e são influenciados por questões relativas à alimentação, podendo contribuir para um aumento no número de pessoas enfrentando a problemática da fome.

A fome se constitui em uma forma de escassez e, de acordo com Freitas (2003), revela uma sociedade desigual, a qual precisa ser entendida de modo multidisciplinar, pelo caráter histórico, social e econômico. Segundo a autora, por muitas vezes, é importante interpretar a realidade da população de acordo com um sistema simbólico. Portanto, todos esses elementos devem ser considerados, tendo ainda o destaque do estudo de Josué de Castro em "Geografia da Fome²", o qual aborda aspectos biológicos, fisiológicos, geográficos, econômicos, sociais e antropológicos e, com isso, consegue evidenciar a fome como manifestação biológica de um problema social, sendo parte de um processo originado na má distribuição de renda (CASTRO, 1984), indo também ao encontro da visão de Milton Santos sobre uma distribuição desigual frente ao que é produzido nacionalmente (SANTOS, 2000).

Castro ainda descreve a fome crônica, não apenas como a ausência total dos alimentos, mas sua falta em quantidade insuficiente para as demandas dos macros e micronutrientes (CASTRO, 1984). Essa caracterização é consoante à fome descrita no texto "Os sentidos da fome no filme Garapa³", o qual retrata, por vezes, a mamadeira de água e açúcar como única refeição ofertada às crianças, e a cachaça, apelidada como garapa, como único alimento para os adultos. Essa alimentação, retratada no filme num contexto social desfavorável, é uma representação da realidade de boa parte da população brasileira, para a qual a fome não está vinculada apenas a ausência total do alimento, mas abrange uma quantidade insuficiente e de forma irregular, e que apesar de todo processo tecnológico

² Geografia da Fome: Livro do brasileiro Josué de Castro, publicado pela primeira vez em 1946. Nele

o autor define o conceito de fome que utilizará em toda a sua obra, além de identificar as áreas de fome endêmica e epidêmica no Brasil (CASTRO, 1984).

3 Os sentidos da fome no filme Garana: Texto presente no livro Cinema e comensalidade Série

³ Os sentidos da fome no filme Garapa: Texto presente no livro Cinema e comensalidade Série Sabor Metrópole, Volume 6. Orgs: Francisco Romão Ferreira, Shirley Donizete Prado, Eliane Portes Vargas e Cristiane Marques Seixas. 2016.

presencia esse fenômeno, por não haver "[...] satisfação para todos. Não é que a produção necessária seja globalmente impossível. Mas o que é produzido, – necessária ou desnecessariamente – é desigualmente distribuído" (Santos, 2000, p. 129).

Já que, historicamente, a desigualdade brasileira vem sendo construída no contexto de um cenário político e social desenvolvimentista, contemplando somente uma parte da população, a lógica do sistema é perpetuar o privilégio e a desigualdade por meio de um espaço social em que existem diferentes tipos de *capital* (BOURDIEU, 2001; 2007).

Neste caso, o *lócus* considerado é uma região próxima ao antigo Aterro Metropolitano no bairro de Jardim Gramacho, Duque de Caxias-RJ, um território que lida com os limites da falta de acesso às condições básicas para um cotidiano mais humanizado. Assim, entendendo que seus habitantes precisam superar a invisibilidade, este projeto se dedica a refletir sobre as 'estratégias alimentares' nesse território, podendo trazer luz a um cenário de pobreza, dependência e escassez. Segundo Milton Santos (2007), o território representa o lugar das trocas e das experiências de vida; nesse sentido, é desafiador, mas fundamental refletir sobre as práticas sociais no/do campo, bem como as estratégias que agentes externos utilizam para se integrar ao campo, tendo na comida um forte símbolo de aproximação.

Desse modo, para refletir sobre os elementos que se estreitam com o comer das pessoas, ponderamos a necessidade de compreender o território que o sujeito habita por meio de diferentes narrativas, pois elas possibilitam compartilhar vivências, ainda que sejam cotidianas, e se apresentam como uma forma de estruturar os discursos (BASTOS & BIAR, 2015; DAMASCENO, 2018; RIESSMAN, 1993). Por intermédio delas, buscamos realizar uma análise crítica à luz de conceitos da sociologia, como os de Pierre Bourdieu, capazes de iluminar a análise.

Perante esse cenário de pobreza e fome, e considerando o caráter multidimensional da alimentação (CONTRERAS & GRACIA, 2011), bem como as subjetividades que embalam os distintos posicionamentos e práticas em torno da comida nesse universo de pesquisa, debruçamo-nos para compreender a complexidade de um jogo simbólico que inclui doadores e receptores de comida, a partir de reflexões pautadas nas Humanidades enquanto referencial teórico.

Deste modo, buscamos fundamentar esta dissertação em áreas de conhecimento que valorizassem os sentidos e significados decorrentes das narrativas dos agentes sociais e representantes de uma Associação, presentes nesse território de pobreza há quase 9 anos ininterruptos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender os aspectos culturais e socioeconômicos que cercam as estratégias alimentares em uma área de pobreza.

1.1.2 Objetivos Específicos

- i) Historicizar o espaço urbano da área estudada a partir da análise das matérias jornalísticas na mídia digital;
- ii) Problematizar a sobrevivência e possibilidades do território avaliado a partir da análise de um documentário;
- iii) Identificar as alternativas da comunidade local, relacionadas à alimentação e à sobrevivência nas condições de pobreza.

2. CONTEXTOS E CONCEITOS

Propomos um estudo qualitativo, multidisciplinar, voltado para uma reflexão crítica a partir de narrativas no contexto próximo ao antigo Aterro Metropolitano em Jardim Gramacho, Duque de Caxias-RJ. Com isso, como passo inicial na seção 2.1, abordamos a multidisciplinariedade, pois as estratégias de alimentação não estão diretamente vinculadas ao consumo alimentar e envolvem vários elementos, como as doações. Daí, trabalhamos com os marcos e referenciais teóricos que fundamentam as concepções de território e pobreza, na seção 2.2, intitulada 'Conceitos: território e pobreza'. No item seguinte, 2.3, apresentamos outras realidades, fora de Jardim Gramacho, mas que, no entanto, assemelham-se a ele quanto às práticas ou caracterização demográfica, o que permite situar nosso campo diante de outros espaços, a fim de compreendê-lo melhor.

2.1. ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR

A possibilidade de olhar para uma investigação com lentes distintas caracteriza uma abordagem multidisciplinar, geralmente adotada em pesquisas qualitativas. Deste modo, a análise de dados e a diversificação de estratégias metodológicas se organizam de forma singular e particular sobre questões de um objeto de estudo. (CRESWELL, 2007, p.184)

Nesse sentido, uma pesquisa qualitativa valoriza um profundo nível de detalhamento e apresenta como característica a progressão, e não a pré-estruturação, pois sua construção caminha pautada pelos acontecimentos práticos que a estruturam (CRESWELL, 2007). Assim, a pesquisa não possui uma conformação fixa ou única, o que auxilia na utilização de formas mais funcionais para atingir seu objetivo, não havendo um método mais privilegiado em relação a outro (DENZIN & LINCOLN, 2006).

Ao contrário, esses métodos apontam para múltiplos horizontes e fortalecem a descoberta, a criação e o diálogo (MINAYO, 2017), demonstrando um caráter multidisciplinar. Desta maneira, é possível discorrer sobre alimentação e seus significados contemplando diálogos entre a Sociologia, Comunicação, Linguagem, Saúde Pública e Nutrição, o que nos permite fundamentar com acuidade uma pesquisa sob distintos saberes, de acordo com o pretendido neste projeto.

Assim, não é o objetivo desta análise se aprofundar nas teorizações de uma única disciplina, mas considerar a reflexão multidisciplinar como um eixo de construção de um objeto de pesquisa que se complementa nas diferentes perspectivas disciplinares entre saúde, alimentação e sociologia. Tendo como ponto principal a análise narrativa, a qual converge com o aspecto interpretativista, pois não é possível evitar interpretações pessoais na análise, esse reconhecimento de valores e interesses representa atualmente a pesquisa qualitativa (CRESWELL, 2007).

Posto isso, as narrativas que serão consideradas e analisadas neste trabalho foram reportadas por sujeitos diretamente envolvidos com o lócus da pesquisa, a fim de discutirmos os significados produzidos sobre a temática em questão, partindo do microssocial para que possamos refletir sobre os aspectos macros, já que o "pesquisador qualitativo vê os fenômenos sociais holisticamente" (CRESWELL, 2007, p.187).

De forma a levar em conta a existência de uma esfera maior, de ordem social, que orienta os comportamentos dos sujeitos, nós os submetemos a uma lógica estabelecida como jogo simbólico, nos termos de Bourdieu, podendo perpassar os discursos. Portanto, essa multidisciplinaridade nos permite olhar um objeto sob diferentes perspectivas, mas, ainda assim, de modo complementar. É nesse sentido que a construção conceitual da pobreza, que pode incluir a fome em seu contexto, encontra fundamentação nas ciências humanas e no campo da alimentação e nutrição. Assim, essa abordagem multidisciplinar é um recurso estruturante para os conceitos apresentados neste estudo, e de grande importância para compreendermos estratégias do comer em meio à pobreza.

2.2. CONCEITOS: TERRITÓRIO E POBREZA

Encontrar uma definição única para território é tarefa árdua, de acordo com Milton Santos, de forma que toda e qualquer tentativa de definição não é imutável, fixa, eterna, e sim flexível, portanto permite mudanças. Assim, o território possui diferentes significados definidos ao longo da história, e antecede o espaço, representando mais um dado fixo e uma área, apesar de sua menção, como dita acima, ser mutável (SANTOS, 1978; 1982; 1985; 1988; 1994; 2000)

Imerso nesse contexto, para Milton Santos, deve-se olhar para o território como:

...o chão e mais a população, isto, é uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se, pois, de logo, entender que está falando em território usado, utilizado por uma população (SANTOS, 2000, p. 96).

No Brasil, esse território aparece como palco do capitalismo, enquanto o Estado empobrece, perdendo sua capacidade de criar serviços sociais. Em países com menor influência econômica, cultural e política, chamados periféricos, cuja economia se baseia, principalmente, na agropecuária e na exportação de matéria prima, isso leva à desvalorização dos recursos estatais, abarcando relações simbólicas e de poder, e gerando territórios pautados na pobreza. (SANTOS, 1988; 1994; 2000).

De acordo com Capucha (2005) a pobreza pode ser bem estudada se combinada a duas perspectivas teóricas existentes: a perspectiva culturalista e a socioeconômica. A primeira contempla as mudanças nas condições, estilos e histórias de vida, na organização

comunitária, grupos em situação marginal, incluindo os sem-abrigo, os toxicodependentes, crianças em situação de rua e ex-reclusos, bem como as relações entre os pobres e as instituições, entre outras. Essa perspectiva absorve, mais facilmente, uma metodologia qualitativa e um processo analítico e reflexivo minucioso das comunidades e indivíduos, contempla uma visão multidimensional de sua pobreza, na qual a necessidade de sobrevivência gera reflexos da reprodução dessa pobreza, condicionando-os ao desemprego, trabalhos mal remunerados, paralelos, instáveis, na base do sistema de serviços, formando economias não monetárias e marginais, o que gera uma relação de instabilidade material diante de uma sociedade que valoriza fortemente o capital econômico.

Dentro da perspectiva socioeconômica, a pobreza não possui uma única definição, visto que, graças à incorporação contínua de novos parâmetros, sua definição possui significado complexo (CORRÊA, 2011; LOPES, 2006; SILVA, 2010). Há uma multiplicidade de significados que ela pode assumir, principalmente, pobreza absoluta, relativa, objetiva e subjetiva, as quais são explicitadas a seguir.

A pobreza absoluta se pauta na noção de necessidades básicas. Em 1901, Rowntree analisou e mediu o conceito de necessidades básicas, as quais incluíam combustível, luz, aluguel, comida, roupas, utensílios domésticos e pessoais. Sendo reconhecido como pioneiro nesse estudo, foi possível estabelecer um nível mínimo para a sobrevivência, e ter a noção de que a pobreza poderia ser erradicada. Enquanto isso, a pobreza relativa se remete à análise da pobreza face aos padrões sociais em geral (CAPUCHA, 2005; CORRÊA, 2011; GIDDENS, 2005; PERISTA & BAPTISTA, 2010; SILVA, 2002).

A pobreza objetiva se baseia num padrão de referência que tipifica as situações de pobreza, permitindo caracterizar objetivamente os pobres. No caso da pobreza subjetiva, entende-se que as melhores formas de a definir são construídas pelos próprios grupos sociais (CAPUCHA, 2005; CORRÊA, 2011; GIDDENS, 2005; PERISTA & BAPTISTA, 2010; SILVA, 2002; TOWNSEND, 1971).

A diversidade de significados em torno da pobreza não diminuiu as dificuldades para mensurá-la, o que levou a uma técnica comum de medição da pobreza absoluta por meio da linha da pobreza, a qual se fundamenta no preço de elementos básicos, como moradia, roupas e alimentos em uma determinada sociedade, considerando que sujeitos abaixo da linha vivem na pobreza. Muitos no campo pesquisado estão nessa condição, porém ela não se refere ao limite humano, mas sim ao limite das condições de vida, de maneira que não estamos submetidos à linha da pobreza neste trabalho, mas a utilizamos somente como mais uma informação. Inclusive, considerar apenas questões econômicas já se tornou uma problemática, pois esses critérios não incluem todas as diferentes necessidades humanas existentes em uma sociedade. Com o crescimento do debate científico, o conceito de

pobreza se ampliou, principalmente, na década de noventa. (CAPUCHA, 2005; GIDDENS, 2005; LEAL, 2010; SILVA, 2002, 2010).

Assim, apesar de existir uma divisão em duas perspectivas, culturalista e socioeconômica, e da relação do termo pobreza, sob um viés econômico, especialmente, com os níveis e condições de vida, isso não limitou a mescla de ambas as perspectivas, vinculando a esse episódio o desenvolvimento de outros conceitos em torno da pobreza, abordados de forma mais precisa ao longo do texto, e passando a compreendê-la como um fenômeno multidimensional. Portanto, como discorre Soares (2009, p.333), há conexões entre elementos no mesmo campo, como é demonstrado por algumas terminologias usadas para definir a pobreza, como nível baixo de renda ou consumo, subdesenvolvimento humano, exclusão social, vulnerabilidade, falta de recursos, necessidades básicas não atingidas e privação, o que evidencia como diversos conceitos são incorporados à definição de pobreza, visto que em determinados casos, estes exercem uma relação complementar, mas não desempenham um papel, constante, de sinônimos.

Desta forma, o conceito de pobreza no período dos anos noventa abarcou a ideia de bem-estar, enfatizando como as pessoas percebiam sua situação, ao passo que cada indivíduo compreende sua própria situação de modo variado, e essa percepção é afetada pela consciência sobre seus direitos, escolaridade, entre outras questões. Considerando a realidade do território próximo ao Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, percebemos a baixa escolaridade, apenas superficialmente incorporada à construção da cidadania, o que se reflete em como enxergam sua vida.

Outra perspectiva, inspirada no pensamento de Amartya Sen (1999), atribui importância principal a dois conceitos por ele estabelecidos: a habilitação, que permite o acesso de que os indivíduos podem dispor, e a capacidade para que estes possam tentar encontrar as condições ideias que desejem. A ONU (Organização das Nações Unidas) investiu nessa concepção, defendendo o desenvolvimento de um país atrelado às oportunidades oferecidas à sua população para fazer escolhas e exercer sua cidadania, incluindo a garantia dos direitos sociais básicos, como saúde e educação, mas também a segurança, liberdade, habitação e cultura. Assim, o conceito de desenvolvimento humano envolve oportunidade, escolha, liberdade, dignidade, autoestima e respeito do próximo. Também neste contexto, é considerado importante ter acesso a sistemas democráticos e legais, direitos assegurados, mercados e previdência social e, com isso, conceitos como vulnerabilidade e exclusão social entram na discussão do período como parte das dimensões que a pobreza abrange (CAPUCHA, 2005; GIDDENS, 2005; SILVA, 2002, 2010).

De acordo com o dicionário, o conceito de vulnerabilidade é o estado do que é ou se encontra em fragilidade. Esta fragilidade vai além de questões econômicas, logo, a vulnerabilidade pode ser considerada como mais um elemento na busca de se compreender

o fenômeno pobreza e suas consequências, mas não o único. Entretanto, devido ao precário acesso à renda, por exemplo, os sujeitos ficam privados ou com dificuldade de exercer a autonomia, a liberdade, a dignidade, ou exercer os meios materiais. (COSTA et al, 2018).

Essa concepção se aproxima da vulnerabilidade, vista como precariedade na obtenção e garantia de direitos e proteção social, trazendo inseguranças pelo pequeno ou nulo acesso a serviços e recursos para a manutenção da qualidade de vida (CARMO & GUIZARDE, 2018). Ainda, de acordo com Castro e Abramavoy (2002), o público infanto-juvenil que se encontra em uma situação de vulnerabilidade social, em grande maioria, vive em comunidades periféricas das grandes cidades.

Também há a concepção de uma crise econômica, na qual o aumento do desemprego ou subemprego eleva a vulnerabilidade, pois é pelo trabalho que se organizam o direito social e a seguridade social (CASTEL, 2005). Deste modo, a concepção de vulnerabilidade tem sido discutida por seu caráter multifacetado, o que conduz à possibilidade da vulnerabilidade estar acompanhada da pobreza.

Já o termo exclusão social surge inicialmente na Europa, a partir dos estudos de Dupas (1998). Desde a década de 90, porém, seu uso tem se ampliado consideravelmente e, por vezes, torna-se vago ou equivocado, por estar presente em diversos discursos, como políticos e intelectuais, e fazer referências a uma série de problemas, como a pobreza, vulnerabilidade, discriminação, privação de direitos e dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

A exclusão social é definida por Adulis e Fischer (1998, p.22) como a privação dos direitos humanos e sociais classificados por parte das sociedades contemporâneas como básicos e universais. Assim, o conceito de exclusão social estaria diretamente relacionado com os direitos universais; portanto, a exclusão seria a ausência de cidadania (SPOSATI, 1999, p.128).

Contudo, o termo é construído de acordo com a realidade, e se olharmos para um contexto no qual a exclusão social é o cerne do debate, podemos vinculá-lo, principalmente, a questões trabalhistas, como o desemprego, a instabilidade profissional e a precarização do trabalho (ANTUNES, 1994), além da desqualificação social (PAUGAM, 1999), ligando-o ainda ao afrouxamento das relações sociais, da crise de identidades (CASTEL, 1999) e da ruptura da cidadania, as quais marcaram a década de 80, e se aprofundaram na década de 90, nos países capitalistas avançados (SILVA, 2002, 2010).

O Brasil nesse período não se encontrava dentro desse grupo de países, porém, ainda podemos destacar a formação sócio-histórica e econômica da sociedade brasileira. Dessa maneira, considerando como a pobreza aumentou devido à concentração de riquezas socialmente produzidas e dos espaços territoriais, além da especulação imobiliária no meio urbano, esses fatores formaram um permanente contingente populacional à

margem, o qual nunca esteve inserido em nenhum momento, principalmente no que se refere ao trabalho formal, fazendo parte de uma conjuntura estrutural que os torna massas de trabalhadores autônomos ou assalariados com uma vida precária (SILVA, 2002, 2010; KOWARICK, 1999).

Nesse sentido, os termos se tornam bastante diferenciados enquanto conceitos científicos e, por esta razão, é importante estruturar uma definição completa e pertinente ao seu campo (SILVA, 2010). Assim, ao longo do texto, foi posto como a temática da pobreza também é objeto de preocupação e abrange a questão da exclusão e da vulnerabilidade no campo teórico-conceitual; porém, há posicionamentos para os quais esses fenômenos diferem entre si, mas ainda podem ser complementares, visto que, embora não exista pobreza sem exclusão social, também existem formas de exclusão social que não implicam em pobreza (PERISTA & BAPTISTA, 2010), e a vulnerabilidade se incluiria nessa lógica.

Desta maneira, utilizamos neste projeto, além da concepção de território de Milton Santos (2000), o conceito da pobreza pautado enquanto fenômeno estrutural, multidimensional, por sua complexidade, com uma construção histórica, não sendo apenas insuficiência de renda, por sua repartição injusta e desigual entre as classes sociais, que aprofundou um processo excludente e reprodutor dessa pobreza, mas retratando também a privação dos direitos, como moradia inadequada, fome e inexistência de infraestrutura urbana, do acesso a serviços básicos, como saúde e escola, ao trabalho, bem como a inserção precária no mercado, a baixa renda e a não participação social e política, como descrita por Silva (2002, 2010) e Vaz & Jannuzzi (2014).

2.3. TERRITÓRIOS MARCADOS POR ATERROS/LIXÕES

A pobreza é multifacetada e fruto de uma estrutura com construção histórica. Nessa pesquisa, estamos imersos em um local marcado pela prévia existência de um Aterro controlado, o que expressa uma pobreza conjuntural. Ocupando uma posição de destaque na história desse lugar, o lixo é, também, objeto de discussão em todos os países, e ainda que seja um assunto negligenciado, é impactante para o planeta.

Essa negligência se materializa nos lixões, os quais vêm sendo utilizados como destino final dos resíduos sólidos ao longo dos anos, no lugar de aterros sanitários. A clandestinidade não é atributo dos lixões desde o seu início; no entanto, embora atualmente o seja, a prática do descarte a céu aberto ainda é uma realidade mundial (ISWA, 2015). Sem o devido planejamento, o tratamento fortuito dado ao lixo ecoa na degradação do planeta, haja vista sua consequência deletéria ao meio ambiente, cabendo também, por isso, ressaltar a importância de se ter um olhar mais atento para os territórios marcados por aterros e lixões.

Do outro lado do globo, países como China, Malásia e Filipinas têm colocado fim a uma cultura de exportação e importação de lixo, instaurada com o intuito de remanejar as responsabilidades inerentes a ele, no que se refere tanto ao custo na destinação final quanto à poluição, como a pegada ecológica de cada país exportador, a qual diminui à medida que o lixo é, por sua vez, exportado. Dentro desse modelo de exportação, podemos citar países como Canadá, Austrália e, como maiores exportadores do ocidente, Estados Unidos e União Europeia (MAPLECROFT, 2019). A despeito de as restrições a esse tipo de comércio estarem aumentando, o mesmo continua afetando outros países, tal como um efeito colateral, em uma espécie de manutenção da solução arbitrária à questão do lixo.

Ainda que esteja expressamente associado à quantidade gerada, o impasse dos resíduos sólidos estabelece também uma forte relação com o tratamento recebido. Nesse sentido, nos países mais desenvolvidos, esses resíduos representam um menor risco à saúde de suas populações, muito por conta da disposição final ser o aterro sanitário, o qual conta com um planejamento mais desenvolvido no que diz respeito à localização, estrutura e controle de emissões e impactos. Como resposta a tal configuração, na tentativa de oferecer um caminho de fato sustentável e globalmente abrangente, a Associação Internacional de Resíduos Sólidos, cuja representante brasileira é a ABRELPE (Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais), soma esforços através de uma campanha internacional, iniciada em setembro de 2016, que objetiva o fechamento dos 50 maiores lixões do mundo, dado seus efeitos deletérios para o meio ambiente e para a sociedade, ao considerarmos a elevação dos riscos de saúde associados à poluição que causam (ISWA, 2015).

O maior deles, localizado na Indonésia, é o Lixão de Jacarta, a capital do país, que apesar de contar com uma fiscalização mais intensa que outrora, mantém questões a serem trabalhadas. De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), a abertura e transferência do lixão ou aterro controlado para um aterro sanitário apresenta enorme complexidade devido ao planejamento e manutenção requeridos por essa modalidade, que exige investimentos substanciais (PNUMA, 2005). Outro fator que dificulta a implementação plena da Lei nº 12.305/10, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, está na operação inadequada do aterro ocasionada pela falta de esclarecimento sobre cada uma das principais formas de disposição final de resíduos e dejetos, a saber, aterros sanitários, aterros controlados e lixões⁴ (SNIS, 2019). As múltiplas percepções que

_

⁴Aterro sanitário: Técnica de disposição de resíduos sólidos urbanos no solo, sem causar danos à saúde pública e à sua segurança minimizando os impactos ambientais, método este que utiliza os princípios de engenharia (impermeabilização do solo, cercamento, ausência de catadores, sistema de drenagem de gases, águas pluviais e lixiviado) para confinar os resíduos e rejeitos à menor área possível e reduzi-los ao menor volume permissível, cobrindo-o com uma camada de terra na

se tem sobre tais modalidades dificultam a aplicação e o cumprimento dos critérios estabelecidos para atender, enfim, o conceito de aterro sanitário estabelecido pela nova lei. Além disso, outras barreiras a serem elencadas são: a infraestrutura e equipamentos deficientes, decorrentes do orçamento deficitário dos governos locais no setor de resíduos; a falta de um sistema de informação, impossibilitando a coleta de dados sobre resíduos em aterros sanitários; a lacuna que existe no gerenciamento dos catadores, expondo-os a todo tipo de resíduo e circunstância e, possivelmente, inadequações no planejamento dos locais que irão abrigar os futuros aterros (MEIDIANA & GAMSE, 2011).

É importante resgatar que, independentemente do nível, o descarte final do lixo, a depender de como se realiza, traz consequências em qualquer ponto geográfico. A Rússia, o maior país do mundo em dimensão territorial, produz mais de 70 milhões de toneladas de resíduos por ano, no entanto, não conta com uma estrutura consolidada de coleta seletiva e reciclagem, de modo que o acumula em lixões (PNUMA, 2019). Conforme reportado pelo jornal americano The New York Times, em abril de 2018, a cidade de Volokolamsk foi palco de um protesto exigindo o fechamento do aterro sanitário de Yadrovo. A mobilização popular se deu em função da intensificação das atividades do aterro, que se tornou o destino do que deveria ir para um aterro próximo, mas que fora fechado após semelhante reivindicação dos moradores, devido à sobrecarga de despejo indo além de sua capacidade. Em ambos os casos, o requerimento se baseava na qualidade do ar, impregnado de gás metano e sulfeto de hidrogênio, causando, além de mau cheiro, elevada toxicidade para a população, revelando que o problema de resíduos é uma questão sistêmica.

Na República da Índia, devido à expressiva população, que a coloca como o segundo país mais populoso do mundo, esta assume, como esperado, um papel de destaque na produção de resíduos. Na capital do país, Nova Delhi, em números, isso corresponde a cerca de 29 milhões de habitantes produzindo, em média, 9 mil toneladas de lixo por dia, sendo grande parte desse descarte realizado no lixão da cidade, o lixão de Ghazipur. Esse lixão impressiona por seu tamanho, havendo uma previsão de que, em 2020, poderia ultrapassar um dos principais pontos turísticos do país, o Taj Mahal, que conta com 73 metros de altura (PHYS, 2019). Segundo o PNUMA, o lixão é frequentado por famílias e afeta diretamente muitas crianças, as quais deixam de frequentar a escola para trabalhar. De fato, há famílias alocadas à beira dessa montanha em condições precárias, a saber: sem acesso à água potável, utilizando água suja para se higienizar, beber e cozinhar.

conclusão de cada jornada de trabalho, ou a intervalos menores, se necessário (adaptado da NBR 8419:1992).

Aterro controlado: Forma inadequada de disposição final de resíduos e rejeitos, no qual o único cuidado realizado é o recobrimento da massa de resíduos e rejeitos com terra.

Lixão: Forma inadequada de disposição final de resíduos e rejeitos, que consiste na descarga do material no solo sem qualquer técnica ou medida de controle (BRASIL, 2010)

Além de outros lixões localizados na capital, Ghazipur é responsável por poluir a cidade através das partículas tóxicas que exala, capazes de amarelar as folhas das árvores e contaminar as águas dos lençóis freáticos, que por sua vez adquirem uma coloração escura (PNUMA, 2019).

A República do Quênia, no continente africano, reforça o revés associado ao lixo. Segundo o PNUMA, a má gestão do lixo sólido está entre as queixas mais frequentes da população queniana. O estimado é que cerca de 2 mil toneladas de lixo, geradas diariamente por 6 grandes cidades do país, não sejam coletadas, o que significa dizer que aproximadamente 33% do lixo é exposto nas ruas (CHEBET, 2017). Um dos lixões, com mais de 15 hectares, situa-se no coração das favelas de Korogocho, Baba Ndogo, Mathare e Dandora, em Nairóbi. Apesar de ter sua capacidade máxima atingida em 2001, o lixão teve sua operação continuada, afetando os menos favorecidos na escala socioeconômica. Apesar de ser visto como um local de possível oportunidade de trabalho, os trabalhadores que para lá se deslocam se expõem a elevados níveis de poluição. Tal como um caso de racismo ambiental, a população mais pobre de Nairóbi é impactada pelos resíduos provenientes de toda a grande região da cidade, sem restrição, o que inclui aqueles de natureza industrial, agrícola, doméstica e médica, representando, portanto, um alto perigo de contaminação a partir de elementos potencialmente danosos à saúde do ser humano (EJATLAS, 2015).

Do lado de cá, em Brasília, encontra-se o Lixão da Estrutural, o qual, antes de encerrar suas atividades de recebimento de resíduos domésticos no início de 2018, foi eleito pela Associação Internacional de Resíduos Sólidos (Iswa) como o segundo maior lixão em operação nos cinco continentes. Marcada por invasões territoriais, a Região Administrativa (RA) Estrutural-DF abrigou esse grande vazadouro a céu aberto desde o início da década de 1960, o que guarda relação com sua atual realidade socioeconômica. Ao longo das edições da Pesquisa Distrital por Amostragem Domiciliar (PDAD), realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN - DF), o que se observa é uma significativa variação no nível de renda domiciliar entre as regiões administrativas do Distrito Federal, sendo a SCIA-Estrutural uma das que se mantém com a menor Renda Per Capita. De maneira sucinta, segundo a PDAD de 2013/2014, a região apresentava uma população de baixa escolaridade, a maioria da qual não concluiu o ensino fundamental, e cujo tipo predominante de residência são as casas em alvenaria, sendo que menos de 1/5 delas se encontra em terreno regularizado. Ademais, sua atuação no mercado de trabalho com carteira assinada não corresponde a cinquenta por cento dessa população. Segundo relatório anual emitido em 2019 pelo Serviço de Limpeza Urbana (SLU), o encerramento do lixão representa um avanço considerável, haja vista a duração de suas atividades, que somam grandes malefícios. Embora seja uma conquista, sendo até mesmo apresentado como modelo a ser seguido no Congresso Mundial da Iswa, realizado em Kuala Lumpur, na Malásia, em outubro de 2018, os impactos gerados pelo encerramento das atividades implica, para os catadores, um novo desafio.

Em matéria publicada em janeiro de 2018 pela Agência Brasil de Comunicação (ABC), o que se configura é a insatisfação por parte dos trabalhadores em relação à nova dinâmica de trabalho, que passou a se dar por meio de cooperativas e associações contratadas. Outro ponto causador de críticas está na alegação de falta de pagamento mensal, uma promessa do governo do Distrito Federal que, segundo eles, não foi plenamente cumprida. A publicação feita em julho de 2019 pelo Jornal Metrópole, corrobora com tais relatos, ao mencionar as críticas feitas pelos catadores, mesmo após um ano e meio do fechamento. Dentre os assuntos abordados, está a dificuldade de adaptação ao novo serviço, às vagas insuficientes nos galpões para triagem de lixo e, como principal motivo, conforme apontado pelo presidente da Cooperativa de Trabalho de Catadores de Materiais Recicláveis e Reutilizáveis Ambiental (Coopere), José Salustiano, está o faturamento menor do que aquele conseguido através do trabalho no lixão, o que é pouco estimulante, ainda que sejam ofertadas melhores condições de trabalho. O que aconteceu, pois, com o lixão da Estrutural, revela as variadas faces problemáticas do lixo, que atinge para além do ambiente, a saúde, o social e o econômico.

Segundo levantamento feito em 2014 pela Comissão de Meio Ambiente, Fiscalização e Controle (CMA), através da Subcomissão Temporária de Resíduos Sólidos, a falta de qualificação e dinheiro também são apontadas como as principais barreiras da execução de ações necessárias para o alcance de um tratamento adequado do lixo no território nacional (BRASÍLIA, 2014). Dessa maneira, pode-se traçar uma relação entre o nível de desenvolvimento econômico e as modalidades de disposição final do lixo, o que também pode ser aplicado a nível regional. Segundo o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), em publicação referente ao ano de 2018, verifica-se, quanto à distribuição regional dos principais tipos de unidades em operação, que a grande maioria dos lixões é encontrada na macrorregião Nordeste, que computa 588 unidades, 56,7% do total de lixões cadastrados. Em seguida, em menor quantidade, aparecem as macrorregiões Centro-Oeste e Norte, com 177 e 154 unidades, respectivamente. Na sequência, figura a macrorregião Sudeste com 85 e, por último, a macrorregião Sul, com 33 lixões, o que corresponde a apenas 3,2% da quantidade total de unidades desse tipo cadastradas no SNIS (BRASIL, 2019), sendo esses dados apresentado no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Unidades de processamento de Resíduos Sólidos Urbanos

Tipo de unidade	Quantidade de unidades de processamento na				Total de	
de processamento	amostra por macrorregião geográfica (UP003)					unidades na
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	amostra
Lixão	154	588	85	33	177	1.037
Aterro controlado	39	61	362	39	39	540
Aterro sanitário	16	56	311	189	35	607
Unidade de triagem (galpão ou usina)	25	85	489	359	72	1.030
Unidade de compostagem (pátio ou usina)	1	4	50	12	3	70

Fonte: SNIS/MDR, 2019.

A despeito de ser uma das regiões menos afetadas pelos lixões, o sudeste brasileiro sustenta essa lógica ao examinarmos a relação espacial entre periferias e grandes metrópoles, observando que, em um mesmo estado, diferentes territórios podem ser afetados de diferentes maneiras pela questão do lixo.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Iniciamos com a 'Localização e dados de Jardim Gramacho' (3.1). Então, apresentamos a aproximação da realidade de Jardim Gramacho por meio da pesquisa documental com o jornalismo e um documentário, disponibilizados em mídia digital.

Desse modo, a imersão na história desse território, dando luz a diferentes momentos e buscando uma maior percepção da vida dos sujeitos ao longo do período de extinção do Aterro, ainda que à distância, abriu um cenário para historicização, por meio de uma seleção de matérias jornalísticas veiculadas no mundo virtual, intitulada como 'Coleta de matérias jornalísticas' (3.3). Já a aproximação do campo de pesquisa por meio do documentário se apresenta no item 3.4 (Um documentário sobre o território), e se baseou na relevância do enredo que cerca as questões associadas às relações entre os moradores, majoritariamente, dentro do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, que foi desativado.

Visto que o Aterro é um espaço de atuação dos 'personagens', e que suas narrativas dão visibilidade social à comunidade, o filme, enquanto arte, revela-se como uma possibilidade para apurarmos o olhar sobre expressões, informações, gestos, ajudando-nos a refletir sobre elementos das narrativas fílmicas como expressões gestuais no universo das entrevistas desses personagens. De maneira que, a partir do seu diálogo com o espectador, representando a sociedade como um todo, como proposto por Passarelli (2003), o filme contribui para a análise da visibilidade da pobreza, e dos modos de compreender mais profundamente questões sobre essa visibilidade. Portanto, utilizamos essas duas frentes, matérias jornalísticas e um documentário, voltados a historicização e a problematização, para, a partir daí, mergulhar no detalhamento das entrevistas, estabelecendo uma conexão entre as estratégias metodológicas.

Desta forma, descrevemos no item 3.2 o convite apresentado aos participantes do estudo, explicitamos alguns conhecimentos intrínsecos à entrevista aberta, e apontamos algumas etapas para a obtenção das entrevistas, numa adaptação à proposta de Jovchelovich & Bauer (2002) na seção 3.5. As entrevistas aconteceriam no bairro Jardim Gramacho, Duque de Caxias-RJ, utilizando a sede da Associação responsável pelo projeto social que será o principal contorno das análises, pela proximidade com a comunidade. O desenho de estudo foi adaptado ao surto do novo coronavírus (COVID-19) e seus desdobramentos, o qual marcou os anos de 2020/2021 com o uso de recursos virtuais em um contexto social e histórico, e problematizou uma realidade ainda mais vulnerável nesse momento. Nesse processo, há aspectos positivos e negativos, como a impossibilidade do contato físico com os moradores e a presença no local, o que proporcionaria observações diretas nesse ambiente de Insegurança Alimentar (IA). No entanto, ao redesenhar o estudo, trabalhamos a partir de um entendimento mediado com os agentes que denominamos de *transitantes* desse campo, o que viabilizou uma outra perspectiva de construção de

estratégias alimentares para a pesquisa, iluminando parte do papel da ausência do Estado e da apropriação de um terceiro setor.

Ainda neste tópico (3.5), é detalhada a transcrição, a qual se constitui como etapa importante e pode ser feita de diferentes maneiras, sendo utilizada nessa pesquisa uma adaptação da simplificação das convenções de transcrição de Jefferson (2004) (Anexo 3). O item 3.6, intitulado 'Os Estudos da Narrativa', aborda algumas teorias sobre narrativas e posiciona a pesquisa e o tratamento dos dados para compreender as estratégias alimentares, considerando o contexto social limitado por uma pobreza estruturada e estruturante, buscando analisar as narrativas sobre como conseguem resolver os problemas de alimentação da comunidade dentro de uma rotina, de certa 'natividade' de atividades, visto que são 'transitantes' do local há anos. Uma naturalização de ações fluidas que se apresentam em diversos formatos (BAMBERG & GEORGAKOPOLOU, 2008; BASTOS & BIAR, 2015; RIESSMAN, 1993) à luz do que Pierre Bourdieu denomina de jogo simbólico.

3.1. LOCALIZAÇÃO E DADOS DE JARDIM GRAMACHO

Dentro desse cenário de aterros e lixões no estado do Rio de Janeiro (RJ), como mencionado no item 2.3, encontra-se Jardim Gramacho, que embora seja pertencente ao 1º distrito do município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, revela uma realidade distinta daquela computada em um município que faz parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ).



Fonte: Google Maps

(https://www.google.com.br/maps/place/Rio+de+Janeiro/@-21.9527489,-44.2153054,8z/data=!4m5!3m4!1s0x981894cae28ac3:0x349c31ac10583d0!8m2!3 d-22.3534263!4d-42.7076107)



Figura 2. Duque de Caxias

Fonte: Google Maps

(https://www.google.com.br/maps/place /Duque+de+Caxias,+RJ/@-22.693088,-43.6359788,10z/data=!4m5!3m4!1s0x9 972edfbe838f5:0x672bb060c280a52a!8 m2!3d-22.7868557!4d-43.3130887)



Fonte: Google Maps

(https://www.google.com.br/maps/place/Jardim+Gramacho,+Duque+de+Caxias+-+RJ/@-22.7557118,-

43.2829079,15z/data=!4m5!3m4!1s0x9970dc54ed4e73:0xed4c58e24965cde4!8m2!3d-22.7553889!4d-43.2848133)

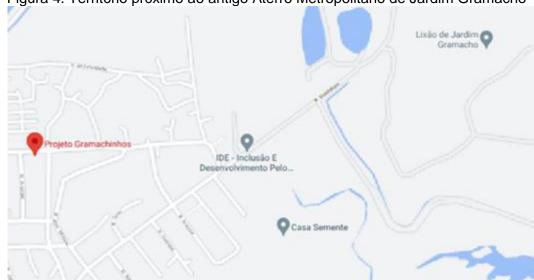


Figura 4. Território próximo ao antigo Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho

Fonte: Google Maps

(https://www.google.com.br/maps/place/Projeto+Gramachinhos/@-22.7491516,-43.2714249,16z/data=!4m12!1m6!3m5!1s0x9970eed1f9d8f7:0x270aeb7a29ea740a!2s Projeto+Gramachinhos!8m2!3d-22.7519423!4d-43.2766395!3m4!1s0x9970eed1f9d8f7:0x270aeb7a29ea740a!8m2!3d-22.7519423!4d-

43.2766395)

Figura 5. Localidade da Associação Projeto Gramachinhos



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

De acordo com o Mapa da desigualdade - Região Metropolitana do Rio de Janeiro, da Casa Fluminense (2020), a população de Duque de Caxias apresenta 84,5% dos domicílios tendo esgotamento sanitário adequado, 1,1% dos domicílios com tratamento de esgoto e salário médio mensal de 2,6 salários-mínimos. Além disso, se comparado a outros municípios localizados na microrregião, o PIB per capita de Duque de Caxias correspondia ao 4º lugar, com valores absolutos que chegam a R\$45.894,84 (IBGE, 2018).

Na periferia de Duque de Caxias fica Jardim Gramacho, um território marcado por sediar, durante cerca de 3 décadas, o antigo Aterro Metropolitano de Jardim de Gramacho (AMJG), que embora tenha modificado seu nome de lixão de Jardim Gramacho para Aterro

Metropolitano de Jardim Gramacho (AMJG), manteve as condições de lixão durante a maior parte de seu funcionamento. Ainda que atualmente esteja desativado, o AMJG está intrinsecamente ligado ao bairro, pois, de acordo com Milton Santos, o território é o chão mais as pessoas; com isso, houve influência deste na construção daquele - e vice-versa. Desse modo, os desdobramentos do "Aterro" ainda estão presentes na realidade de Jardim Gramacho, havendo, portanto, manutenção da falta de infraestrutura urbana e da existência de grandes bolsões de pobreza. Embora grande parte dos dados coletados façam menção ao período de funcionamento do AMJG, os mesmos ainda têm validade para um diagnóstico prévio sobre o bairro e a vida nesse lugar, dada a relação permanente entre ambos (IBASE, 2005; IETS, 2011).

A dimensão dos efeitos causados sobre essa população e esse território é vista através dos indicadores socioeconômicos, cujas análises apontam para problemas relacionados às mais variadas vertentes da sociedade, a começar pela insuficiência de renda. De acordo com um levantamento feito pelo Instituto de Estudos do trabalho e Sociedade (IETS), em 2011, se comparado com a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), o bairro de Gramacho apresentava um percentual de indigência três vezes maior, estando 43% da população situada abaixo da linha de pobreza, enquanto 16,4% estava abaixo da linha de extrema pobreza. A renda domiciliar per capita era correspondente a R\$ 370 reais mensais, a qual, ao ser correlacionada com o Coeficiente de Gini de Jardim Gramacho (0,44), revela uma renda média baixa, tornando-se um problema para quase toda a sua população (IETS, 2011).

Em relação às atividades econômicas no bairro de Jardim Gramacho, existem algumas divergências objetivas quanto ao impacto da desativação do Aterro nas condições dos postos de trabalhos locais, uma vez que apesar de ser mensurado por algumas pesquisas que cerca de 60% dos moradores do bairro estavam inseridos em funções ligadas ao Aterro, direta e/ou indiretamente (MEIRELLES & GOMES, 2009; PINTO, 2004), informações contidas em um diagnóstico publicado em 2007 pelo Observatório Urbano Estado do Rio de Janeiro (OUERJ) apontam para uma diversidade de atividades econômicas, dentre as quais se pode citar variados setores, tais como indústrias, fábricas, comércios e pontos de serviços, que apesar de serem relatados de maneira genérica, demonstram não guardar uma relação tão forte com o Aterro. Não obstante, sob uma perspectiva mais subjetiva, é inegável o impacto, ainda que moderado, sofrido pelas famílias cuja parte da renda advinha do Aterro. Em 2011, cerca de um quarto dos domicílios possuíam pelo menos um catador, e a renda domiciliar per capita desses domicílios era 21% inferior à dos demais domicílios do bairro. Portanto, ainda que a atividade de catação de materiais recicláveis estivesse ligada aos domicílios mais pobres, ela ocupava um importante papel na renda domiciliar per capita, correspondendo, em média, a 65%. Nos levantamentos que colocam a presença do catador no domicílio como uma variável, observamos que o mesmo implica em condições mais precárias, como é visto na grande discrepância entre a qualidade dos domicílios pertencentes aos catadores de Jardim Gramacho e a dos domicílios pertencentes ao restante dos moradores do bairro. Grande parte das moradias que abrigam um catador é considerada rústica, pois utilizam em sua construção materiais não duráveis. Assim, de acordo com o IETS, temos que em mais de 1/3 dos domicílios de catadores, o piso é de material não durável (sendo 97% de terra batida) e em 31,2% deles, as paredes externas não são de alvenaria/tijolo, nem de madeira aparelhada – em 95% destes as paredes são de palha ou madeira aproveitada. Em 10,7% dos domicílios com catadores de materiais recicláveis, a cobertura do imóvel é de zinco ou madeira aproveitada. Desse modo, ainda que datados no período do funcionamento do AMJG, todo esse levantamento fornece elementos importantes para se entender a realidade que é vivida hoje, pois a retirada da renda proveniente da atividade de catação gera um impacto ainda maior sobre o bem-estar dessas famílias (IETS, 2011).

Quanto aos serviços e à infraestrutura básica dessa periferia, a pesquisa do IETS mostra uma disparidade se comparada aos padrões da RMRJ, reforçando, como esperado, o déficit enfrentado por Jardim Gramacho e, principalmente, pelos catadores. O acesso a serviços essenciais é bastante abrangente nas regiões metropolitanas, e na do Rio de Janeiro chega a 99,1%, quando o assunto é o abastecimento de água. Esse valor, entretanto, é bem diferente da realidade de Jardim Gramacho, onde apenas metade dos domicílios tem acesso à rede geral e canalização, e dos que recebem, cerca de 5% têm apenas a propriedade ou terreno (fora da casa) abastecido. Além disso, o abastecimento não é diário, sendo a maior parte (56%) abastecida duas ou três vezes por semana. Outro problema que caminha junto aos demais se refere ao saneamento básico: suspeita-se que o escoamento de pelo menos 15% dos domicílios de Jardim Gramacho seja feito de forma inadequada (IETS, 2011).

Sobre o perfil educacional da população de Jardim Gramacho, percebemos que a desigualdade avulta na comparação com a RMRJ. Enquanto a taxa de analfabetismo em Jardim Gramacho é de 9,6%, a taxa verificada na RMRJ é três vezes menor, e se na RMRJ a porcentagem de pessoas com o Ensino Médio completo ou um nível de instrução mais alto é de 47,7%, no bairro da periferia o nível corresponde a quase metade disso (IETS, 2011).

Aquém da posição geográfica, os problemas associados aos lixões não parecem sofrer influência de questões culturais, pois eles se igualam e parecem uma constante em qualquer lugar, principalmente do ponto de vista socioambiental. Assim, os efeitos deletérios da má gestão dos resíduos se apresentam independentemente da localização geográfica, mas há de se ressaltar que é em países menos desenvolvidos sua maior recorrência, revelando, por isso, casos de injustiça ambiental (ISWA, 2015; MARTUZZI et al, 2010).

Além disso, outros efeitos negativos dessa questão se fazem notáveis nas condições de vida e saúde de catadores informais (MARTUZZI et al, 2010), os quais, dentre outros, guardam relação com riscos químicos, infecções, danos ergométricos, traumas mecânicos e vulnerabilidades emocionais (BINION & GUTBERLET, 2012). A repetição da dinâmica nesses diferentes cenários nos leva à reflexão sobre as relações sociais que neles estão colocadas. Ao elencar essas relações a uma estrutura política, social e econômica, percebese que a mesma se organiza em um modelo global de exclusão, de modo que toda a problemática atinja de forma mais intensa, e cruel, determinados grupos sociais, revelando vulnerabilidade e exclusão social.

Diante do exposto, percebe-se, novamente, a necessidade de se voltar o olhar para aterros e lixões, especialmente aqueles que funcionam de modo irregular, dando um caráter clandestino à atividade do catador. Essa clandestinidade, por sua vez, notabiliza pontos importantes acerca destes cenários enquanto lugares que acolhem a vida e o trabalho humano. Como evidenciam os casos de Jardim Gramacho e da Estrutural, a desativação dos lixões e/ou aterros não guarda relação direta com a resolução de questões socioeconômicas, as quais são mantidas. Outrossim, a interação entre fatores ambientais e sociais torna mais complexo o entendimento acerca dos desdobramentos e a assimilação das causas, no entanto, permanece evidente, sob qualquer perspectiva, que a qualidade de vida desses sujeitos é, tal como o território que ocupam, secundarizada: parece ser vista apenas enquanto alimenta, oficialmente, a economia. A atividade, agora recôndita, evidencia a ausência de cidadania acentuada pelo não-exercício do papel do Estado.

3.2. COLETA DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

De acordo com o conceito de território de Milton Santos, entende-se que se aproximar dele é uma etapa importante para compreender a composição desse espaço e sua trajetória, e reconhecer os sujeitos que ali vivem. Nesse sentido, a pesquisa documental por meio de matérias jornalísticas se configura como uma possibilidade de articular a história contada do/no local com suas práticas sociais, a fim de iluminar alguns elementos para melhor compreensão das questões do estudo (CELLARD, 2012).

Essa foi uma etapa importante para assimilarmos algum conhecimento sobre o bairro Jardim Gramacho, Duque de Caxias-RJ, mais especificamente a área próxima ao Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho. Assim, nosso objetivo é averiguar, ao menos, parte da história deste lugar, como uma estratégia de reunir informações sobre este território, em diferentes períodos. Desse modo, ponderamos a vivência dos sujeitos e a multidisciplinariedade de questões, como moradia, saúde e alimentação sob a ótica da SAN (ALVES & JAIME, 2014; BURLANDY, 2004). As matérias selecionadas foram narrativas jornalísticas veiculadas na *internet*.

Os materiais selecionados foram compostos por matérias de quatro jornais, Folha de São Paulo, Jornal da PUC, El País e O Globo, e por um Diagnóstico Social sobre Jardim Gramacho, realizado pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), FURNAS Centrais Elétricas S.A., e pelo Comitê de Entidades no Combate à Fome e Pela Vida (COEP). O primeiro critério para escolha consistiu no fato de todos serem de circulação nacional e abordarem diferentes períodos de publicação, a fim de reunir os diversos momentos de Jardim Gramacho. Além disso, optou-se por informações de instituições de estudos e universidades conceituadas, como o Diagnóstico Social e a reportagem da PUC, e por matérias de jornais reconhecidos e de ampla circulação, que apresentam fontes, datas e nomes dos jornalistas.

Assim, para a imersão na história desse lugar por meio virtual, utilizamos as seguintes matérias: "A realidade de Gramacho seis anos depois", do Jornal da PUC, de maio de 2018; "A 30 quilômetros de Ipanema, a vida passa com menos de três reais por dia", do Jornal El País, de dezembro de 2017; "G1 relata abandono de moradores de Gramacho, 3 anos após lixão fechar", "Lixões clandestinos em Gramacho oferecem risco à saúde de moradores", ambas de julho de 2015, sendo que essas duas fazem parte da série de reportagens sobre lixões no Estado do Rio, produzida pelo portal de notícias brasileiro mantido pelo Grupo Globo e sob orientação da Central Globo de Jornalismo, Profissão Repórter – Gramacho, 2012, além da matéria "Jardim Gramacho: a vida num dos maiores aterros sanitários do mundo", de maio de 2011, do mesmo grupo, Globo; "Catadores temem futuro após fim de aterro no Rio", matéria da Folha de São Paulo, publicada em novembro de 2008, e "Diagnóstico Social de Jardim Gramacho", de agosto de 2005, realizado pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), FURNAS Centrais Elétricas S.A e pelo Comitê de Entidades no Combate à Fome e Pela Vida (COEP).

A escolha por matérias jornalísticas se justifica por estas se apresentarem como uma ferramenta de representação e compreensão da história (MATHEUS, 2010). Portanto, esses materiais possibilitaram a reconstrução de partes de um período de Jardim Gramacho, através de um processo de questionamentos e reflexões, possibilitando o diálogo com a sociologia, amparado, principalmente, em Loïc Wacquant, na produção "As prisões da miséria", a qual vai ao encontro da ideia de periferia marginalizada e violentada.

Apesar desta obra de Wacquant dar enfoque às políticas públicas dos Estados Unidos da América (EUA) e da Europa, mostra-se pertinente, pois as mesmas podem se dar de maneira mais grave nos países periféricos ou semiperiféricos, como o Brasil, trazendo esse contexto com preocupação no prefácio da edição brasileira, tendo em vista que no Brasil existem dificuldades para estruturar um Estado de bem-estar social, revelando fortes desigualdades sociais.

3.3. UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O TERRITÓRIO

O documentário abordado é o "Lixo Extraordinário" (WASTE LAND) da Almega Projects e O2 Filmes, lançado no Reino Unido e no Brasil em 2010, ganhador dos prêmios: Prêmio de cinema de direitos humanos – Anistia Internacional – Festival de cinema de Berlim 2010; Prêmio do público – Documentário do cinema mundial – Festival de cinema de SUNDACE 2010; Prêmio do público – Festival Internacional de Cinema de Berlim 2010; Vencedor de melhor documentário e Prêmio Pare Lorentz – IDA – Prêmio de documentário 2010, além de ser indicado para o OSCAR de 2011 de Melhor Documentário.

A opção por este gênero cinematográfico se pautou na provável transmissão de autenticidade da obra (NICHOLS, 2005). Caracterizada por ser uma produção artística não-ficcional, esta pode complementar, pelas imagens articuladas a um roteiro, algumas análises deslocadas no tempo. Pode ainda, a partir de questões que circundam a existência de aterros, provocar amplo debate, uma vez que este documentário teve expressiva circulação. A construção de uma narrativa sobre e no Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho foi condicionante para consolidar sua escolha, enquanto material de análise, considerando o campo de interesse desta pesquisa.

Assim, o filme contribuiu como estratégia metodológica por se constituir, neste estudo, uma ferramenta analítica sobre o território, vislumbrando uma interlocução com as narrativas. Desse modo, o documentário será apresentado como instrumento capaz de agregar fatos históricos e informações que despertam reflexões sociais, e possibilita uma melhor compreensão das futuras narrativas deste lugar.

Dessa maneira, a intenção é utilizar um filme, como Passarelli (2003) defende, sendo a soma da produção, direção, sons, diálogos, atores e cenas. Sua interpretação pode acontecer por diferentes lentes analíticas, pois o método proposto compreende um filme pelos conceitos da dialogia e enunciação, revelando que o sentido do filme somente é produzido quando acontece a relação dialógica entre espectador e objeto fílmico. Nesse sentido, no presente trabalho, o espectador também ocupa a posição de pesquisador e, com isso, o espectador, além de refletir sobre o filme, desenvolve inserções teóricas sobre o território, objeto do filme.

Posto isso, este trabalho busca se aproximar do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, indo além da descrição, de modo a realizar uma análise crítica à luz de conceitos da sociologia. Nesse sentido, a fundamentação da análise contempla um cenário político e social produtor de classes, com territórios marcados pela pobreza, pois a lógica do sistema é perpetuar o privilégio e a desigualdade por meio de um espaço social onde existem diferentes tipos de capital. Mesmo imerso em um contexto artístico, há uma perpetuação da distinção, simbolizando como um território pode ter diversas relações de poder e simbólicas (BOURDIEU, 2001; 2007; SANTOS, 1988; 1994; 2000).

Portanto, fundamentamos uma análise crítica sobre a construção de Jardim Gramacho apresentada no filme, de acordo com os conceitos da sociologia, principalmente os termos de Pierre Bourdieu. Assim, as relações sociais que envolvem os capitais cultural, social e simbólico, bem como o conceito de distinção, iluminaram o processo analítico sobre esse território. A partir da vivência do pesquisador, socialmente informado, em um projeto de extensão, conforme apresentado acima, o referencial teórico mediou a construção de instrumentos conceituais que foram aplicados na análise desta pesquisa e nos permitiram enxergar subjetividades.

Dessa forma, estruturamos o texto com o compromisso de refletir sobre algumas relações sociais construídas no Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho e, para tanto, destacamos do enredo alguns trechos que contribuíram com elementos simbólicos para nossa análise sobre a aproximação com o território, por meio de uma análise fílmica.

Trata-se de uma filmagem de quase três anos, a qual acompanha o artista Vik Muniz desde o seu estúdio no Brooklyn, Nova York, até o momento em que viaja para seu país natal, o Brasil, ocasião em que passa a frequentar Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, considerado um local com um dos maiores aterros da América Latina.

3.4. CONVITE AOS AGENTES DO CAMPO

Em um mergulho mais profundo no campo, buscamos atores que pudessem colaborar com nossa pesquisa, deste modo, destacamos a importância do cuidado com a identificação, situação e condição desse sujeito e no cenário construído para a pesquisa. Assim, disponibilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), configurando-se um instrumento de compromisso com a ética da pesquisa diante dos participantes. Escolhemos atribuir pseudônimos aos indivíduos nas transcrições, considerando o número restrito de participantes nesse projeto e que todos possuem relação com Jardim Gramacho, com idade acima de 18 anos.

Como mencionado, importa preservar os participantes e compreender as estratégias alimentares no universo de pesquisa, para tanto buscamos a conexão entre território e as histórias contadas a partir de vivências naquele lugar. Desse modo, os participantes da pesquisa precisam ter uma relação de familiaridade, o que neste estudo não restringiu o convite aos moradores, mas a agentes legitimados no campo.

No contexto social, os agentes fazem ajustes se reorientando à luz das expectativas dos outros. O reconhecimento de códigos de significação do território torna os agentes parte do jogo simbólico. Mais do que a moradia local, foi necessário que os participantes pudessem levantar questões sociais, alimentares e aspectos interacionais para análise, com conhecimento de causa. Nesse sentido, os participantes foram agentes chave na compreensão da vida cotidiano no território. O rigor estava no potencial mediador deles,

entre os estímulos e respostas que o território impõe, com seus limites nas alternativas alimentares na cultura local. Foi objetivo da seleção a inclusão do aspecto de extrema necessidade, próprio da cultura local, sem idealizações, observando na distribuição de alimentos uma forma de relação social estruturadora de um jogo simbólico, ordenador do ambiente.

Assim, os convites para a participação da pesquisa estão relacionados à interação dos participantes com o local, no que diz respeito às estratégias de alimentação pertinentes às condições específicas desse território. A elaboração de atividades cotidianas in loco é marcada pela Associação Projeto Gramachinhos. A presença da Associação norteou a experiência com a distribuição de renda e alimentos de modo legitimado na comunidade. Observamos que isso não só a vincula ao território, mas estabelece uma conexão explicitada pelo compromisso, assiduidade, gestão, responsabilidade e autoridade construídos na cultura local.

Essa relação extensa com o lugar e os moradores acontece por meio das diversas ações associadas ao projeto, algumas esporádicas e outras rotineiras, em convivência com a universidade. Essas ações constituem, principalmente, aulas e distribuições de alimentos. Heitor, um dos integrantes da Associação, esteve presente nas atividades realizadas pelo grupo de extensão como parceiro em todas as práticas. Já o contato com Lúcia ocorreu por intermédio da orientadora do projeto de extensão. Embora sua presença não tenha levado à conversação, houve uma troca de mensagens entre as coordenadoras dos dois projetos, Jardim Gramacho e extensão UFRJ, para convidá-la a participar da pesquisa.

Assim, o que nos levou a convidar esses responsáveis para o escopo das entrevistas foi o envolvimento dos agentes sociais articulados ao cotidiano de ações no território de estudo. Frente à pandemia, o que seria presencial foi adaptado para a modalidade à distância, com isso, a internet se tornou uma alternativa segura para a metodologia de estudo e um contato possível com os participantes.

3.5. ENTREVISTAS E TRANSCRIÇÕES

A entrevista é uma técnica de campo amplamente usada para geração de dados sobre um determinado tema científico (BONI & QUARESMA, 2005). É uma técnica positiva para estudos exploratórios, no nosso caso virtual, e oferece uma visão aproximativa do objeto estudado (GIL, 1999). Com isso, consideramos neste trabalho a entrevista como uma situação social com potencial para a geração de dados, a fim de refletir tanto sobre questões sociais quanto sobre aspectos interacionais.

Além disso, a mesma pode ser vista como um procedimento seguro e flexível de coleta de dados (GIL, 1999), e como um método familiar, já que estamos cercados de entrevistas de emprego, pesquisas de senso, formulários, pesquisas de satisfação e

pesquisas acadêmicas (SOUZA, 2018). Desta maneira, a escolha não precisa ser por um método rígido, permitindo usar um ou um conjunto de formas com rigor (BOURDIEU, 2008).

Há diversos tipos de entrevistas, sendo mais empregadas as entrevistas projetivas⁵, entrevistas com grupos focais, história de vida, entrevistas estruturadas, abertas e semi-estruturadas (BONI & QUARESMA, 2005). Já as entrevistas tradicionais focam na troca de perguntas e respostas entre pesquisador e pesquisado, na tentativa de padronizar os estímulos e respostas, valorizando o distanciamento do objeto e se colocando em uma posição de neutralidade (BASTOS & SANTOS, 2013). Entretanto, dentro dessa multiplicidade de modos, optamos pela entrevista aberta.

Lançamos mão da mesma, pois possui caráter flexível e se adequa à presente pesquisa. Não houve perguntas fixas para serem obrigatoriamente respondidas, mas sim um roteiro temático pré-elaborado, e todas se iniciam com a pergunta desencadeadora 'Como foi sua trajetória em Jardim Gramacho?' A escolha desse formato possui a finalidade de nortear todas as entrevistas, de modo a nos distanciar de respostas prontas e conduzir as entrevistas similarmente, cientes das mesmas como uma situação social (RIESSMAN, 1993; CRESWELL, 2007) e, portanto, dinâmica, plausível de modificações. Com isso, temos o enfoque nas narrativas, para possibilitar a busca de elementos que possam estar associados à alimentação e ao contexto alimentar, indo para além de determinada estratégia, e sim considerando o curso do pensamento do pesquisado de maneira atenta e cuidadosa, ou seja, buscando promover continuidade na conversação para manter uma lógica, esforçando-se para fazer perguntas menos diretas para conseguir uma narrativa mais espontânea (BOURDIEU, 2008).

As entrevistas abertas se enquadram principalmente em pesquisas exploratórias, sendo empregadas para obter o máximo possível de informações por meio do detalhamento dos pontos de interesse. Quanto à estrutura, depois de o pesquisador expor a questão, o participante possui liberdade para desenvolver a resposta, sendo uma maneira mais abrangente de entender uma questão. Daí, seguimos um roteiro com uma postura mais de ouvinte, com mínima interferência, apenas em caso de extrema necessidade, como o término precoce da entrevista. Estas podem ser utilizadas para a descrição de casos individuais, especificidades culturais com certos grupos, e para comparar variados casos (BONI & QUARESMA, 2005; MINAYO, 1993).

As entrevistas nesta pesquisa foram gravadas, pois é visto como os limites da memória humana comprometem a anotação posterior como meio de reprodução preciso, podendo-se perder a totalidade da informação, ou distorcer elementos subjetivos (GIL, 1999). As mesmas ocorreram de acordo com as normas do Comitê de Pesquisa e Ética

.

⁵Entrevista projetiva: técnica que possibilita o uso de imagens e documentos com o entrevistado para auxiliar a lembrar acontecimentos passados.

(CPE); por conseguinte, o consentimento dos participantes foi concedido oralmente antes do início da gravação e mediante um TCLE já compartilhado e assentido por meio de um aplicativo (App) de mensagem. Incluímos uma foto da tela do celular (print) da pesquisadora com o consentimento do participante, estando o texto do termo de consentimento utilizado e o exemplo desta dinâmica disponíveis nos Anexos 1 e 2.

O trabalho de campo teria início em 2020. Entretanto, o mundo foi acometido por uma pandemia nesse ano, como já mencionado, e o isolamento social foi recomendado pela sociedade científica como medida de contenção do vírus, sendo decretado no Estado do Rio de Janeiro no dia 24 de março. Assim, apesar de aprovado pelo comitê de ética em dezembro de 2019, com vistas para iniciar em 2020, não foi possível executar o planejado, de modo que a previsão e a estratégia metodológica mudaram por precisarem se adequar à modalidade a distância. Utilizamos o mesmo App de mensagens mencionado no compartilhamento do termo de consentimento, selecionando o recurso de chamada de vídeo, lançando mão do espaço virtual para realizar as entrevistas.

Outros pontos devem ser evidenciados. Apesar de utilizar o termo coleta de dados ou dados em algumas partes durante o texto, não acreditamos na existência de dados prontos, pois entendemos as entrevistas como uma situação social, como posto anteriormente. Há também certos critérios recomendados para o pesquisador observar, relacionados à entrevista, como deixar o participante ciente sobre o contexto da investigação, permitir que ele desenvolva sua história, não formular perguntas com datas ou nomes, e sim esperar esses elementos surgirem, e um bom acolhimento do sujeito por parte do pesquisador. Portanto, o resultado das narrativas está diretamente relacionado com a conduta do pesquisador (BOLÍVAR, 2002; DAMASCENO, 2018; JOVCHELOVICH & BAUER, 2002; MUYLAERT et al, 2014; NUNES, et al, 2017; POLKINGHORNE, 2007).

A Estrutura da Entrevista Narrativa de Jovchelovich & Bauer (2002) apresenta cada etapa para obtenção de uma entrevista narrativa de maneira estruturada, visando orientar e tornar claro os passos pretendidos para captar as histórias e a utilizamos como norteadoras desta pesquisa. Nela são descritas as cinco fases da entrevista narrativa e suas respectivas orientações, sendo: preparação, o momento de exploração do campo e formulação de questões do interesse do pesquisador; iniciação, ligada a formulação do tópico inicial para narração; narração central, relacionada a não interromper sem necessidade, utilizar encorajamento não verbal e esperar por sinais de finalização; fases de perguntas, como não dar opinião ou discutir contradições, indo de perguntas do interesse da pesquisa para tópicos trazidos do sujeito, e fala conclusiva, referindo-se ao momento de parar a gravação.

No que se refere às transcrições para a presente abordagem, utilizamos a simplificação das convenções de transcrição de Jefferson (2004), indicadas no Anexo 3, desenvolvidas pela pesquisa da Análise da Conversa Etnometodológica, e empregadas na

Sociolinguística Interacional. A escolha desse tipo de transcrição acontece por ele permitir que consideremos a entonação, os silêncios e os risos da entrevista, pois estes também são importantes para a análise. Indo além da necessidade de ser fidedigno ao transcrever, buscando colocar o que foi falado e também expressado durante a entrevista (BARDIN, 1977; BOURDIEU, 2008; DAVIDSON, 2009; QUEIROZ, 1983).

Dessa maneira, a transcrição da entrevista é um componente da metodologia da pesquisa, o qual não deve ser mecânico, focado em transcrever apenas a fala do participante, mas compreendendo que formas diferentes afetam as interpretações e posicionamentos teóricos, e que existem variadas maneiras de se transcrever (SANTOS, 2013) com vantagens e limitações.

3.6. O ESTUDO DAS NARRATIVAS

O uso de narrativas viabiliza a multidisciplinaridade por estar pautado no discurso de atores sociais com suas subjetividades, conectados a um cenário territorial, que retrata grande complexidade. Nesse sentido, as narrativas funcionam enquanto prática social, distanciando-se de estereótipos metodológicos, de modo a valorizar a interação e profundidade das questões do estudo (BASTOS & BIAR, 2015). Por isso, as reflexões acerca das concepções de território e pobreza nos auxiliou a entender o lugar (geográfico e social) da pesquisa. No entanto, a territorialização, historicização e problematização do Aterro, apresentadas nos jornais e no documentário, corroboraram para uma análise sobre as possibilidades do comer de sujeitos imersos numa pobreza. Assim, a abordagem multidisciplinar do estudo engloba a articulação das perspectivas de disciplinas variadas, e o dispor de materiais midiáticos, carregados de informações, contribuiu, de modo complementar, para a análise das narrativas dos agentes sociais, os quais cumprem um papel de mediar o acesso ao comer para moradores da região de estudo.

O uso e interesse pelo estudo de narrativas têm aumentado, e as mesmas podem ser vistas como funções complexas e comuns ao cotidiano (BASTOS & BIAR, 2015). Ao construirmos narrativas, trazemos vida aos relatos e compartilhamos vivências, podendo ainda levar a reflexão sobre nossas práticas (DAMASCENO, 2018). Assim, estas estão vinculadas e relacionadas à construção de sociabilidade, como nos dispomos perante a sociedade, e a reflexão de quem somos e do mundo que nos cerca (BASTOS & BIAR, 2015).

As narrativas carregam percepções e são uma maneira de organizar os discursos, revelando acontecimentos cotidianos ou não (BAMBERG & GEORGAKOPOLOU, 2008; BASTOS & BIAR, 2015; LABOV, 1972; RIESSMAN, 1993). Elas podem ser representações de uma história (MUYLAERT et al, 2014), e não há uma definição precisa de narrativa, pois se constituem de diferentes formas (RIESSMAN, 1993).

Seguindo essas concepções, os parágrafos abaixo tratam de determinadas teorias sobre narrativa para desenvolver o diálogo com os estudos que se alinharam a este trabalho, de maneira a posicionar a pesquisa e o tratamento dos dados. Começo, então, pelos estudos de Labov (1972), pois é o pioneiro no campo das narrativas nos estudos da linguagem, e complemento esta formulação com Bamberg & Georgakopolou (2008), Riessman (1993) e Bastos & Biar (2015).

A narrativa para Labov (1972) é definida pela articulação sequencial de orações no passado, recapitulando experiências. Esse autor é referência nos estudos da narrativa no campo linguístico, pois é um pioneiro nesta área, como mencionado, sendo sua proposta ainda utilizada e de suma importância (BASTOS & BIAR, 2015).

Na concepção laboviana, a narrativa precisa ser um acontecimento incomum, pois, dessa maneira, seria contável. Esta concepção deu suporte aos aspectos mais formais da narrativa. Em relação a sua estrutura, Labov apresenta seis elementos básicos da narrativa, os quais juntos representam uma estrutura canônica, sendo eles resumo, orientação, ação complicadora, avaliação, resolução e coda.

Algumas análises narrativas podem seguir a estrutura de Labov, mas este é apenas um dos modelos disponíveis para tal prática. As narrativas selecionadas para esta dissertação, por exemplo, não apresentam, necessariamente, a sequência ou sequer todos os elementos da narrativa laboviana. Todavia, isso não exclui o papel fundamental da contribuição de Labov, assim como não impossibilitou lançarmos mão da estrutura laboviana para a organização, ainda que em fase inicial, da análise deste trabalho.

Assim, no que tange às narrativas, há as canônicas (LABOV, 1972) sobre um evento específico, e outras que não o são, podendo apresentar uma ordenação diferente, e permitindo uma compreensão mais ampla de narrativas, como na visão de Bamberg & Georgakopolou (2008), a cerca das 'pequenas histórias', a qual engloba múltiplas atividades narrativas, como histórias sobre eventos em andamento, futuros, compartilhados, passadas, histórias adiadas ou até a recusa em falar. Essas pequenas histórias, assim chamadas graças à comparação ao número de páginas da transcrição de entrevistas, podem assumir um caráter coloquial, ou até mesmo consistir em outras interações específicas, pois são construídas pelos determinados participantes dentro dos sentidos daquele momento.

Além de também poderem estar relacionadas ao incomum, de acordo com Riessman (1993), narrativas estão vinculadas ao contável ligado a situação; com isso, são reportáveis quando entendidas dessa forma em determinado contexto, mesmo sendo comum "[...] o significado é fluido e contextual, não é fixo nem universal. Tudo o que temos é oralidade e textos que representam parcial, seletiva e imperfeitamente a realidade" (RIESSMAN, 1993, p. 15).

Percebemos com essas visões as narrativas como um ato social, o qual é direcionado a alguém, dentro de um contexto. Com isso, é destacado o caráter situacional das narrativas, partindo do contexto microssocial para ponderar o macrossocial (BASTOS & BIAR, 2015).

Assim, consideramos acontecimentos aprofundados, vemos a realidade da vida social como uma conversação de símbolos significantes, com ajustes e reorientações à luz das reações e expectativas dos outros, e não temos a pretensão de supor que a pesquisa oferte todas as respostas, ou mesmo qualquer resposta em sua integralidade, sendo avaliada a realização do projeto como um todo.

Em vista disso, os estudos da narrativa apresentados se alinham com este trabalho, pois permitem abarcar as diferentes formas de narrar; com isso, conseguimos partes variadas de lembranças, hábitos e rotinas, os quais possibilitam que sujeitos que não vivem nesse lugar compreendam algumas questões, como: Quais as estratégias populares para comer e inovar esses modos de comer em situação de pobreza, a partir da narrativa desses agentes?; Como se revelam as dinâmicas sociais entre os moradores, e dos moradores com os transitantes? E até onde a pesquisa documental se articula com as narrativas geradas nesta pesquisa?

Portanto, consideramos as narrativas como um processo social e situacional (BASTOS & BIAR, 2015; RIESSMAN, 1993), cujos trechos são todos apontados como 'pequenas histórias', que podem ser lembranças, vislumbres, hipotéticas, atuais (BAMBERG & GEORGAKOPOLOU, 2008), comuns e fluídas (RIESSMAN, 1993), vinculadas em torno do campo da Alimentação e Nutrição.

4. **RESULTADOS**

4.1. MOSTRAS MIDIÁTICAS DA POBREZA

Os resultados apresentados nesta seção estão relacionados às aproximações e a historicização do território, já mencionadas na metodologia nos itens 3.3 ('Coleta de matérias jornalísticas') e 3.4 ('Um documentário sobre o território'). As matérias jornalísticas possibilitaram a reconstrução de um período de Jardim Gramacho, através dos desdobramentos do processo de fechamento do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho. Por meio do jornalismo, enxergamos o momento do fechamento como um marco histórico de pobreza e abandono por parte do Estado. O destaque dado pela matéria jornalística à distância considerada pequena do bairro de Jardim Gramacho para os bairros da zona sul do RJ, frente a grande diferença das duas realidades quanto à urbanização e saneamento básico, evidencia a perversidade da desigualdade social.

Em análise também colocamos a Segurança Alimentar e Nutricional como um risco à saúde desta população, submetida a uma renda inconcebível para sobrevivência. Fazemos referência aos estudos de sociologia de Loïc Wacquant (2001) quanto à sua percepção, os quais definem a violência dos problemas sociais como parte essencial da formulação das Políticas Públicas. Neste estudo, as necessidades básicas da população, além dos próprios sujeitos moradores do local, confundem-se com um descarte social, um lixo que se quer exterminar.

No documentário, esse lixo se torna extraordinário em um jogo simbólico produzido para o cinema. A análise dessa produção artística é utilizada como uma expressão crítica de alguns conceitos da sociologia que dão visibilidade à violência simbólica que torna pessoas, e, portanto, sua alimentação também, desprezíveis e de menor valor social. A pesquisa documental preliminar, com suas particularidades, contribuiu como estratégia metodológica para a discussão sobre reivindicações coletivas de proteção a um espaço público habitado por vidas humanas, que 'extraordinariamente' é descartado como lixo comum.

Os dois conjuntos de textos, matérias de jornais e documentário, delimitaram os aspectos culturais e econômicos de Jardim Gramacho como elementos de historicização e problematização, através de uma abordagem multidisciplinar, de modo a situar a análise narrativa e a pesquisa, auxiliando na reflexão das narrativas.

4.1.1. Imersão na mídia jornalística sobre Jardim Gramacho

Apresentamos os recortes de Jardim Gramacho em diversos momentos para examinar esses períodos de modo a resgatar o passado, possibilitar a contextualização com o presente, e assim identificar pontos importantes de uma época que impactam e refletem na atualidade desse espaço hoje. Partimos do período de 1978, em que se data o início do

funcionamento do lixão controlado pela Companhia Municipal de Limpeza urbana do Rio de Janeiro (COMLURB-RJ) e sua eventual transformação em Aterro, em 1996, pela Empresa Queiroz Galvão por meio de uma licitação aberta pela COMLURB, dedicada à resolução de questões como a recuperação da área de manguezal, tratamento do chorume⁶ e do Biogás.

Essa dinâmica do destino final do lixo, relacionado ao nível de desenvolvimento econômico, é uma realidade brasileira, como visto no item 2.3 (Territórios marcados por aterros/lixões). Ainda que em nível regional o Sudeste seja a segunda macrorregião com um menor registro de lixões, quando se adentra na relação espacial vemos a repetição dessa lógica com o despejo do lixo nas periferias. Nesse sentido, embora perceba-se a presença do Estado, ela está voltada apenas para o controle técnico do lixão sem considerar as relações sociais no gerenciamento do lugar. As matérias evidenciam a ineficiência na administração pública direta do lixão; com isso, emprega-se a licitação, como se essa fosse a resolução do problema. Na realidade, essas políticas de terceirização operaram como uma forma de velar os efeitos de uma política neoliberal que marginaliza parte da população, confundindo-a com o lixo urbano, e a submetendo a um nível extremo de insegurança alimentar.

Com as denúncias de degradação desse ambiente urbano, houve o planejamento do poder público de encerrar as atividades do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho em 2004. Embora a degradação pelo despejo incorreto de resíduos sólidos resulte na produção de chorume, um líquido altamente tóxico, ainda assim havia estratégias de sobrevivência adaptadas como redução de danos. Nos depósitos de lixo, feitos de forma não sanitária, ocorre o contato desse chorume com o solo. Nesse processo, há impactos no solo, como erosão, aumento da salinidade, desertificação, contaminação de alimentos e produção de gases poluentes que, por sua vez, afetam o ar e o torna tóxico (MOTA, et al. 2004). Além de acarretar problemas de saúde pública, decorrentes dessas substâncias químicas, bem como de infecções, animais vetores de doenças, como ratos, moscas, mosquitos e baratas, danos ergométricos, traumas mecânicos e vulnerabilidades emocionais, na condição de periferia esse espaço foi acumulando a população marginalizada.

Apesar de que em 2004 esse ambiente já se encontrava em uma situação calamitosa, a desativação não ocorreu nesse ano. Em 2005, liberaram o Diagnóstico Social de Jardim Gramacho, levantado pelo IBASE, FURNAS e COEP. Por meio dele, compreendemos a atividade econômica gerada pelo Aterro, vinculada ao lixo de forma direta e indireta, pois era uma área voltada para a atividade de catação, comercialização e

_

⁶ O manejo do chorume serve para eliminar os riscos potenciais de contaminação de aquíferos, que esse pode causar. Diferentes técnicas podem ser empregadas dentre elas: a recirculação do chorume; evaporização; disposição em estações de tratamento de esgotos domésticos e tratamento seguido de disposição (TCHOBANOGLOUS, 1993).

recuperação de recicláveis, sendo essas as formas diretas, enquanto que a indireta era o comércio que existia ali, dado o estímulo do número de pessoas dedicadas às atividades voltadas para a reciclagem, como bares e espaços improvisados de vendas de comida. Essas atividades econômicas em periferias de grandes centros urbanos configuram uma redução de danos para a população excluída. Em aterros em várias regiões e diferentes países, os governos não se responsabilizam pela poluição decorrente da destinação final do lixo e a abandona, sem incluí-la no planejamento urbano.

Somadas ao que foi percebido no Diagnóstico de 2005, há as reportagens de 2008 e 2011, as quais englobam um conjunto de informações sobre a falta de planejamento nesses territórios; com isso, percebemos uma pobreza estrutural do local que atravessa diversas transformações ao longo do tempo. Mesmo considerando as vantagens da suspensão dos efeitos deletérios do lixo, eles não escapam da miséria. As modificações desse entorno ao longo das reportagens refletem a precariedade no acesso e na garantia de direitos e proteção social da população. A concentração populacional nas periferias, a crise econômica, o aumento de desemprego, ou subemprego, vêm elevando a vulnerabilidade da população dessas periferias em Jardim Gramacho, e limitando as estratégias de alimentação.

Figura 6. Falta de saneamento básico

Fonte: G1 (http://g1.globo.com/rio-dejaneiro/noticia/2015/06/g1-relata-abandonode-moradores-de-gramacho-3-anos-aposlixao-fechar.html)

Segundo dados estatísticos levantados nessas matérias, as taxas de indigência, linha de pobreza e renda domiciliar em Jardim Gramacho são muito inferiores às da região metropolitana do Rio de Janeiro. Houve aumento na construção de moradias improvisadas, compostas majoritariamente por pessoas que tentavam obter seu sustento com a existência do Aterro, o qual possibilitava atividades ligadas à catação, transporte dos materiais

recicláveis e ao comércio. Assim, se estabeleceu uma atividade econômica local de redução de danos que, consequentemente, condicionou a organização de trabalhadores catadores.

Figura 7. Moradias improvisadas



Fonte: G1 (http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/g1-relata-abandono-de-moradores-de-gramacho-3-anos-apos-lixao-fechar.html)

O que se consome na alimentação não se restringe ao produto da catação, mas também inclui os recursos oriundos dessa atividade econômica. Assim, para além da percepção deste local como fonte de sobrevivência alimentar familiar, também compreendemos a relação dos sujeitos com estratégias de sobrevivência no território, no viver entorno do Aterro, e nas relações entre os grupos sociais, marcadas por um distanciamento da família para trabalhar nesse ambiente. O Aterro é um local de trabalho, mas é também a moradia de alguns. A população vai se adaptando às transformações com ocupações diversificadas no território, o que não reflete exatamente a expectativa das ações governamentais, as quais, priorizando o fechamento, desligam-se da responsabilidade em relação ao planejamento e promoção de atividades econômicas, educacionais e de saúde.

Em 3 de julho de 2012, na data da desativação do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, foi reportada uma comemoração por parte de agentes políticos, demonstrando o cumprimento de seu papel de governança diante da insalubridade e do impacto ambiental gerado nesse espaço. Esse encerramento, organizado por eles com a transmissão na mídia em clima de festa, foi expresso metaforicamente por um cadeado na entrada do Aterro. Em contraponto aos agentes do poder público, posicionados ao lado de catadores uniformizados cadastrados em uma cooperativa, os sujeitos não uniformizados e não cadastrados choram e lamentam a precarização ainda maior de sua atividade de sobrevivência.

Esse marco de gestão do poder público gerou a presença de uma usina de produção de gás metano nesse local, além do aparecimento de alguns lixões clandestinos. Por sua vez, o não cumprimento de todas as indenizações por parte do Poder Público e os baixos investimentos na infraestrutura também levaram a novas adaptações de

sobrevivência. A ausência de uma fonte de renda e a convivência com a falta de saneamento básico historicizam uma linha do tempo para essa população. Ainda que mudanças nas condições poluidoras no território tenham sido positivas, a permanência de uma condição precária de desenvolvimento econômico e social inviabiliza, dentre muitas questões, o direito à alimentação.

Figura 8. Usina e lixão clandestino



Fonte: G1 (http://g1.globo.com/rio-dejaneiro/noticia/2015/06/lixoes-clandestinos-emgramacho-oferecem-risco-saude-demoradores.html)

As profundas desigualdades impedem a realização dos direitos humanos, portanto impedem também a do direito à alimentação. A busca de renda em um Aterro representa uma estratégia frente à decadência econômica e à segregação do Estado, a qual reduz as oportunidades de vida das populações, que padecem de investimento urbano e social. Essa segregação produzida pelo Estado reduz as oportunidades de vida e legitima uma gestão em que o social não é o fio condutor, demonstrando o desinteresse desse Estado pelas questões relacionadas à pobreza, insegurança social e crescimento das desigualdades (WACQUANT, 2004, p. 49). Demonstra também uma democracia falha para essas pessoas, pois democracia significa governo em que o povo exerce soberania, e esta soberania se entende como poder de decisão. Nessa situação, as atividades de catação ainda que clandestinas, ou até mesmo quando são realizadas por crianças, são estratégias de sobrevivência e de alimentação do ser humano no limite da vida. Essas estratégias dos núcleos sociais são humanizadas entre si por parte dos que vivenciam essa pobreza, mas são desumanas por parte do Poder público, cujos agentes insensíveis aos direitos humanos os excluem de seus direitos como um descarte social.

4.1.2. "Lixo extraordinário"

Descarte ou lixo, a exclusão social perversa permanece na história ordinária de Jardim Gramacho, e se torna extraordinária no documentário. Uma das cenas acontece em um estúdio no Brooklyn, EUA, onde Vik Muniz relata o desejo de se "distanciar do domínio das belas artes" (0:5:60 – 0:6:04) e acessar outros contextos sociais. Nesse sentido, cenários de pobreza podem ser uma oportunidade para *transitantes*, com seus capitais e suas intenções, conhecerem ou permanecerem por algum tempo nesses territórios.

Observamos a trajetória de Vik Muniz, artista contemporâneo brasileiro radicado nos Estados Unidos. Ele é conhecido por utilizar materiais inusitados para construir suas obras, como lixo, restos de demolição, componentes como açúcar e chocolate. Além da busca por esses materiais não convencionais, por vezes, procurou também inspiração em lugares não vinculados a uma estética artística tradicional, como nas plantações de canas Caribenhas, e nesse próprio contexto do Aterro de Jardim Gramacho. Então, podemos compreender esse movimento como uma estratégia artística de trazer o incomum para a arte, seja pelo uso de materiais inesperados, ou se vinculando a espaços menos favorecidos.

O documentário começa com a participação do artista em um programa de entrevistas brasileiro, Programa do Jô⁷, no qual o entrevistador pergunta: "Agora, como é que começou essa ligação de usar matérias do lixo?" Dessa forma, o filme mostra parte da vivência de Vik Muniz no Rio de Janeiro, começando por cenas com lixo nas apresentações das escolas de samba e, posteriormente, trazendo imagens do lixo gerado nesse evento, mas agora no Aterro de Jardim Gramacho.

Durante o documentário, o artista relata como chegou aos Estados Unidos e indica o local onde trabalhou, tendo, dentre outras tarefas, a responsabilidade pelo transporte de lixo orgânico em uma caçamba de caminhão. Em outra cena, aparece uma caçamba de lixo em NY, em contraste com uma galeria de artes na mesma cidade, que o apresenta como um artista que utiliza matérias do cotidiano para produzir suas obras. Em uma delas, a série chamada "As crianças de açúcar"⁸, percebeu, pela primeira vez, a importância de um material, tido como usual, concretizar-se no contexto das artes. Em continuidade, aparece uma gravação em que está rodeado de crianças numa Ilha Caribenha, onde as pessoas trabalhavam nos canaviais; posteriormente, ele conta que quando voltou para NY produziu as fotografias com o açúcar, por ser o material que os representava. A partir desse momento, assimilamos o interesse do artista em acessar outros contextos sociais e, por isso, chegar em Jardim Gramacho.

-

⁷Programa do Jô: O programa foi exibido pela Rede Globo entre os anos 2000 e 2016. Jô Soares é o entrevistador do programa além de ser humorista, escritor, dramaturgo, diretor teatral, ator e músico brasileiro. A entrevista cedida por Vik Muniz apresentada no documentário foi televisionada em 1º de abril de 2013.

^{8 &}quot;Crianças de açúcar": Essa série foi criada em 1996 por Vik Muniz. Utiliza o açúcar como o material para a confecção das imagens das crianças caribenhas oriundas de famílias pobres que cortam canas de açúcar nas plantações em St. Kitts.

Em uma conversa virtual, Vik Muniz e um produtor (e amigo), refletem sobre prováveis dificuldades para acessar o território de Jardim Gramacho, e chegam a comentar sobre a violência gerada pelo tráfico, que cerca o lugar. Sob a perspectiva de interagir com uma outra realidade, diferente da sua, o artista apresenta um propósito: "seria a minha experiência sobre como a arte pode mudar a vida das pessoas, como também se ela consegue mudar." (0:8:21 – 0:8:25). Nesse momento, ponderamos se alguns elementos que estão no "mundo" da pobreza podem estar num jogo simbólico que movimenta os investimentos estéticos e afetivos do artista. Assim, indagamos o que estaria visível neste documentário: o território de Jardim Gramacho ou a arte de Vik Muniz? Deste modo, ainda que consideremos a força da arte neste documentário, nós o analisamos com o compromisso de problematizar questões territoriais que podem nos aproximar das narrativas dos agentes sociais no campo.

Em uma cena seguinte, as imagens do Google Earth evidenciam o espaço do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, com características nos moldes de um lixão à céu aberto. O primeiro plano desta cena destaca a presença de urubus numa espécie de exploração do lixo, no entanto, à medida que as lentes se aproximam, identificamos que havia pessoas na mesma situação. Diante deste cenário, refletimos se sujeitos misturados ao lixo buscam sua sobrevivência, talvez nos limites da humanidade, ou se encontram ali possibilidades de exercerem alguma cidadania, a partir da catação. Uma questão se levanta diante da cena: O lixo de outros homens estaria colocando seus semelhantes na condição de "lixo humano", em um território invisível para quem descarta, mas casa e trabalho para quem coleta? O próprio Vik expressa "os tipos de pessoas que trabalham lá, na sociedade brasileira, não diferem do lixo." (Minuto 10:04).

A partir da intenção de trabalhar com este material, a fim de o transformar, o artista pretende sensibilizar os moradores/trabalhadores do Aterro a participarem de uma proposta artística, construída também a partir dos interesses desses sujeitos. No entanto, ainda, durante o planejamento, ele confessa não ter ideia do comportamento das pessoas daquele lugar, mas suspeita que possam ser rudes ou viciadas.

Baseado nas imagens dos satélites, o perfil geográfico do território é apresentado com uma configuração que limita a passagem para outros lugares, como uma espécie de 'rua sem saída' e, a fim de descrever, fisicamente, a área, usa o termo 'fim da linha', atribuindo a este lugar a funcionalidade de receber "tudo o que não é bom, incluindo as pessoas." (Minuto 9:50 ao 10:00)

Diante dessas questões, percebemos uma preconcepção sobre as pessoas que vivem no Aterro, o que pode estar relacionado às desigualdades sociais decorrentes do capital econômico, como renda, capital cultural, como escolaridade e capital simbólico, como prestígio dos sujeitos do mundo das artes e, com isso, a posição ocupada por um indivíduo

é definida, também, por estas incorporações ou acúmulos ao longo da vida, distinguindo-o socialmente. Deste modo, viver neste lugar e depender de insumos e materiais descartados em um Aterro não capitaliza sujeitos da mesma maneira, talvez sob o entendimento de uma lógica de superioridade, em que alguns grupos sociais se sobrepõem a outros (Bourdieu, 2007). Este é um ponto importante para pensarmos o papel e a forma que agentes externos ao campo buscam se relacionar com as pessoas de uma região desigual, em diversos indicadores, como, por exemplo, uma cidade vizinha ao Rio de Janeiro (Casa Fluminense, 2020).

Devem ser as pessoas mais

rudes em quem podemos pensar.

9.43/1:3444

Fonte: Youtube 0:9:43 (https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8)

Concomitante a isso, indagamos se a vida humana no Aterro está dentro das práticas de um poder público atuante, considerando que os direitos humanos são seriamente afetados pelas condições sociais impostas no território. Nesse sentido, o ordinário é o que está posto, historicamente, neste lugar, mas o extraordinário é perceber a sobrevivência e a força das pessoas para ali viver.

A forma como o artista conduz sua obra ilumina tanto as diversas possibilidades da criação como evidencia a precariedade de alguns ambientes que escolhe revelar, colocando uma lente sobre questões sociais importantes; porém, é inevitável pensarmos sobre os ganhos para o artista, que mantém sua posição social, enquanto detentor de *capitais econômicos, culturais, sociais e simbólicos*. Isso nos leva a uma inquietação: a pobreza seria capaz de capitalizar agentes externos ao seu cenário, independentemente da forma que atuam, dando-lhes visibilidade e prestígio, sendo que ela própria, enquanto fenômeno social, é desprestigiada?

A chegada do artista ao ambiente do Aterro revela em seu entorno uma indústria de reciclagem e alguns estabelecimentos comerciais. Adentrando este lugar, "montanhas" de lixo se destacam nas cenas; no entanto, o que aparentemente seria um ambiente desorganizado revela uma estrutura de trabalho. Assim, percebemos que o artista passa a compreender melhor a dinâmica do local, bem como conhece alguns catadores de materiais recicláveis, fazendo o registro fotográfico de algumas cenas com essas pessoas, como Tião

e Isis, que acabam tendo suas histórias registradas, bem como a de outros catadores. Após esse contato mais próximo, Vik Muniz demonstra surpresa ao conhecer o território mais de perto, percebendo sorrisos, brincadeiras e orgulho do trabalho.

Figura 9. Impressões do Vik Muniz







Fonte: Youtube 0:15:03

Fonte: Youtube 0:16:56

(https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8)

Nessa dinâmica de encontros extraordinários, entre sujeitos que pertencem a diferentes realidades e grupos sociais, percebemos uma estrutura que mantém uma ordem social, imersa em um sistema, que imprime um jogo de forças desiguais entre os pobres ou muito pobres e os demais que, apesar de estarem distribuídos em classes distintas, não estão sob o jugo de uma pobreza. Nesse sentido, transitar em um território pobre sem o ser pode ser estratégico, levando alguma visibilidade ao lugar.

Esse desdobrar destaca a vivência no lixo, sem apagar a capacidade de o ser humano conseguir existir e resistir dentro dessa condição, criar laços, sorrir e se adaptar, e percebemos isso como extraordinário. Por outro lado, o ordinário é a falta de políticas sociais voltadas para esses indivíduos, reforçando o processo de exclusão social.

No decorrer do filme vemos Isis, uma das catadoras, ser fotografada, novamente no Aterro, mas agora com um fundo branco atrás e equipamentos de luz, e pedem para que ela pense em quando ficar rica. Apesar de Isis estar em um contexto desfavorável e, ainda que receba um retorno financeiro pela obra que está ajudando a produzir, a dominação e a reprodução das desigualdades estão no jogo social desses sujeitos, pois ela realiza diversas ações, como posar, catar materiais específicos e os organizar, de acordo com a demanda do artista, pois ele é o detentor do conhecimento, o que revela uma reprodução de práticas dentro das estruturas das classes. Simultaneamente, quando o artista volta o seu olhar para essa catadora e começa a filmá-la, escutá-la, ela se sente visível, distinta nessa produção de todos os outros catadores que existem ali (BOURDIEU & WACQUANT, 1992).

Figura 11. Vik tirando foto de Isis



Fonte: Youtube 0:29:14

(https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8)

Então, ainda que as condições não se modifiquem efetivamente, há transformações acontecendo ali pelo movimento do artista, ao escutá-la, protagonizá-la, trazê-la para novas possibilidades. Nessa mesma linha, vemos os projetos sociais próximos do Aterro de Jardim Gramacho, os quais promovem mudanças, ainda que voltadas para sanar questões emergenciais nesse espaço, e conferem visibilidade a algumas necessidades desse território, negligenciado pelo Estado, diante da sociedade.

Figura 12. Irmã cozinhando no Aterro



Fonte: Youtube 0:34:55

(https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8)

Dentro desse enredo, também se destaca Irmã. Ela é uma personagem que cozinha para os catadores dentro do Aterro, e relata que conta com a ajuda, muitas vezes, do caminhão do supermercado, que traz caixas com legumes e carnes. Ela se orgulha por ter sido cozinheira em um restaurante e, assim, consegue se adaptar às condições para fazer comida e oferecer aos colegas. Nessa perspectiva, reconhecemos a criatividade dessa mulher, pois quanto menos recursos, mais se precisa de ideias criativas, enaltecendo essa capacidade humana, que em outros espaços é um atributo altamente valorizado, como na arte (BOURDIEU, 2001).

Percebemos também o destaque no filme em torno de Irmã cozinhar, colocando sua comida como boa, graças à experiência adquirida em seu trabalhado no restaurante, e demonstrando criatividade, saber e habilidade, ainda que em um território avesso aos

padrões higiênicos estabelecidos. Referente aos padrões higiênicos, é preciso compreender que nessa situação os sujeitos estão, por vezes, condicionados a situações limitantes, como o acesso à água e ao saneamento (ou a falta deles). Isso afeta a forma de cozinhar e como cozinhar; deste modo, apoiar a comida que fazem e suas práticas alimentares, está dentro de um conjunto de estratégias que pode contribuir para não violentar (ou minimizar a violência de) um grupo que já sofre com a falta de comida.

Essa personagem evidencia a própria distinção, pois cozinha com o que lhe é oferecido ou encontrado em meio ao lixão, não dentro das lógicas gastronômicas atuais de elaboração de um cardápio e com acesso facilitado e permanente aos alimentos, o que está na ordem do ordinário deste território. Porém, conseguir cozinhar dentro dessa realidade, com êxito diário, especialmente ao compartilhar a comida, remete ao extraordinário.

Figura 13. Três mulheres sendo fotografadas Figura 14. Magna contando sua história





Fonte: Youtube 0:37:00 Fonte: Youtube 0:37:09 (https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8)

Na cena em que Vik Muniz fotografa três mulheres, destacamos a figura de Magna, a qual diz ter conhecido o lugar por meio do marido, desempregado há um ano e meio, e descreve algumas situações desagradáveis ao retornar para casa de ônibus, por conta do seu cheiro depois de um dia de trabalho no Aterro. Por meio do relato da catadora, compreendemos uma experiência marcada pelo julgamento das pessoas, pela desvalorização do seu trabalho, pela vergonha de dizer o que faz, e pela estrutura de uma sociedade marcada por status e por carreiras vistas como de maior ou menor prestígio social, a partir de capitais simbólicos. presentes em profissões com alguma notoriedade (BOURDIEU, 2007). Essa situação de dependência econômica do Aterro como fonte de sobrevivência para a família demonstra a naturalidade com que o indivíduo é inteiramente responsabilizado por sua sobrevivência, mas desvela as excepcionalidades do ser humano, como sua força e resiliência para seguir em frente.

No documentário, presenciamos quando o artista apresenta o projeto de uma obra de arte a ser desenvolvido junto aos catadores, compreendendo várias etapas, e uma proposta de trabalho baseada na colaboração mútua. Com isso, assistimos enquanto ele indica quais itens recicláveis devem coletar do lixão, fotografa os catadores, e então projeta suas imagens em grande escala no chão de um armazém. A seguir, os catadores, ainda sob

a orientação do artista, sobrepõem os materiais coletados nessas imagens; ao término dessa montagem, ele a fotografa do alto de um andaime. Essa fotografia, posteriormente, dá origem a um quadro. Apesar da colaboração no projeto entre Vik Muniz, com seu conhecimento, e os catadores, por terem aceitado ser fotografados, estes não compreendem de fato o que o artista fazia ao recolherem os materiais necessários para montarem as fotografias no chão. Estas pessoas aceitaram auxiliar e obedecer aos seus pedidos, como: faça essa pose, cate este material, coloque-o naquela parte do chão da fotografia. De fato, é um trabalho conjunto, no qual ambos os sujeitos atuam na produção dessa arte, da qual resulta uma obra rica em detalhes, mas apenas o artista possui a dimensão desse trabalho, e apenas ele detém o saber, o que pode estar associado ao "domínio" das artes. Posto isso, é possível perceber uma noção bourdieusiana (1992; 2007) em um jogo de poder e domínio, o qual utiliza de diversas ferramentas arbitrárias, empregues para um controle de um estrato social sobre o outro, chamado de violência simbólica, a qual legitima a dominação, e é posta em prática por mecanismos mais eficientes e sutis do que o uso da força, e que, por isso, não costumam ser percebidos, e são difíceis de serem alterados. De modo semelhante percebemos os projetos sociais que a população legitima, dos quais participa, mas não detém os acessos, administra, cria as regras ou gerencia. Isso é feito pelos gestores dos projetos, os quais são agentes com distinção social no jogo simbólico do campo.

When you are placing the materials,

Figura 15. Imagem projetada no chão Figura 16. Preenchendo com matérias recicláveis

Fonte: Youtube 0:54:12

Fonte: Youtube 0:54:26 (https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8)

> > | 4) 54:26 / 1:34:44

Posteriormente, ao mostrar como a atividade de catação dura, praticamente, 24 horas, e como fogueiras de lixo e lanternas auxiliam no trabalho noturno, podemos ver que, na separação dos materiais para as obras artísticas, os catadores abrem sacolas plásticas e discorrem sobre de quem pode ser aquele lixo, dependendo do tipo da sacola e seu conteúdo. Assim, fazem uma distinção do lixo de uma família para a outra, e até o comparam ao que eles mesmos consomem, reforçando as diferentes incorporações de capital em relação de um indivíduo para o outro, materializada nessa ação por meios das

compras, do consumo, que posiciona e distingue uma família da outra (BOURDIEU & WACQUANT, 1992).

Figura 17. Os catadores vendo a montagem

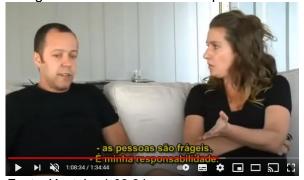


Fonte: Youtube 0:58:42

(https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8)

Na sequência, antes das imagens compostas por materiais reciclados se tornarem quadros, Vik Muniz apresenta as montagens, construídas no chão, aos catadores, os quais demonstram reações de surpresa e felicidade, mesmo depois de as terem montado, revelando sua participação em um projeto sem a completa dimensão dele. Em função das obras agregarem o uso de materiais recicláveis e fotografia, elas se apresentam complexas e ricas em detalhes na representação dos rostos dos trabalhadores do Aterro, os quais pareciam esquecidos.

Figura 18. Reflexão entre os produtores



Fonte: Youtube 1:08:34

(https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8)

Dentro desse processo, acontece um movimento dos catadores, que não desejam voltar ao Aterro. Na sequência, há uma cena na qual o artista, refletindo entre os integrantes da produção do documentário, afirma ter tido uma concepção inicial errônea sobre eles, pois teria compreendido que os catadores eram "felizes" no Aterro, e que estariam em uma situação delicada, pois foram inseridos em uma realidade diferente, mas momentânea. A esposa de Vik Muniz confirma ser uma questão delicada, considerando que já os modificaram apenas ao envolvê-los em um outro estilo de vida, mostrando que a vida pode ser diferente, e que eles podem não saber lidar com isso depois, já que "as pessoas são frágeis". Antagônico a essas duas reflexões, o artista, então, afirma ser necessário mexer

com a cabeça dos catadores, por ser difícil fazer um estrago maior do que aqueles, aos quais já estão submetidos, e que ver outra realidade poderia os fazer traçar novos planos. Isso vai ao encontro do fazer sem saber, pois no saber há o esforço para controlar os possíveis atos e os efeitos que eles produzem, vistos como inevitáveis, mas possíveis de serem minimizados (BOURDIEU, 2008).

Toda essa situação revela que ainda há, em um espaço de pobreza, potencialidades, a beleza do humano e de sua sobrevivência, enquanto um grupo social baseado em compartilhamento, solidariedade, força, adaptação, resistência e sorrisos, pois estar nessa condição, desprovida de direitos, não é tolerável, nem deveria ser admissível por parte do poder público.

Figura 19. Leilão dos quadros



Figura 20. Exposição no MAM-Rio



Fonte: Youtube 1:13:46

Fonte: Youtube 1:21:38 (https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8)

Na sequência, ocorre o leilão dos quadros em Londres, além de ser mostrada a exposição dos quadros de outros catadores, em 2009, no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro (MAM-Rio), contando com a presença de todos os fotografados. Em seguida, aparece Vik Muniz em sua casa, dentro de seu escritório, de volta à sua vida artística em NY. Isso porque ele não é desse *campo*, nem pertence a esse grupo social, e sim, construiu relações com ele, e na tentativa de colaborar com aquele território também se beneficiou do mesmo por meio da arte. O artista declara que teria se envolvido com as pessoas mais do que imaginara, e conclui que se sentiu mais ajudado do que ajudou. Quanto à essa questão, um ponto que observamos foi que o seu prestígio como artista estaria ainda mais elevado depois dessa ação, visto o seu maior reconhecimento entre os brasileiros, representado, por exemplo, por algumas de suas obras com materiais recicláveis terem sido utilizadas como parte da abertura da novela "Passione⁹" da Rede Globo, e pela entrevista concedida a Jô Soares, mostrado no documentário apenas esse último ponto.

<u>_____</u>

⁹ "Passione": Telenovela brasileira produzida pela Rede Globo e exibida no horário das 20 horas, de 17 de maio de 2010 a 14 de janeiro de 2011, em 209 capítulos.

Por este ângulo, observamos o quanto como pesquisadora nos aproximamos do artista, pois também não fazemos parte desse território, mas estabelecemos e mantemos uma relação com ele através da Universidade. O intuito é de compreender esse lugar, e que o projeto consiga contribuir com o local; contudo, quando chegar ao fim da pesquisa, também estaremos "de volta ao nosso lar", de maneira que, se o artista é favorecido pela arte produzida nesse espaço ao aumentar seu capital simbólico, prestígio, a pesquisadora, por meio da educação, conseguirá adquirir mais um capital cultural, o título de mestre. Esse processo demonstra como é difícil alterar certos padrões sociais, e mesmo quando o artista afirma em suas reflexões um envolvimento maior do que imaginava, constatando ter sido muito mais ajudado do que ajudou, ou ainda que os catadores tenham um quadro em suas casas assinado e pendurado por ele, o retrato da desigualdade não se alterou.

Isso também evidencia a questão de o intuito do trabalho não ser voltado para caracterizar o Vik Muniz, ou mais a frente os *transitantes*, mas desvelar um jogo imerso em um sistema, no qual todos estamos imersos. Entendemos a concepção desta realidade de suma importância, pois é preciso entendê-la para perceber como as desigualdades se reproduzem e fortalecem.

Desta forma, no caso de um pesquisador, é necessário absorver esta aprendizagem e análise, de fato, para se esforçar em reduzir ao máximo a violência simbólica que pode ser exercida. Com isso, não devemos nos pautar na existência da neutralidade, mas admitir sua inexistência, a fim de exercer uma construção realista, pois existem diversos tipos de distorções inerentes à própria estrutura da relação da pesquisa; ciente disso, é preciso empenho para entender e conter seus atos e efeitos, inevitáveis, mas possíveis de serem minimizados (BOURDIEU, 2002).

As últimas cenas revelam o artista junto aos catadores em suas casas, que na verdade são como barracos (no Aterro), pendurando os quadros com seus registros fotográficos assinados por ele. Apesar do reconhecimento que o artista demonstrou para com esses sujeitos, o retrato da desigualdade e das distinções não se alterou, apontando para a manutenção de uma estrutura social que oprime e distância (BOURDIEU & WACQUANT, 1992; BOURDIEU, 2001; 2007; GRENFELL, 2018).

Figura 21. Vik entrega o quadro a Isis Figura 22. Vik entrega o quadro ao Tião





Fonte: Youtube 1:26:08 Fonte: Youtube 1:26:14 (https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8)

A trama audiovisual é finalizada com seus principais integrantes, como Magna, Irmã e Ísis. Essas apresentações ocorrem depois da exposição de seus quadros no MAM Rio, sendo eles catadores, representantes dessa categoria, mães, cozinheira e trabalhadores, o que possibilita ver um local repleto de histórias, que recebia lixo de diferentes famílias e lugares, com um funcionamento ininterrupto, uma atividade econômica ativa, marcado pelo trabalho intenso dos catadores em meio a morros e caçambas de lixo, e rico em relações sociais e sorrisos, apesar de, inicialmente, o próprio artista não acreditar que os veria ali. Agora, não temos apenas o lixo em visibilidade e destaque nesse lugar, mas os sujeitos, pois apesar de estarem frágeis e em vulnerabilidade, há ali dentro humanos, que possuem, apesar de negados nesse contexto, os mesmos direitos de outros que não estão no lixão.

Enxergar os sujeitos em seus modos de sobrevivência pode ser difícil, mas a violência muitas vezes decore da invisibilidade. Portanto, precisamos respeitar os modos de comer e as possibilidades desses sujeitos, dentro desse território, para conseguirmos entender sem impor e sem naturalizar ou banalizar sua condição. A obra cinematográfica possibilita a aproximação de um aterro que fez parte das relações sociais de Jardim Gramacho, mas que já está desativado. Olhar para o documentário contribuiu para problematizarmos a questão da sobrevivência e das possibilidades dos sujeitos moradores/trabalhadores, considerando a potencialidade do filme ao estetizar o ordinário e o extraordinário. Assim, conseguimos captar algumas sutilezas de um jogo simbólico, a fim de compreender as narrativas de agentes *transitantes* com práticas promotoras de saúde no território.

4.2. OS PARTICIPANTES NO CAMPO

O convite a esses participantes permitiu que compreendêssemos melhor o território, uma vez que entender e identificar esse território exige entendê-los, localizando sua função no campo de pesquisa, pois estes são agentes legitimados pela comunidade para distribuição de alimentos nesse período do estudo. A Associação opera como núcleo funcional na organização da comunidade de Jardim Gramacho. Tanto no que foi analisado quanto às estratégias alimentares de distribuição de alimentos, como à condicionalidade dessa distribuição a ações ligadas a escolas ou ao ensino, ou qualquer ponto que seja, as associações ocupam um espaço que o Estado, orientado por um regime neoliberal, não ocupa nem tampouco se responsabiliza como deveria fazer, observando a constituição. "Duque de Caxias fecha os olhos pra miséria, não é interessante pra eles investir ali, né? Eu nunca vi isso no Rio de janeiro, parece que eu estou em outros país".

Heitor é aposentado, pai, coordenador da Associação Projeto Gramachinhos, com segundo grau completo, e morador da Ilha do Governador. Lúcia é estudante de direito, professora de inglês, psicanalista, vice-presidente da Associação Projeto Gramachinhos e

moradora da Ilha do Governador. Estão ali por escolha, e diferentemente dos moradores, estão numa camada social média da população, o que os coloca em uma posição de agentes diferente dos moradores. O envolvimento é intenso e profissional, afetivamente imbricado no cotidiano com laços fortes de conexão, "As vezes você dá um pouco do que você tem, mas quando você dá um pouco do que você é tem outro (.) É outro patamar, como diz os flamenguistas".

Eu fazia bastante trabalho social desde dos meus 12 anos com meus pais. E eu conheci Jardim Gramacho com 18 anos quando estava no processo de fechamento do aterro, na desativação, né? E aí, eu comecei a me inconformar muito com a situação daqueles moradores, né?

Assim, os identificamos para além de responsáveis da Associação ou participantes, mas também mediadores entre o território de pobreza e a sociedade, "Nós temos que ter bom senso ali. Todos precisam ser ajudados, entendeu?", captadores de recursos com visão de estratégias, "Então, eu acordo de manhã já procurando doação, divulgando nas redes sociais.", vivenciando cotidianamente a realidade, com escritório e agência de trabalho no local, "E no dia quando tem aula eu dou praticamente todos os dias.", "são tantas coisas nesses nove anos eu já vi tudo, sabe?", e atuam como autoridade para a comunidade, "ali a liderança tem que ser respeitada, tendeu?".

Não são moradores, mas *transitantes* impregnados dos códigos de identidade do campo. *Transitantes* derivou da palavra transitar, que significa passar ou andar por, fazer caminho, percorrer, mudar de lugar ou condição. Essas descrições combinam com esses responsáveis, que vão e voltam de casa para o campo, passam e percorrem Jardim Gramacho, construíram um caminho até a Associação e fizeram da sua rotina o deslocamento para um Município diferente daquele lugar onde moram, e das condições na qual vivem. Eles se equiparam em termos de condições humanas básicas com os moradores da comunidade, "*Então, assim como eu almoço todo dia eles também têm que almoçar.*" Mas com olhar crítico sobre os modos como esse território sofre sua pobreza,

As casas das pessoas que a gente ajuda, a maioria delas são casas sem banheiros, sem pia de cozinha, sem chão, é um chão verde, feio, e sem (água). Imagina você viver em uma situação insalubre dessa? Então, é deprimente quando você entra numa casa dessa.

Deste modo, percebemos como essas narrativas vão ao encontro dos indicadores socioeconômicos explicitados no item 'Localização e dados de Jardim Gramacho' (3.1), os quais apontam diversas problemáticas, como o alto percentual de sujeitos abaixo da linha da pobreza e extrema pobreza, moradias improvisadas e inacesso a serviços básicos, como abastecimento de água. Além de evidenciar a questão da desigualdade no Brasil, "sempre fui uma pessoa muito inconformada com a questão da desigualdade no Brasil, né?", como dita no item 2.2, em que a pobreza abarca uma repartição injusta e desigual entre as camadas sociais,

aprofundando o processo de exclusão social em que a renda marca mudanças nas condições, estilos, histórias de vida e organização comunitária. Um ambiente de desemprego, trabalhos mal remunerados e instáveis, de desrespeito aos direitos humanos, gerador de estado de carência e fome. Uma condição limitante de vida, que denuncia uma organização desigual e perversa da sociedade, "De ver que as crianças não tinham acesso a banheiro, não tinham acesso a água, a questão da alimentação é extremamente precária".

Nesse sentido, percebemos a ausência do Estado neste território; com isso, a presença de projetos sociais funciona como redução de danos, "E o poder público tá se lixando pro lixão, não tá mandando muita atenção, e se não fosse as ONGs". Heitor e Lúcia são agentes do campo, representantes do terceiro setor, que operam com uma ordem na mediação da comunidade local, com a sociedade civil em maior escala. Eles dispõem de influência, "E a nossa ONG, eu te falei na outra vez, é a única que oferece mensalmente a cesta básica", e agem sobre o campo, "Hoje eu tenho numa relação 330 crianças, que dão umas 300 famílias, contando com os voluntários e também os monitores". Dada a ausência de escolas de qualidade, e das altas taxas de analfabetismo e baixa escolaridade, o território também depende de voluntários e de assistencialismo na área da educação.

Esses gestores da Associação são agentes com distinção social no jogo simbólico do campo, "buscando o melhor que eu posso em termos de... psicologia, né? De liderança", que se apresenta esvaziado de quadros de liderança, "Pra ser referência pra eles, eles tem poucos exemplos ali. Então, a gente procura ser tanto na palavra quanto no trato".

Segundo relatos jornalísticos, o fechamento do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho foi precedido de abandono total pelos governantes. Por um lado, a sociedade cobra o fechamento do Aterro sob o argumento da proteção contra riscos de saúde, mas não tem condições de gestar estratégias alimentares de sobrevivência e distribuição de renda para apoiar a população. O Estado não cumpre seus deveres na governança do local e acirra o sucateamento das Políticas de bem-estar social. Nesse cenário, as unidades de coesão local desenvolvem um *habitus* liberal, com disposição para agir em prol do direito humano e segurança alimentar, de modo autorizado pela comunidade local, sem alternativas. Um dos intuitos dos projetos sociais é auxiliar nas condições básicas de vida, e no jogo simbólico do território, esses agentes possuem um papel social de gestores de ações. Eles dispõem de um espaço de reconhecimento e poder local, a fim de buscar e organizar doações e distribuições na comunidade.

O conjunto de relações de poder explicam a lógica interna de organização no campo nos termos de um jogo simbólico invisível, no qual tanto Heitor como Lúcia assumem um papel fundamental. As forças invisíveis desses agentes estão naturalizadas na legitimação de seu papel de administrador de doações, as quais são suas determinações.

Aí, a gente dividiu a cesta em quatro por vários motivos, pelo menos três eu tenho aqui. Primeiro, que às vezes a gente não tinha todos os ingredientes da cesta. Então, era uma estratégia de administração mesmo, mas o segundo é porque se a gente desse a cesta toda a mãe não mandava a criança e o terceiro é que a criança associava essa ideia de ir lá e levar pra casa alguma coisa.

O território estudado cria seu próprio princípio de compreensão, possui uma lógica própria, um campo de forças e um campo de lutas, representando respectivamente a atuação sobre os agentes nele envolvidos e a atuação dos agentes de acordo com suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura. As estratégias alimentares articuladas às doações expressam essas posições mais empoderadas dos *transitantes* em um espaço de 'lixo extraordinário', que passou dos objetos e comidas que se jogam fora para sujeitos que são 'descartados' e esquecidos.

São espaços de exclusão social, constituídos como um mundo diferente, cujo sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, levam os agentes sociais a agir em prol de sua sobrevivência básica com assistencialismo e violência. No entanto, nem por essa condição limitada de vida, invisibilizada como se vivessem em outro mundo, deixam de ser humanos em suas formas de resistir e comer, visto que a disposição de um sujeito para comer determinado alimento e agir de certa maneira é algo que podemos ver somente quando essas disposições estão expressas na ação prática (KLOTZ-SILVA; PRADO; SEIXAS, 2017). Nesse contexto, de um microuniverso humanizado, mas sujeito à exclusão social global sob o regime neoliberal, é que buscamos entender suas possibilidades.

Os lanches são os biscoitos salgados, mas eles não gostam muito e biscoito doce, recheado, aí eles amam.

Nesse território, percebe-se a disposição para adaptações, o que torna palpável o alimento do modo que chega às suas mãos. Nessa perspectiva, conseguir o alimento, seja qual for, configura uma das maneiras vinculadas às ações dos projetos do chamado terceiro setor. Nesta pesquisa, recorremos a esses agentes sociais do campo para orientar nosso modo de perceber elementos que não estão totalmente visíveis no cotidiano de Jardim Gramacho, visando analisar e refletir os desdobramentos possíveis para sua alimentação.

Os capitais simbólicos nesse território são pouco negociáveis, a mudança dos padrões é mínima. A regra principal do jogo é em prol da sobrevivência: se as crianças vão à escola, isso se articula de algum modo com uma relação básica de ter o que comer. Essa habilidade de agir no espaço social de acordo com as regras do jogo é chamada por Bourdieu de "ter o sentido do jogo", o que não significa que os agentes sociais ajam com base em uma lógica racional. De maneira que percebemos um jogo de capitais pouco negociados pela falta de direitos e cidadania, além do autoritarismo, responsabilização e um

diálogo difícil. Ainda assim, embora esse contexto traga violências, inclusive violência simbólica, ele não anula as potencialidades dos sujeitos e a importância das relações.

É contenção de danos pra ter o máximo possível com os recursos conseguidos, né? (.) Eu dou o meu melhor pras pessoas ali, sabe? É o que eu faço.

Além disso, todo o campo desenvolve um senso comum, aquilo sobre o qual todos estão de acordo, é visto como natural, e pauta o conflito entre os agentes que o dominam, pela via da *violência simbólica*, e os demais. O que percebemos como comum é o alimento ser a barganha e ser central neste jogo, vir de pessoas que não moram ali e ser administrado como via de dominação. Apesar de compreendermos a necessidade desse papel como redução de danos, há que se indignar pelo desrespeito ao direito à alimentação não estar garantido e, pior, invizibilizado por um sistema assistencialista, produtor de dependência e violência.

Essa dominação, em geral, não é evidente e explícita, "Então, lá a gente exige que pra que você possa receber a cesta o seu filho tem que estar participando direto.", sendo legítima dentro do campo, com a cumplicidade daquele que a sofre. Isso não deve ser visto como algo distante, mas permeado em diversos discursos, como o do mestre, de uma autoridade, do intelectual etc., de forma que a dominação não é uma luta aberta, mas o resultado de um conjunto complexo de ações aparentemente autônomas de cada um dos agentes sobre todos os demais.

Essas lutas resultam da tendência de todo campo a manter o status quo e incutir a cultura dominante, de modo a reproduzir e legitimar as desigualdades sociais, de forma inconsciente e naturalizada. Essa desigualdade também deve ser evidenciada como um problema além do campo, mas do próprio sistema de governo atual. Um modelo neoliberal que tira a responsabilização do Estado e a deixa na mão da iniciativa privada e dos próprios sujeitos, numa luta livre com 'ganhadores combinados'. Indo ao encontro das matérias jornalísticas e com base em Wacquant (2004), evidenciamos um Estado que se abstém da construção da realização de políticas públicas para solucionar questões em torno do acesso a direitos básicos, da pobreza e redução da desigualdade.

4.3. "ADMINISTRAR O INADMINISTRÁVEL"

Essa mesma frase foi utilizada pelos dois entrevistados em suas narrativas. Apesar de suas diferenças de idade, gênero e formações distintas, e considerando que as entrevistas foram realizadas separadamente, em dias e horários diferentes, há um eixo comum que atravessa as falas dos dois sobre a falta de recursos. Utilizam essa frase de efeito para responder a indagação de 'como enxergam Jardim Gramacho', explicando que o

inadministrável está relacionado ao que não se tem nesse território, ao que falta, como gêneros e condições básicas. A questão se interpõe nas ações sociais promotoras de saúde, porque a comida não é suficiente e não se tem saneamento básico nem infraestrutura urbana no local. O 'não ter' impacta as ações e orienta um novo planejamento para o enfrentamento de captação de recursos:

É muita falta de tudo, sabe? Não tem saneamento básico, não tem água e banheiro. É contenção de danos.

As narrativas nos aproximam da realidade dessa área de Jardim Gramacho, juntamente com as matérias jornalísticas e os elementos do documentário, e nos levam a compreensão sobre o que se faz numa situação como esta para sobreviver. Observamos que a legitimação do abandono por parte do Estado, ferindo os Direitos Humanos da população, faz com que esse território perca sua noção de cidadania, mantendo-se à margem da sociedade, o que contribui para o aumento da violência (WACQUANT, 2004). As narrativas centralizam a administração de recursos desses agentes nesse território, diante de carências e faltas, fato que avança na sua linha do tempo, influenciando inteiramente as estratégias alimentares. Esses dois entrevistados traçam estratégias para o território, operando como um terceiro setor que se ocupa do espaço, na ausência do Poder Público,

A gente atende 300 crianças, 300 famílias no caso, são 300 crianças com ensino, almoço diário e a cesta básica pra levar pra casa.

Mesmo em condições precárias, as narrativas estão pautadas pela redução de danos reais e motivação quando são relatados ganhos mínimos como "ter trezentas famílias amparadas com nutrição e não ter nenhuma criança que entrou na criminalidade". Os projetos sociais buscam organizar ações para o desenvolvimento econômico, social e cultural, como dito anteriormente, e, neste caso, ressaltam como principal tarefa o levantamento de fundos. No entanto, em nosso estudo, cabe entender as narrativas pelo modo como dialogam com a comunidade, qual seu papel no jogo simbólico de construção de estratégias. Partimos do entendimento que as estratégias não se resumem a um valor quantitativo de recursos financeiros, mas a uma posição reconhecida pela comunidade no território. Um campo de forças, nos termos de Bourdieu, é um espaço dinâmico de relações sociais com posições legitimadas na prática por todos os agentes envolvidos. Nesse sentido, aplicar esse conceito na análise nos é útil como ferramenta teórica para interrogar os modos que geraram os saberes sobre as estratégias desenvolvidas para o combate à fome pelos agentes, e como elas ganham força no cotidiano. As ações sociais propostas são construídas com voluntariado, de modo solidário, e demandam uma troca simbólica de argumentos e intenções entre esses agentes.

A frase "Administrar o inadministrável" também expõe a questão da dificuldade de diálogo entre os agentes sociais no território, que apresentam dificuldades de comunicação com a comunidade em suas narrativas, "Às vezes com os adolescentes eles ficam rebeldes, né?", "A gente sempre tem desgaste ali.". A posição de organizador das ações atribui força a esses agentes na posição de autoridade no processo comunicacional "Então, eu uso muito a minha (.) autoridade de assim, assim, poder ser firme com eles e tudo." Observamos que os elementos de distinção envolvem modos de falar e se comunicar próprios da cultura local, preconceitos e até mesmo aceitação de uma certa violência social, naturalizada como um estilo de vida. A origem social desprestigiada, o nível educacional baixo, as redes de apoio frágeis e o desemprego colocam a comunidade em um local de menor poder de decisão e autonomia sobre as narrativas dos entrevistados.

A questão do inusitado no trecho abaixo também se destaca nas narrativas, pois diante dessa falta de comida, algumas estratégias de pressão social renovam regras e técnicas. As estratégias de alimentação nem sempre são planejadas a tempo, muitas são construídas no momento em que a fome se apresenta como experiência, são urgências que são resolvidas com o que se tem a mão no momento. Esse inusitado está relacionado ao inesperado porque, no limite da fome, o que se faz nem sempre é planejado; por exemplo, se por um lado se espera uma obediência e mansidão daqueles na condição de dependência da ajuda do projeto social, como no caso da fila para doações, por outro também há desabafos daqueles que se posicionam com violência por não suportarem essa condição,

Você tá sempre passando por situações, assim, inusitadas. De pessoas que chegam lá insatisfeitas e você tem que ter jogo de cintura pra poder, né? Uma, um dos últimos momento que a gente teve foi quando uma senhora começou a xingar a Ana sem nenhuma razão de tudo quanto é nome, entendeu? E aí, era pela segunda vez, que acho que ela se drogava e aí, depois ela não queria esperar nada, né? E ali sempre tem que esperar um pouquinho. Ela xingou a Ana de tudo quanto é nome, mas xingou muito mesmo. Eu não tive outra saída a não ser tirar ela da condição de assistida, entendeu? Porque ela não tava respeitando a liderança e ali a liderança tem que ser respeitada, tendeu?

As narrativas nos fizeram perceber que a falta de comida é uma situação estabelecida para essa população há muito tempo; ela vive a miséria há longa data, em versões com diferentes aparências. Os projetos sociais administram uma doação de alimentos que é insuficiente, e aplicam condicionalidades e negociações, "E aí a doação de alimentos é condicionada a frequência das crianças na escola, das mães no curso, nada é dado atoa, né?". A falta de direitos, cidadania e o autoritarismo são naturalizados no território.

Compreendemos que nesse território as distinções e capitais simbólicos são negociações que mantêm os agentes em sua posição de administração, e que as estratégias de alimentação são a parte desse jogo que lhes confere esse capital. Os

projetos sociais se legitimam na distribuição de comida ou de recursos que vão gerar melhores condições de vida para a população. Em contrapartida, a população retorna com participação nas ações, apoio e resiliência. Isso nos permite olhar a criatividade e as possibilidades de adaptação dessa população, no que concerne a limitação de quantidade da comida. Isso pode ser demonstrado pelos pais que estabelecem a permanência dos filhos e deles mesmos nas ações sociais para manterem o recebimento das cestas básicas.

Parte desse jogo simbólico de distinções são as posturas diferentes daqueles que sofrem violência. Segundo os entrevistados, a pessoa que grita e xinga talvez consiga ser mais ouvida, e embora ela não se apresente com uma postura de resiliência e adaptação, isso não apaga os aspectos solidários da socialização entre os sujeitos e os grupos sociais. Um bom entrosamento com o projeto social envolve variadas formas de participação, entre as quais certamente o diálogo facilita a distribuição das cestas básicas.

Embora as instituições sociais e os agentes do processo sejam parte de uma hierarquia que pode determinar as estratégias, há mudanças e atualizações. Entendemos que os aspectos culturais apontam a naturalização de violências simbólicas e orientam as estratégias de alimentação, pois não se trata somente de entrar na fila para pegar a doação. Há também aqueles cuja trajetória social se destaca com o envolvimento no projeto, o que também marca uma ascensão individual e de estratégias de alimentação para todos.

Os monitores são alunos que estão conosco já há oito anos (.). Eles já terminaram o curso deles, também o curso de jovem aprendiz, tem lá 12 monitores e tem o curso.

É muito bom ver que elas colaboram, elas ajudam. A gente tem 15 voluntárias que são da comunidade. Então, chegam cedo, limpam a comunidade, ajudam a montar as refeições, lavam a louça, montam cesta com a gente. Elas que basicamente rodam, né? Fazem com que gire o trabalho, né?

Aspectos sociais e culturais influenciam, contribuindo e se tornando parte da estratégia de sobrevivência pois, segundo os entrevistados, a iniciativa "hoje é sustentada pelo próprio trabalho da comunidade". Na interação com a comunidade, foi possível acompanhar a preparação diária de almoços e a manutenção de algumas aulas neste período de pandemia. Essa iniciativa do almoço foi uma estratégia possível em função da disponibilidade das voluntárias na preparação, frente ao fechamento das escolas na pandemia. Com a escola fechada, não houve oferta nem distribuição de alimentos para os alunos. Assim, a escola "Não organizou nada, não mesmo." e os agentes se organizaram para desenvolver ações.

As crianças tinham a escola como sua referência de almoço; com o fechamento da escola na pandemia, fica claro o seu papel como instituição pública potente em suas ações de direito à alimentação também. A programação pública de associar alimentação à

educação constitui um mecanismo de cidadania e defesa dos direitos humanos. Segundo os entrevistados, há crianças que dependem do almoço da escola para comer. O papel de uma escola assim, além de observar uma política social, é cumprir também uma função emergencial de alimentação em situações limítrofes de pobreza.

Só que aí quando fechou as escolas, as crianças iam pra escola almoçar, aí elas ficavam vindo pra ONG morrendo de fome, sem comida e falava 'eu posso nem estudar aí, mas eu quero comida'.

O fechamento da escola fomentou mais a busca das crianças pelo projeto social e a demanda por comida, o que demonstrou mais ainda o quanto o papel da escola é central. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) se dedica à alimentação como direito de todos os estudantes, e uma estratégia de segurança alimentar e nutricional fundamentada no Direito Humano à Alimentação Adequada, indo para além de uma ação para minimizar a desnutrição (SILVA; AMPARO-SANTOS; SOARES, 2018). Apesar das dificuldades de algumas escolas no cumprimento das diretrizes do PNAE, e do baixo valor dos repasses financeiros de caráter suplementar, fornecidos pelo governo federal por dia letivo para cada aluno, chegando a R\$0,36 para o ensino fundamental e médio (BRASIL, 1988; 2014; SILVA & DANELON, 2015), o PNAE garante as refeições principais e o ensino fundamental gratuito para todos. Percebe-se a dimensão desse programa na vida dos alunos no território estudado de Jardim Gramacho, quando houve a suspensão das aulas.

A dificuldade das escolas municipais se mostrou também na distribuição dos alimentos para os domicílios dos alunos em substituição às refeições na escola, pois sendo o valor per capita muito baixo, a preparação somente podia ser executada para cobrir o mês todo quando realizada em grandes quantidades na cozinha da escola, de maneira que não houve a distribuição dos alimentos no lugar do almoço para os alunos matriculados nessa escola, o que pode estar vinculado ao baixo valor repassado pelo governo federal.

Refletindo sobre possíveis articulações de projetos sociais desses agentes no que se refere a ações de ensino e aprendizagem para crianças da comunidade, a ação promovida pelo grupo de extensão universitária, em pareceria com o projeto social administrado pelos entrevistados, é uma experiência de alimentação também. As atividades envolviam alimentação, tanto no conteúdo discutido, quanto na oferta de lanches. Houve relato sobre uma criança nessa ocasião que interrompeu a atividade com um comentário: "Lá vai ela falar da comida da escola…". A criança complementou após uma breve pausa "É que no outro dia não teve comida lá na escola. Aí eles deram pizza pra gente!".

Analisamos que mudar o cardápio de almoço para lanche acontece na prática, mas é reconhecido como impróprio, demonstrando a compreensão de que o correto seria a oferta do almoço, ainda que um lanche como pizza tenha boa aceitabilidade. Além da mudança de cardápio, os entrevistadores mudaram os instrutores dessas ações de ensino/aprendizagem

em função da diminuição de voluntários na pandemia, mas comentaram sobre algumas vantagens dessa mudança,

A gente tinha 19 professores que eram voluntários e aí só ficou dois. Um que é da comunidade e o outro médico. Diminui bem mesmo, tanto é que os próprios adolescentes estão ensinando agora, porque os professores não estão vindo.

Mas eu tenho estado muito feliz com tudo que está acontecendo dos adolescentes ensinando, dando sustentabilidade a ONG, não precisando trazer pessoas de fora pra ensinar. Acho que isso demonstra muita gratidão deles, de falar 'assim como eu fui ajudado eu quero ajudar', mostra que outros são excepcionais.

Esse envolvimento dos adolescentes é percebido como um bom resultado. A pandemia desdobrou a relação entre a comunidade e os projetos sociais na tentativa de sanar necessidades do próprio território diante do fechamento das escolas e das pausas das atividades educativas dos voluntários, causadas pela pandemia do Covid-19. Frente a questão das adaptações, percebemos a negligência do Estado e como a pobreza é uma marca profunda na história, desde o tempo do Aterro. As narrativas sobre como a reciclagem no Aterro era algo central para a sobrevivência da comunidade ficaram mais claras diante da sua desativação, e do modo como esta impactou diretamente a vida de todos que viviam da catação.

Nos capítulos anteriores, com as análises do filme e das matérias jornalísticas, percebemos como o Aterro aparece como gerador de atividades de sobrevivência por meio da reciclagem e catação, as quais, além de ser uma fonte de renda, marcavam laços e acordos de organização entre os catadores. A comensalidade era construída em meio à presença do comércio local e nos modos de cozinhar e compartilhar. A personagem da 'Irmã' faz sentido na cultura local, inclusive na narrativa de Lúcia e Heitor. Algumas refeições conjuntas são organizadas e compartilhadas em grupos locais.

No entanto, o projeto se desafia à promoção além da distribuição de comida, entendendo que com mais condições a comunidade consegue recursos para sua Segurança Alimentar e Nutricional.

Porque a gente não quer fazer um trabalho só de assistencialismo, a gente acredita na educação como uma ferramenta de transformação social. Então, a gente faz palestras pras mulheres, pras mães no caso, a gente faz cursos de empreendedorismo.

Assim, as ações sociais não estão relacionadas somente a estratégias emergenciais, como a distribuição de comida, e a longo prazo vêm investindo em outras, de natureza educacional, em função do desinteresse do Estado na formação escolar e profissional nesse território. Administrar o inadministrável se encontra dentro desse conjunto de atividades e estratégias diferentes para a redução de danos, em vista da não gestão do poder público.

Outras pessoas com um curso lá conseguiram um emprego, uma moça até não quis mais receber a cesta básica. Eu achei muito lindo da pessoa, né... Que falou: "pode passar pra outro que eu consegui um emprego melhor e não estou mais morando no [lixão], moro agora numa casa de tijolo, a rua calçada com banheiro", né...

Portanto, a interação com o projeto proporciona cursos que funcionam como uma estratégia alimentar indireta. Há uma tentativa de incluir a comunidade em escolas públicas para melhorar suas condições de vida e a atual situação, seja mais rapidamente, como a mulher que conseguiu mudar de emprego, ou a longo prazo, como pessoas que estão tendo novas oportunidades para ingressar na rede pública.

Tem crianças que entraram no Pedro II, tem uma menina que entrou na UERJ, sabe? Os outros oito adolescentes que hoje trabalham na ONG, que dão aula de arte, dão aula do que eles conseguem fazer. O nosso coral, eu não sei se você sabe, a gente tem o coral.

Entretanto, esse número permanece pequeno e desconhecido em termos estatísticos no município. Apesar de haver possibilidade hipotética de mobilidade social em um regime pseudodemocrático, há uma evidente impossibilidade na prática. Estudos mostram que a mobilidade para crianças de famílias com renda baixa pode ter que passar nove gerações para alcançar uma renda média (OECD, 2018). As narrativas demonstraram que preparar as crianças para transformações culturais parece ser um caminho de visibilidade que traz retorno para todos. Outro elemento proveniente da participação da comunidade é o coral.

Então, nós temos um coral que faz show, toca na rádio. Então, eu fico muito feliz com esse resultado!

A minha visão é sempre holística. Eu não acredito que a escola é só matemática e português. Eu sou psicanalista e o ensino envolve várias áreas, então, uma criança que sabe música ela vai aprender melhor matemática. Então, várias áreas afeta o humano.

A dinâmica do coral é uma dinâmica de vida, de educação, de formação, e de receber cestas básicas também, pois embora não seja obrigatória a participação em algumas atividades, como a do coral, elas vinculam a criança à Associação e, com isso, ao recebimento mensal de comida para a família. O coral traz visibilidade para a comunidade, "o coral cantou lá para 150 mil pessoas lá em, lá em Copacabana, né?", apresentando-se para quem está assistindo como avanço concreto na vida das crianças, e provocando admiração. Nesse sentido, são estratégicos os locais de apresentação do coral, tanto no reconhecimento dos participantes da comunidade, "Muita gente quer entrar e a gente não tem nem vaga", quanto no que concerne à motivação para doações e solidariedade por parte de grupos mais abastados de melhor condição social,

Aí, teve um dia que eles foram cantar lá no condomínio das mansões, que é onde mora o Felipe Neto, éee, uns blogueiros, são pessoas assim bem ricas.

A participação no coral é decidida pela administração da Associação e, ainda que indiretamente, possibilita contribuições com alimentos. O coral representa um capital cultural, e Lúcia e Heitor reconhecem a potência desses bens que, diferentes dos econômicos, são parte de trocas que trazem vantagens, "O coral é nosso carro chefe, assim, em termos de apresentação.", dentro e fora de Jardim Gramacho. Ressaltamos duas vantagens utilizando o conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu (2001; 2007; 2008). O coral é um capital cultural, objetificado como arte de distinção social. O valor está na organização musical bem entrosada de vozes femininas e masculinas, divididas por naipes para executar uma peça escrita especialmente com arranjos para coro. Nesse sentido, torna-se um objeto com valor de troca, o qual, embora não envolva diretamente recursos financeiros, pode trazê-los indiretamente, por meio do apoio ao projeto que desenvolve a atividade do canto coral.

A outra vantagem de eventos culturais como o coral é a incorporação de um princípio de consciência, demonstrado pelas predisposições na linguagem corporal das crianças, na sua postura e no estilo de vida. Também podemos considerar que, embora este não seja material, há um acréscimo positivo em termos de conhecimento. As crianças se transformam de algum modo quando passam a discriminar gêneros musicais, incorporam um novo *habitus* e mudam de atitude diante do mundo, melhoram sua autoestima, tornam-se protagonistas, são valorizados.

E virou profissio, éee... uma profissão pra eles, porque eles se apresentam em casamento, show com outros artistas.

Os eventos geralmente são fora do território, e são vivenciados como passeios, oportunidades de se ter acesso a outros lugares. O coral e outros eventos culturais promovidos antes da pandemia eram uma forma de lazer, e a chance de conhecer além do próprio território, "Eles gostavam de fazer passeio porque eles começaram a ver outras áreas.". A exclusão e marginalização da periferia dos grandes centros imobiliza a comunidade, "Eles estão sempre ali dentro", "Ninguém saía pra trabalhar.". A reflexão sobre essa questão foi apresentada por uma adolescente que mencionou o desejo de viajar para lugares diferentes para além de Jardim Gramacho e Caxias, e visitar o centro do Rio de Janeiro, "uma biblioteca enorme que tem lá". As divisões territoriais impostas à periferia cerceiam a liberdade de ir e vir.

A gente fazia antes da pandemia bastante passeio, e quando a gente ia pra fora de Jardim Gramacho, como muitos não conheciam fora de Jardim Gramacho, não tinham visto a praia, não tinham andado na cidade. Eles ficaram bastante chocados. E aí teve uma vez que

estávamos indo no centro do Rio e estava uma fila, e se não me engano era dia do ENEM, e aí tava aquela fila pro ENEM, sabe? Aí as crianças falaram assim, 'por que ta aquela fila ali?' Aí um menino falou 'Aah, deve ser dia da distribuição da cesta da ONG daqui'.

Então, eu sou meio que pai das crianças. Eu tenho uma relação meio paternal.

Tem um relacionamento muito bom, é como uma família, tá? Éee.. me dão muito orgulho.

A administração do projeto social é compreendida pela comunidade como uma relação nos moldes familiares, na qual, segundo as narrativas, o transitante "sente que tá no orfanato e você é o diretor do orfanato.". A interação do projeto com os moradores segue uma hierarquia com relações assimétricas, sob a qual as atividades assistencialistas de doação de alimentos corresponderiam a uma troca de pai para filho. No entanto, o assistencialismo é uma prática que reproduz o paternalismo do Brasil Colonial, e os efeitos da falta de políticas públicas, que antes atingiam principalmente a área rural, hoje, na época moderna, com a concentração nos grandes centros, passaram a atingir principalmente a periferia empobrecida.

Nas narrativas, os *transitantes* apresentam as doações como o que denominam administrar o inadministrável, pois o empenho está no desenvolvimento de ações sociais politizadas de inclusão social, e não numa relação de dependência. Porém, esse é um jogo simbólico que ninguém inventou; um jogo que, nos termos de Bourdieu (1992), é muito mais fluido e complexo do que todos os jogos que somos capazes de inventar (p.80)

Eu vejoo... Há ali uma grande possibilidade. Existe, assim, oportunidade de muita gente ali sair daquela situação, se tivesse um pouquinho mais de boa vontade e as pessoas pudessem ajudar um pouco mais, eu tenho certeza que dali sairiam grandes profissionais, crianças que nos surpreenderiam ali.

A atividade de mediação de contatos entre comunidade e o projeto confere uma espécie de gestão de carreira. Através dos projetos sociais são feitos contatos para conseguir vagas para trabalhadores com empresas; com esse acesso, o que se quer é abrir canais com a sociedade para inclusão social.

A gente está sempre ligando lá pra empresa, 'não eles estão ótimos, a gente vai efetivar eles. Eles de jovens aprendiz vão ser funcionários nossos'. E ali da pessoa conseguir um emprego de carteira assinada, sair daquela condição de bico, que os pais sempre estavam, porque quando acabou o aterro sanitário eles não sabiam fazer outra coisa que não seja reciclagem e nem ler sabiam, ficaram, realmente ao léu, né?

É meio paternal, porque a referência masculina ali é muito pequena, entendeu?

Ainda relacionada à questão familiar, nesse território, desvela-se parte das mais de 11 milhões de mães solo existentes no Brasil. Mães solo são as mulheres que são as únicas ou principais responsáveis pela criança, sendo que a maioria delas no país é parda ou negra, representando 61%.

Considerando que, no que tange ao saneamento básico, 42% das mulheres negras ou pardas não contam com esse acesso (IBGE, 2018), e 63% das casas são chefiadas por mulheres negras ou pardas que estão abaixo da linha da pobreza, entendemos que também são limitadas as possibilidades de deslocamentos e de construção de redes sociais. As restrições a condições de moradia e saneamento básico, "a maioria delas são casas sem banheiros", construções feitas com materiais não-duráveis, "a pessoa mora em um barraco alugado", ou mais de três moradores por quarto, relacionam-se com os quesitos mencionados anteriormente, sobre a precariedade das moradias e do saneamento básico, e como esse problema mobiliza o agente "quando vê uma criança sem chinelo, tendeu? Uma criança andando na lama".

Essas condições fazem parte das estatísticas brasileiras que colocam os sujeitos suscetíveis à insegurança alimentar (GALINDO, et al, 2021). Assim, a fome ocorre de modo imperativo nas esferas historicamente marginalizadas da sociedade (PENSSAM, 2021). Além do saneamento impactar a saúde pública brasileira e a qualidade de vida, principalmente, das crianças (BRITO & NORAT, 2017; MELO et al, 2017; RAZZOLINI & GÜNTHER, 2008), a comunicação com a sociedade também é afetada, daí a dependência dos projetos sociais para a mediação com as empresas.

A invisibilidade nas redes sociais é como uma força de exclusão social da comunidade; ninguém pode vê-la, mas é preciso supor para compreender o que se passa. O esforço para se conectar com a sociedade se torna infinitamente maior quando se mora próximo ao que foi um aterro. A posição que se ocupa sendo morador desses lugares da periferia constitui uma ameaça ao equilíbrio da divisão geográfica de investimentos públicos.

Assim, da mesma forma que as limitações higiênico-sanitárias influenciam diretamente a preparação da comida, modificando o cardápio alimentar, a invisibilidade nas mídias sociais e a reclusão no território consolidam a exclusão social. Portanto, as adequações à pobreza nesse território não se fazem somente no aspecto econômico, mas também no cultural e social.

4.4. "ITENS DE GROSSO CALIBRE"

O que se come dialoga com a ideia de sustância, vigor e força, mas não se reduz a essas categorias. Observando a classificação da comida, deparamo-nos com variadas formas de classificação frente a tantas opções na contemporaneidade. Esse volume de classificações se desdobra com bricolagens alimentares e ressignificações, e aumenta o

repertório de adequações. O light, diet, fitness (OLIVEIRA & HOFFMANN, 2015; SABINO et al, 2010), orgânico, vegano, natural (OLIVEIRA & HOFFMANN, 2015; CARVALHO & LUZ, 2011), bem como o ultraprocessado (BRASIL, 2014), todos compõem uma lista de preferências, em contraste com aqueles alimentos chamados de *"itens de grosso calibre"* pelos entrevistados, referindo-se à comida "muito básica", como os itens "arroz, feijão, óleo, macarrão", "açúcar", representando o que "não pode deixar faltar".

O conjunto de alimentos considerados nesse grupo tem maior rendimento e menor preço, e embora represente a maior parte dos alimentos distribuídos, não retrata o que os moradores de Jardim Gramacho desejam comer, mas o que é possível. Da mesma maneira, não constitui o que os *transitantes* querem distribuir, mas o que conseguem.

Como a gente vive de doação a gente dá o que a gente recebe. Então, a gente não dá o que a gente quer dar. Dá o que a gente recebe.

De acordo com O Guia Alimentar para a População Brasileira (BRASIL, 2014), o adequado está relacionado a uma alimentação baseada em alimentos minimamente processados, como arroz, feijão, e in natura, frutas, legumes e verduras, seguido do baixo consumo de alimentos ultraprocessados. Quando olhamos para o território na perspectiva do projeto social, percebemos a dicotomia entre o melhor, visto como o "grosso", e a variedade, na forma de frutas, legumes e verduras, que embora recomendada pelo Guia, torna-se inadequada, porque é insuficiente. Como ter acesso aos alimentos in natura se tudo é movido por doações? E se recebessem, como seria a distribuição? Percebemos pelos entrevistados que os itens mais distribuídos nas cestas são os alimentos minimamente processados, como arroz, feijão e farinha, enquanto que nas refeições promovidas pela Associação, são os ultraprocessados, "Aí, os lanches é isso (biscoitos) e guaraná natural.".

Embora o cotidiano alimentar seja marcado pelos "itens de grosso calibre", há doações de refeições de empresas de aviões, como "lasanhas congeladas", e lanches mais elaborados, como aqueles feitos pelo grupo de extensão articulado ao projeto social, antes da pandemia. Duas falas representam a sensibilidade sobre comidas diferentes, "Nossa, tia, isso é muito bom. Tem isso na sua casa todo dia?". Outro momento foi uma atividade com uso diferenciado do feijão em preparação doce. Após a receita ser explicada, houve a percepção da criança de ser um bolo diferente, por exemplo, "Não tia, isso eu já sei [sobre ser de feijão] Esse bolo é um bolo diferente, né?", "Aaah, brownie... Legal!". Isso deixa claro que a comunidade reconhece sabores e classificações de comidas diferentes das de uso costumeiro, associadas ao termo "grosso calibre".

Não é possível para a comunidade seguir as recomendações do Guia (2014), pois os ultraprocessados, com um tempo maior de durabilidade e, por vezes, menores preços, afastam o consumo de alimentos considerados saudáveis da realidade do Brasil. Quando a

Associação compra gêneros alimentícios, também dá preferência aos de menor preço e mais duráveis, para otimizar sua distribuição. Em um território de pobreza, na periferia de um grande centro, os quesitos de ser perecível e preço contam muito. Além da questão do valor econômico e da perecibilidade, percebemos que o projeto social orienta suas escolhas de acordo com certas particularidades; por exemplo, em relação ao café, consideram que este pode promover vícios, e decidem não o ofertar. Então, nesse território, percebemos que o café é para poucos, apenas aqueles que conseguem comprá-lo com seus próprios recursos. Esse discurso possibilita a não exigência do café na doação, e demonstra o quanto essa gestão realmente tem o poder de influenciar, até para dizer o que vicia ou não, e controlando seu acesso.

Café a gente não dá, estimula o vício. Então, a gente quando faz a cesta também não compra que é muito caro.

Não há como pautar uma discussão apenas na indicação do *Guia*, recomendando o consumo de alimentos ditos como saudáveis para a alimentação brasileira, quando os preços desses itens impactam diretamente a alimentação, ainda mais em frente à Insegurança Alimentar que atinge praticamente mais da metade da população, 116,8 milhões (PENSSAM, 2021). Entendemos que um documento como o guia deve ser coadjuvante nas lutas para transformação da sociedade. Dar visibilidade ao fenômeno da pobreza pode ser uma estratégia de sensibilização, não somente em termos de mobilizar doações, mas também em prol de ações de governo.

A gente enfrenta pessoas querendo e a gente não poder dar porque já tá comprometida com outras pessoas. Sempre chega gente de lá querendo, pedindo, né?

Mas é muito difícil você dizer não pra alguém que tu sabe que precisa, entendeu?

O projeto social busca dar visibilidade aos malefícios à saúde de uma alimentação insuficiente e diferente do que se preconiza no Guia, buscando um apoio social e solidário de forma regular e permanente.

Então, é deprimente quando você entra numa casa dessa, onde o que eles têm não chega nem o suficiente pra comerem, entendeu? Assim, de forma satisfatória.

a gente não pode interromper o alimento, nem só de pão vive o homem, mas ele não vive sem pão. A pessoa tem que comer.

Assim, o debate em torno do consumo dos itens colocados como saudáveis pelo Guia é também uma estratégia de ampliação e reforço para a realização do Direitos e políticas sociais, as quais precisam garantir o acesso ao alimento e a redução das desigualdades na pratica, e não somente nos documentos. O aumento da IA já era observado antes da pandemia, e se vincula a um conjunto de crises, econômica e política.

Isso inclui reflexos das crises financeiras internacionais entre 2011 e 2017, que levaram a quedas nos preços das commodities¹⁰. O Brasil possui uma economia baseada na exportação de insumos primários, logo, foi afetado.

Concomitantemente, a partir desse período, houve a flexibilização e depreciação de direitos sociais, como leis trabalhistas, previdência social e a política de valorização do salário mínimo, enfraquecimento de políticas e programas para redução das desigualdades sociais, como os Programas de Transferência de Rendas e o Programa de Promoção da Produção da Agricultura Familiar, e o baixo investimento no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e no PNAE. Todas essas políticas, vistas mundialmente como exitosas, contribuem para a erradicação da fome, e sofreram precarizações (GALINDO et al, 2021).

Somam-se também a esses acontecimentos os eventos ocorridos pré-Covid-19, como extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), o não acontecimento da 6ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CNSAN), a não elaboração do III Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PLANSAN) e o não funcionamento da Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional (CAISAN), os quais aprofundaram os problemas decorrentes da pandemia (GALINDO et al, 2021). Nesse sentido, quanto mais a sociedade compreender o que está acontecendo, mais ela poderá contribuir,

Eu tenho uma doadora que nos ajuda. Ela formou um grupo e nos ajuda com mil reais por mês. Eu tô até com vergonha da mulher, às vezes, porque antes eu pegava, assim, duzentos kg de arroz, sabe? Assim. Trezentos de açúcar. Esses mil reais, falando sério, cara, às vezes eu compro aqueles assim que formam volume, sabe? Aqueles (?-poso) pra dar um pouquinho de volume, entendeu? Pra não desanimar eles da ajuda. Mas mil reais não dá pra quase nada, entendeu? Tu fica bolado quando você vê lata de óleo a nove reais, leite a onze reais, aquele pacote de quatrocentos gramas...

Os agentes sociais gestores da Associação conferem visibilidade através de eventos como as apresentações do coral. No contexto atual, os principais doadores são da iniciativa privada, e hoje, com o isolamento social, foi preciso ampliar as estratégias de captação.

4.5. **GESTÃO DAS DOAÇÕES**

A doação é a legitimação do não cumprimento da LOSAN, e a confirmação de uma alimentação irregular, impermanente e em quantidade insuficiente para muitos brasileiros. Nesse contexto da pobreza, segundo regras de um jogo simbólico nos termos de Bourdieu (2001; 2007), os agentes vão sendo reconhecidos à medida em que se tornam mais

¹⁰Commodities: são produtos elaborados em larga escala e funcionam como matéria-prima, possuem qualidade e características uniformes, logo, não se diferenciam de local para local, nem de produtor para produtor. São exemplos os agrícolas, trigo, milho, açúcar, os minerais, petróleo, gás natural e os metais, ouro, prata e alumínio.

atuantes na prática do jogo simbólico, no cotidiano do território que os autoriza. No caso dos projetos sociais, os dois entrevistados são gestores que representam a comunidade para receber as doações, seja em forma de recursos econômicos, doações de comida ou outro gênero como roupas e livros. Eles determinam quais os alimentos e como distribuir. O reconhecimento da comunidade evidencia que a distribuição de comida é uma forma de organização social.

A gente começou a atender os assistidos, chamamos de assistidos, porque não são alunos, mas também pessoas que a gente não pode se furtar de oferecer mensalmente doação, porque são pessoas que não tem recurso nenhum.

A gestão da lista para doação é controlada para que somente uma criança represente cada família. O processo é informatizado e demanda registro e monitoramento permanente, a partir do qual o projeto identifica os integrantes dos núcleos familiares e suas atividades. Esse controle permite intervenções e dinâmicas variadas, como no caso das famílias com mais de uma criança ou um integrante com dependência química.

Às vezes a família tem cinco filhos e aí vem no nome do primeiro, só que eu tenho o nome de todos juntos na ordem alfabética, tendeu? Então, quando eu atendo um, eu estou atendendo todos da família.

Então, pra algumas famílias, que a gente sabe que tem viciado em casa, a gente dá o arroz o feijão em saco, a gente tira do saco original e bota no saco plástico, se não a pessoa rouba em casa e vende na rua pra droga, entendeu? E aí, a gente não fala assim, não vamos dar porque as famílias precisam, a família tem necessitado ali, criança. Então, a gente busca criar uma estratégia pra pessoa não vender, porque vai vender 1kg de arroz aberto? Não da, né? Então, a gente faz isso.

Segundo os *transitantes*, a doação de alimentos é uma estratégia de negociação com a comunidade, visando implementar outras funções, e por isso demanda regras, condições de periodicidade. As ações do projeto exigem planejamento a longo prazo; por exemplo, a educação das crianças é uma das funções associadas à alimentação, observando como a rotina dessas crianças é parte da estratégia de atendimento à família,

A gente percebeu que quando dava a cesta, a mãe não mandava os filhos. Aí, a gente dividiu a cesta em quatro por vários motivos, pelo menos três eu tenho aqui. Primeiro, que às vezes a gente não tinha todos os ingredientes da cesta. Então, era uma estratégia de administração mesmo, mas o segundo é porque se a gente desse a cesta toda a mãe não mandava a criança e o terceiro é que a criança associava essa ideia de ir lá e levar pra casa alguma coisa, entendeu? Tipo assim, uns 5kg de alguma coisa, mas sempre era alguma coisa.

As estratégias dos gestores são dinâmicas e refletem mudanças a todo momento, o que interfere na legitimação da autoridade e nas relações de poder, próprias do mundo das

doações. Nos capitais simbólicos relacionados aos projetos, os mais merecedores de doações são aqueles que apresentam resultados aparentemente melhores, de acordo com seus doadores. O que ao mesmo tempo é uma exigência para se captar recursos, por exemplo, imagens de crianças sorrindo, torna-se um argumento que reforça a prática assistencialista. Por um lado, o que se quer é ver as crianças 'felizes', por outro, essa é uma exigência que invisibiliza a violência que o território sofre com o abandono do poder público.

O estilo assistencialista voltado para as estratégias de alimentação alterna as aparências de bons resultados no enfrentamento da fome com um estado grave de carência para captar novos recursos. O capital de um projeto toma forma na prática do jogo e se materializa como moeda simbólica nas trocas subjetivas. O alimento que se doa ao 'pobre' possui uma função para além do biológico ou bioquímico, é a expressão de uma ordem cultural. Dessa forma, o comer engloba elementos biológicos e culturais, e vai além de um ato de sobrevivência. Então, nessa perspectiva, a doação não é apenas um gesto para saciar a fome, e reflete outras questões graves em relação aos modos de governar um país como o Brasil. Perguntamos, quem ganha com esse jogo? Os ganhos não se resumem às estratégias alimentares para o enfrentamento da pobreza, mas há acordos variados entre agentes sociais e instituições, os quais também recebem os benefícios dos sentidos gerados pelas doações (CARVALHO et al, 2011; CONTRERAS & GRACIA, 2011; SILVA et al., 2010).

Afinal, toda ação social possui um sentido, como toda conduta humana é dotada de um significado subjetivo, conferido por quem a executa e a orienta (WEBER, 2010). Ao compreender essa ação, percebemos e interpretamos sua conexão de sentidos, portanto, ao definirmos a distribuição de alimentos como uma relação assistencialista, ao mesmo tempo em que esta beneficia a população em sua urgência, também posterga uma luta pelo posicionamento do Estado. Um jogo perverso de armadilhas, no qual receber o alimento é preciso para atender as necessidades mais básicas, mas são mínimas as possibilidades de enfrentamento real com a miséria. Nessa situação, há os que se ressentem,

Outra foi porque a gente mandou o arroz com bichinho, tinha bichinho no arroz, sabe? Um exemplo, aí, a pessoa achou que era um desrespeito com o morador a gente entregar um arroz com bichinho, né?

Assim, distribuir comida, ou o próprio ato de comer, por ser uma ação social, possui um significado e um sentido compartilhado pelos atores sociais que participam de um jogo simbólico perverso e desigual no território de pobreza, seja consciente ou não. Esse sentido é produzido socialmente a partir das lógicas que regem as estratégias de combate à fome, os modos de organização social das doações, e as relações de poder ali estabelecidas. Ao receber doações, incorpora-se também a essas lógicas, as quais produzem identidades

individuais e coletivas, as subjetividades, e a forma como se vive nesse local. Mas a apropriação dos sentidos não se dá apenas no plano das relações entre a Associação e os moradores de Jardim Gramacho. Os sentidos são também apropriados, reproduzidos e ressignificados por instâncias institucionais que reafirmam suas práticas e criam estratégias de ação voltadas para os seus interesses, "a gente recebeu trezentas e cinquenta cestas dessas da L'Oréal.". O capital simbólico vindo da doação de comida extrapola a sua função local e gera ganhos em outras esferas, como nas ações de marketing social das empresas que participam indiretamente das ações, e nas formas de atuação das políticas públicas. São muitos os interesses políticos e econômicos, valores morais, "As pessoas gostam de ver a pobreza e a gente também gosta de receber por causa das doações.", e sentidos no jogo simbólico, depositados na comida que é doada.

Eu gosto muito de mandar as fotos das crianças recebendo pra que vejam, né? Passo transparência, credibilidade pro projeto. Gosto muito de prestar contas, enviar, tô até aqui com a nota fiscal dessa semana.

De maneira, que a mesma comida que alimenta os corpos biológicos e sociais das pessoas que vivem nessa situação, alimenta também os corpos institucionais dos grupos que promovem a doação, "por exemplo, a GOL, a TAN é UAN, aí mandam comida de avião", além de alimentar a alma, o corpo simbólico dos sujeitos que realizam a ação. Nesses itens que são distribuídos em Jardim Gramacho, cabem os nutrientes, os códigos sociais e os valores morais (NASSER et al, 2020).

Aí, ele, 'tia, por que esses ricos vêm nos visitar? Por que eles não chamam a gente pra morar com eles? Seria melhor.' Aí, o outro menino disse uma coisa tão fantástica, ele 'os ricos só gostam da gente só um pouquinho'.

Bom, e as doações vêm muito no final de ano, entende? Parece que as pessoas pensam que os pobres só comem em dezembro (risos) Entendeu? Só comem em dezembro. Então, assim como eu almoço todo dia eles também têm que almoçar e as pessoas, nesses momentos assim mais estimulante a doação é quando vem um décimo terceiro ou então quando a empresa faz uma festa de final de ano e resolve doar cestas pra outras pessoas também. Mas daí a gente não vive só das doações de dezembro, que não da pro ano inteiro. É... de fim de ano, mas a gente economiza. Nos próximos três meses do que a gente recebeu a gente pode atender.

Isso evidencia que a ação de doar não é neutra e carrega a responsabilidade e culpa de uma sociedade que resiste e se fecha ao debater sobre a pobreza. Envolvida pela violência das periferias a cidade responde aos apelos.

Então, eu acordo de manhã já procurando doação, divulgando nas redes sociais. Hoje em dia é muito instagram, facebook e eu tô sempre muito aberta para que as pessoas venham e visitem, vejam para ter doações.

Vaquinha ela consegue recolher é nas redes sociais. De vez em quando eu distribuo nos meus grupos pra eles ajudarem. A gente tá com uma vaquinha com objetivo pra conseguir vinte e cinco mil pra gente poder se sustentar na pandemia. Na última vez já estávamos com nove mil e oitocentos, entendeu? Ajuda bastante, porque não tinha visita, só vinha de apadrinhamento. E o que ajuda melhor é as visitas. Agora a gente tá buscando apadrinhamento também pela internet, tendeu? Pelas nossas redes lá. Hoje a Lúcia conseguiu quatro, até falou pra gente. A gente ficou contente.

Tal visibilidade e arrecadação em tempos de pandemia demandam ferramentas e recursos dos quais os moradores não dispõem. Com os acessos à internet limitados, só lhes restam projetos sociais para mediar suas possibilidades com o poder público.

A maioria tem acesso ao bolsa família. Tinha, né? Porque com o bolsa família mudou para bolsa brasil e aí muitos estão com dificuldade, porque é pelo aplicativo e eles não tem acesso.

Algumas têm o bolsa família, mas o bolsa família é um valor bem pequeno, né? A gente também não atende a família em tudo, porque se não tu cria também uma dependência, tu cria uma, uma situação de dependência. Sempre estimulando elas a procurarem emprego, manter os filhos na escola. A gente está sempre buscando, ela até falou assim: "mas isso aqui não dá pro mês inteiro", mas não é pra dar mesmo, você que tem que se sustentar, a gente só ajuda você, tendeu?

O Programa Bolsa Família (PBF) foi uma das estratégias que se modificou. Ele se estabeleceu pela unificação e ampliação dos diferentes programas sociais em um único programa, com cadastro e administração centralizados. Oficializou-se em 2004 através da Lei 10.836 e possui como eixos: complemento da renda, acesso a direitos e outras articulações para estimular o desenvolvimento das famílias. A gestão do Bolsa Família é descentralizada, ou seja, os três níveis de governo, federal, estadual e municipal, possuem atribuições em sua execução. Em nível federal, o Ministério da Cidadania é o responsável pelo Programa e gera periodicamente uma base de dados para acompanhamento das condicionalidades pelo público, como frequência escolar, calendário vacinal e outros.

Olha que interessante, o bolsa família é muito interessante, porque as pessoas só recebem bolsa família se as crianças estiverem vacinas e indo pra escola. Então, mal ou bem garantia que as crianças estivessem com a vacina em dia, indo pra escola. Então, a maioria ia, todas que estavam em idade escolar iam pra escola e voltava pra ONG no contra turno.

O PBF atende famílias que vivem em situação de pobreza e de extrema pobreza, e o valor recebido pela família é a soma de vários benefícios previstos, cujos tipos e quantidades dependem da sua composição, considerando o número de pessoas, idades, a presença de gestantes e da renda da família beneficiária.

Quando era o bolsa família eles entendiam direitinho como funcionava. Agora eles estão confusos e a maioria parou de receber recentemente, o que fazia muita diferença.

Diversos estudos demonstram a importância do Programa para as famílias beneficiadas, como proporcionar maior acesso aos alimentos e levar a promoção da SAN (COTTA & MACHADO, 2013), aumentar as chances da permanência no emprego (SANTOS et al, 2017), impactar na saúde pública com decréscimos nos níveis da mortalidade infantil (SILVA & PAES, 2018) e auxiliar na manutenção das crianças e adolescentes na escola (MARTINS & RÜCKERT, 2019). Apesar dos aspectos positivos proporcionados pelo PBF, para alcançar o acesso a direitos sociais básicos de saúde e educação, no intuito de romper com o ciclo da pobreza, é necessário a expansão dos serviços públicos, a redução das desigualdades e a consolidação do SUS (MORAES & MACHADO, 2017).

Outro ponto a ser destacado é como a pandemia afetou o Bolsa Família. O aumento da circulação de notícias sobre os benefícios do AE e o PBF podem ter gerado dúvidas nesse período, considerando a opção do AE em substituição provisória ao PBF, casos de famílias excluídas do programa durante a pandemia da Covid-19, e o fato de que o recebimento do benefício dos inscritos no PBF a partir de dezembro de 2020 seria por meio de poupanças digitais, para que, assim, o dinheiro pudesse ser movimentado pelo aplicativo Caixa Tem.

Embora essa modificação caminhe com o avanço tecnológico, um número considerável de pessoas continua sem acesso à internet, principalmente entre a população da classe D e E, sendo quase 26 milhões de não-usuários (IBGE, 2019; Cetic, 2019), como é o caso dos sujeitos de Jardim Gramacho.

7. CONCLUSÃO

Na tentativa de compreender o território de Jardim Gramacho, no que concerne a comida e as dinâmicas sociais, seguimos por uma abordagem multidisciplinar para intentarmos um olhar holístico. Embasamo-nos na definição de território de Milton Santos para considerar os sujeitos vinculados ao local e construímos uma concepção de pobreza para além da questão econômica, mais complexa, relacionada a um contexto histórico e vinculada aos seus direitos. Isso nos possibilitou ampliar perspectivas no processo das análises.

Também buscamos compreender as questões macro para irmos às micro, de maneira que não expressássemos como coincidência a permanência da pobreza dentro de um território que abrigou um dos maiores aterros da América Latina, já que o despejo do lixo está dentro de uma lógica baseada no nível de desenvolvimento econômico, e acaba nas periferias. Para promover a historização e problematização, e entender minimamente de onde as narrativas surgem, utilizamos as matérias jornalísticas e o documentário como mediadores e reforçamos a multidisciplinariedade pelos usos de diferentes materiais complementares às narrativas.

Narrativas essas que podem ser de diferentes formas, logo, fluídas, situacionais e interacionais, expostas por meio de entrevistas abertas sem perguntas fixas com dois participantes vinculados ao território enquanto mediadores, gestores e organizadores, identificados nesse estudo como *transitantes*. A presença deles nesse território se faz necessária pelo desinteresse do Estado em uma gestão comprometida com o social, de modo a não estar voltado efetivamente para políticas relacionadas ao combate da pobreza, insegurança social e crescimento das desigualdades.

O abandono do território pelo poder público deixa nas mãos do terceiro setor a responsabilidade por tentar administrar o que não há como se administrar, pela ausência do mínimo. Portanto, percebemos um jogo de violências simbólicas e uma dominação violenta, o que expressa a reprodução de um modelo neoliberal e a negligência do Estado. Dessa maneira, revelamos as estratégias de sobrevivência dos moradores, como ser resiliente, adaptativo e participar das ações da Associação, seja pela presença ativa e ininterrupta dos filhos, pelo comparecimento nos cursos, como voluntários, monitores, parte do coral ou cozinheiros.

Essas estratégias os permitem conseguir comida mensalmente, acesso a outros espaços e novas possibilidades. Assim, a Associação também traça estratégias para a contenção de danos nesse território, e tenta administrá-lo de alguma maneira, conferindo a função de gestores aos representantes da Associação. Assim, também se revela uma forma de autoridade vinculada aos agentes sociais, pois estes administram e detêm os acessos, exercendo no jogo o papel social de organizador, reconhecido pela comunidade.

Há a condução de atividades emergências e de longo prazo, de maneira que os agentes sociais possibilitam algum tipo de transformação, ainda que pequena, nesse território, pois não é possível para a Associação assumir o papel do Estado. Além disso, transformações profundas necessitam de mudanças drásticas no atual sistema político-econômico.

Apesar desse panorama, enxergamos potencialidades e estratégias humanas nesse território, buscando um olhar não violento para o objeto de estudo sobre o qual estamos debruçados. Outra questão de destaque é o cenário atual de pandemia, no qual as interações entre território e projeto se estreitaram, sendo os sujeitos do território um dos principais combustíveis para manter as atividades de aula, lazer e promoção do almoço no território. Isso ocorre pela impossibilidade de os voluntários continuarem indo ao projeto, e o fechamento temporário das escolas, pelas medidas de isolamento social, mobilizando os moradores a se vincularem à Associação para continuar promovendo essas atividades.

Nesse período, as doações vinculadas às visitas a Jardim Gramacho e às apresentações do coral se modificaram para captar recursos pelas mídias; assim, o baixo acesso à internet nesse lugar também é revelado, demonstrando como o papel de mediador se torna importante dentro desse contexto de precariedade, causado pela negligência do Estado.

Ademais, revelamos o acesso precário também à comida, onde a insegurança alimentar é gritante. Além de estar vinculada ao que é doado, descrito como "itens de grosso calibre" ou, mais popularmente, visto como básico. Nessa relação com a alimentação, também evidenciamos a não possibilidade de seguir as instruções para uma alimentação adequada tanto pelo Guia Alimentar (2014), pelo alto consumo de alimentos ultraprocessados e baixo em in natura, quanto pela LOSAN (2006) por não ser garantida a essa população uma alimentação regular, permanente e em quantidade suficiente pelo Estado.

Assim, encontra-se nas mãos da iniciativa privada a mobilização frente a essa problemática; por essa razão, as doações estão articuladas de acordo com suas regras, condições, quantidades e periodicidade para proporcionar a alimentação a alguns nesse território. Com isso, há um limite de pessoas ajudadas; para receber os itens as crianças precisam frequentar as atividades da Associação; para garantir as cestas, há itens que não entram na doação; é dada uma cesta por família; para famílias com dependentes químicos, troca-se a embalagem original dos itens por sacolas; as cestas são divididas em quatro partes, ofertando uma parte em cada semana, e são feitos registros fotográficos da distribuição de cestas para as crianças.

As doações também desvelam como não há neutralidade nessas ações, as quais estão permeadas de sentidos e revelam as posições dos atores, sujeitos, agentes e

instituições, percebendo a comida como capital em um jogo, saciando a fome de quem a recebe, enquanto aqueles que a doam dispõem dos benefícios decorrentes dos sentidos gerados por essas doações, de maneira que a distribuição da comida detém significados e sentidos compartilhados, os quais vão além dos moradores com os *transitantes*, mas também perpassam as instâncias institucionais, as quais desdobram estratégias de ação voltadas para os seus interesses. Além disso, no caso das doações fornecidas por pessoas físicas, estas colocam nessa ação de doar seus próprios interesses, valores morais e sentidos.

Ainda que permeada de violências, através da arrecadação a Associação consegue uma redução de danos com sua visibilidade e organização, principalmente de modo virtual. Portanto, a comida de Jardim Gramacho alimenta biologicamente e socialmente os sujeitos e toda uma rede.

Como já mencionado no início desta dissertação, esse estudo não pretende responder completamente os pontos avaliados, e seu desenvolvimento trouxe ainda mais questões para se debruçar e aprofundar, como as dinâmicas vinculadas a outras instituições relacionadas ao terceiro setor, presentes nesse território, as mídias dessas instituições e suas relações nesse ambiente, e a voz do moradores, partindo da interação com os mediadores e buscando uma relação mais interna, possibilitando uma imagem ainda mais microssocial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABC. Agência Brasil de Comunicação. Brasil. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-01/lixao-de-brasilia-e-fechado-catadores-criticam-transferencia-para-galpoes. Acesso em: fevereiro de 2020.

ADULIS, D.; FISCHER, R. M. Exclusão social na Amazônia Legal: a experiência das organizações na sociedade civil. **Revista de Administração**, São Paulo, v.33, n.1, pp: 20-33, 1988.

ALVES, K.P.S.; JAIME, P.C. A política nacional de alimentação e nutrição e seu diálogo com a política nacional de segurança alimentar e nutricional. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 11, pp: 4331-4340, 2014.

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? São Paulo: Cortez, 1994.

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Textand Talk**. vol.28, n.3, pp: 377-396, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BASTOS, L.C.; BIAR, L.A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A**, vol. 31, especial, pp: 97-126, 2015.

BATISTA, L.M.G. et al. Percepção de agricultores familiares do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) sobre o significado de fazer parte do PAA e a sua compreensão sobre conceitos relacionados à alimentação, nutrição e saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 2, pp: 494-504, 2016.

BINION, E.; GUTBERLET, J. The effects of handling solid waste on the wellbeing of informal and organized recyclers: a review of the literature. **International Journal of Occupational and Environmental Health**, v. 18, n.1, pp: 43-52, 2012.

BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, pp: 68-80, 2005.Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976. Acesso em: março 2019. DOI: https://doi.org/10.5007/%25x

BOURDIEU, P.; Wacquant, L. **An invitation to reflexive sociology.** Chicago, Cambridge, University of Chicago Press, Polity Press, 1992.

BOURDIEU, P.; EAGLETON, T. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In: ZIZEK, Slavoj. (Org.). **Um mapa de ideologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 265-278.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. A Distinção - Crítica Social do Julgamento. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. Compreender. In: P. BOURDIEU (coord.), **A miséria do mundo.** 7ªed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei n. 12.305 de 02 de agosto de 2010. **Política Nacional de Resíduos Sólidos**; altera a lei n.9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providencias. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília DF.

BRASIL. **Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional.** Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 156 p. ISBN 978-85-334-2176-9

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. Secretaria Nacional de Saneamento – SNS. **Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento: Diagnóstico do Manejo de Resíduos Sólidos Urbanos**, 2018. Brasília: SNS/MDR, 2019. 247 p. : il.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Cartilha Nacional da Alimentação Escolar**. Brasília, DF, 2014.

BRASÍLIA: Senado Federal, Secretaria Especial de Comunicação Social, **Em discussão: Resíduos Sólidos em foco**, ano 5, nº 22 - setembro de 2014. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/residuos-solidos/@@images/arquivo_pdf/. Acesso em 01/02/2020.

BRITO, F.S.L.; NORAT, M.V.C. Saneamento básico e sua relação com a saúde pública: um estudo em um bairro da cidade de Belém-PA. In: VIII Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, 27-30 nov 2017, Campo Grande/MS. Disponível em: https://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2017/XI-004.pdf>. Acesso em: junho 2021

BURLANDY, L.Segurança Alimentar e Nutricional: intersetorialidade e ações de nutrição. **Saúde em Revista**, v. 6, n. 13, pp: 9-15, 2004.

Casa Fluminense. **Mapa da Desigualdade – Região Metropolitana do Rio de Janeiro.**2020. Disponível em: https://casafluminense.org.br/mapa-da-desigualdade/#>. Acesso em: julho 2021.

CAPUCHA, L. Desafios da Pobreza. Oeiras, Celta, 2005.

CARMO, M.E.; GUIZARDI, F.L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-311X00101417. Acesso em: março 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-311X00101417.

CARVALHO, M.C.V.S.; LUZ, M.T. Simbolismo sobre "natural" na alimentação. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 16, n. 1, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000100018. Acesso em: junho 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000100018.

CARVALHO, M.C.V.S. et al. Comer, alimentar e nutrir: categorias analíticas instrumentais no campo da pesquisa científica. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, pp: 155-163, 2011.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CASTEL, R. Insegurança social: o que é ser protegido? Petrópoles: Editora Vozes, 2005.

CASTRO, J. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço.** 10ªed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências [Versão eletrônica]. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 143-176, 2002. Disponível em: < https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200007>. Acesso em: março 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200007.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos.**Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Cetic. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. **TIC Domicílios 2019**. Disponível em: https://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores/>. Acesso em: junho 2021.

CHEBET, C. Over 2,000 tonnes of trash choking six major Kenyan towns. 2017. Disponívelem: https://www.standardmedia.co.ke/article/2001242767/over-2-000-tonnes-of-trash-chok ng-six-major-kenyan-towns. Acesso em: fevereiro 2020.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL – CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostragem de Domicílios – PDAD**, Brasília, 2013. 65 p. Disponível em: http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-SCIA-Estrutural.pdf>. Acesso em: julho 2020.

CONTRERAS, J.; GRACIA, M. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

CORRÊA, A.B.A. A exclusão da população de baixa renda dos sistemas de trocas comerciais: uma análise histórica sob a perspectiva do marketing. 2011. **Dissertação** (**Metrado em Administração de Empresas**) -Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <Microsoft Word - Dissertacao_Pretextual Alessandra Baiocchi _NOVO_.doc (puc-rio.br)>. Acesso em: março 2019.

COTTA, R.M.M., MACHADO, J.C. Programa Bolsa Família e segurança alimentar e nutricional no Brasil: revisão crítica da literatura. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 33, n. 1, pp: 54–60, 2013.

CRESWELL, J.W.W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 2ªed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DAMASCENO, N.F.P. et al. Narratives as alternative in health research. **Interface** (Botucatu), v. 22, n. 64, pp: 133-140, 2018.

DAVIDSON, C. Transcription: Imperatives for qualitative research. **InternationalJournalofQualitativeMethods**, v. 8, n. 2, pp: 36–52, 2009. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/160940690900800206. Acesso em: março de 2019. DOI:10.1177/160940690900800206.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin, N.; Lincoln, Y (org). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, P.C. et al. Obesidade e políticas públicas: concepções e estratégias adotadas pelo governo brasileiro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 7, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-311X00006016. Acesso em: agosto 2018.DOI: https://doi.org/10.1590/0102-311X00006016.

DUPAS, G. A lógica da economia global e a exclusão social. **Estudos avançados**, v.12, n.34,pp: 121-159, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141998000300019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: julho 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-40141998000300019.

EDUARDO DINIZ. A realidade de Gramacho seis anos depois. COMUNICAR, Jornal da PUC, maio de 2018. Disponível em: "http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgi/lua.exe/sys/start.htm?infoid=7532&sid=29". Acesso em: abril de 2019.

EJATLAS. DandoraLandfill. Disponível em: https://ejatlas.org/conflict/dandora-landfill-in-nairobi-kenya. Acesso em: fevereiro 2020.

FREITAS, M.C.S. **Agonia da fome** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Salvador: EDUFBA, 2003. 281 p. ISBN 85-8906-004-7.

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Sobre o Pnae**. Disponível em:https://www.fnde.gov.br/programas/pnae>. Acesso em: junho 2021.

GALINDO, E. et al. Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil. **Food for Justice Working Paper Series**, n. 4. Berlin: Food for Justice: Power, Politics, and Food Inequalities in a Bioeconomy. 2021. DOI: 10.17169/ refubium-29554.

GIDDENS, A. Sociologia. 4. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2005.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ªed.São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, M. B. A Narrativa midiática: Mediações dos Acontecimentos. **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, v. 5, n. 10, pp: 330 - 246, 2017.

GONDIM, G.M.M et al. O território da saúde: a organização do sistema de saúde e a territorialização. In: MIRANDA, Ary Carvalho de et al. (Org.). **Território, ambiente e saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. p. 237-255.

GRENFELL, M. Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na Sociologia.** 5ªed. Petrópolis: Vozes, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS (IBASE), FURNAS Centrais Elétricas S.A e Comitê de Entidades no Combate à Fome e Pela Vida (COEP). – **Diagnóstico Social** – Duque de Caxias, Rio de Janeiro - Agosto, 2005.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** 2018. IBGE, Rio de Janeiro, 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad C). **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019.** Disponível em:">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>">https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo.** 2021. Disponível em: < https://www.ibge.gov.br/explica/inflacao.php >. Acesso em: junho 2021.

IETS. Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade. Estratégia de Desenvolvimento Urbano, Socioeconômico e Ambiental para o Entorno do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho _ Diagnóstico Socioeconômico de Jardim Gramacho. Rio de Janeiro, maio de 2011.

ITALO NOGUEIRA. Catadores temem futuro após fim de aterro no Rio. FOLHA DE S.PAULO, cotidiano, novembro de 2008. Disponível em: "https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1511200832.htm". Acesso em: abril de 2019.

JANAÍNA CARVALHO. G1 relata abandono de moradores de Gramacho, 3 anos após lixão fechar. G1, do G1 Rio, julho de 2015. Disponível em: "http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/g1-relata-abandono-de-moradores-de-gramacho-3-anos-apos-lixao-fechar.html". Acesso em: abril de 2019.

JANAÍNA CARVALHO. Lixões clandestinos em Gramacho oferecem risco à saúde de moradores. G1, do G1 Rio, julho de 2015. Disponível em: "http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/lixoes-clandestinos-em-gramacho-oferecem-risco-saude-de-moradores.html". Acesso em: abril de 2019.

Jardim Gramacho: a vida num dos maiores aterros sanitários do mundo. G1, do G1 Rio, maio de 2011. Disponível em: "http://g1.globo.com/acao/noticia/2011/05/jardim-gramacho-vida-num-dos-maiores-aterros-sanitarios-do-mundo.html". Acesso em: abril de 2019.

JEFFERSON, G., 2004. Glossary of transcript symbols with an introduction. In G. H. Lerner (ed.) **Conversation Analysis:Studies from the first generation**. Amsterdam: John Benjamin, p. 13-31.

JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M.W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

KRAEMER, F.B.; PRADO, S.D.; FERREIRA, F.R.; CARVALHO, M.C.V.S.; O discurso sobre alimentação saudável como estratégia de biopoder. **Physis: Revista de saúde coletiva**. Rio de Janeiro. v.24, n.4, p.1337-1359, 2014.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. Language in the inner city. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972, p. 354-392.

LEAL, G. F. Abordagens da exclusão social no brasil na virada do milênio. Estudos de Sociologia. **Estudos de Sociologia,** v. 16. n. 1, pp: 137-156, 2010,

LIXO EXTRAORDINÁRIO (Reino Unido/Brasil, 2011). Filme. Duração 99 minutos. Almega Projects e O2 Filmes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JLTY7t8c_x0. Acesso em: março de 2019.

LOPES, J. R. Exclusão Social, Privações e Vulnerabilidade: uma análise dos novos condicionantes sociais. **São Paulo em perspectiva**, v. 20, n. 1, pp:123-135, 2006.

LUZ, M. Natural, racional, social: razón médica y racionalidad científica moderna. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1997.

MAIA, M.R.; ANICETO, C.M.R. Memória e acontecimento: o golpe militar de 64 nas narrativas das revistas brasileiras. **Revista Observatório**, Palmas, v. 2, n. 1, pp: 230-251, 2016.

MAPLECROFT. Waste Generation and Recycling Indices 2019 report. Disponível em: https://www.maplecroft.com/insights/analysis/us-tops-list-of-countries-fuelling-the-mounting-waste-crisis/. Acesso em fevereiro 2020.

MARÍA MARTÍN. A 30 quilômetros de Ipanema, a vida passa com menos de três reais por dia. PRISA, EL PAÍS, dezembro de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/11/politica/1512998294_705549.html. Acesso em: abril de 2019.

MARTINS, B.A.; RÜCKERT, F.Q. O Programa Bolsa Família e a educação: uma análise da produção científica brasileira fundamentada na base de dados SciELO (2003-2018). Revista [online]. Brasileira de Educação 24, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240061>. Acesso em: junho 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240061.

MATHEUS, L.C. Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. 2010. 282f. **Tese (Doutorado em Comunicação)** – Universidade Federal Fluminense, 2010. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/4029>. Acesso em: março 2019.

MAVROPOULOS, A.; NEWMAN, D. Wasted Health – The tragic case of dumpsites.International Solid Waste Association – ISWA. Jun. 2015. Disponível em: https://www.iswa.org/fileadmin/galleries/Task_Forces/THE_TRAGIC_CASE_OF_DUMPSITES.pdf. Acessoem: fevereiro 2020.

MARTUZZI, M.; MITIS, F.; FORASTIERE, F. Inequalities, inequities, environmental justice in waste management and health. **European Journal of Public Health**, v. 20, n. 1, pp: 6-21, 2010. DOI: 10.1093/eurpub/ckp216.

MEIDIANA C.; GAMSE T.The new waste law: challenging opportunity for future landfill operation in Indonesia. **Waste Management and Research**, v. 29, n. 1, pp: 20-29, 2011.

MEIRELLES, D.R.S.; GOMES, L.C.M. A busca da cidadania: a cooperativa de catadores de materiais recicláveis do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias-RJ.In: Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2008, Caxumbu, Minas Gerais.

Disponível

em: http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1723/1683. Acesso em: fevereiro 2020.

MELO, F.J.S. et al. Análise do saneamento básico e saúde pública na cidade de Pombal, Paraíba. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, Pombal, PB, v.12, n. 1, pp:74-78, 2017. Disponível em: http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS. Acesso em: junho 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.18378/rvads.v12i1.515.

MENEZES, F.; JANNUZZI,P.M. Com o aumento da extrema pobreza, Brasil retrocede dez anos em dois. **Teoria e Debate**, São Paulo, n.170, março/2018. Disponível em: https://teoriaedebate.org.br/2018/03/07/com-o-aumento-da-extrema-pobreza-brasil-retrocede-dez-anos-em-dois/. Acesso em julho de 2021.

METRÓPOLES. Distrito Federal. Disponível em: https://www.metropoles.com/distrito-federal/sem-recuperacao-ambiental-fechamento-do-lixao-completa-um-ano-e-meio. Acesso em: fevereiro 2020.

MINAYO, M.C.S. **O** desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde. 2ªed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 6ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

MINAYO, M.C.S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5. p: 1-12, 2017.

MORAES, V.D.; MACHADO, C.V. O Programa Bolsa Família e as condicionalidades de saúde: desafios da coordenação intergovernamental e intersetorial. **Saúde em Debate [online]**, v. 41, n. 3, pp: 129-143, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-11042017S310. Acesso em: junho 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-11042017S310.

MOTA, M.F. et al. Caracterização e contaminação do solo do lixão da Marambaia, Nova Iguaçu, RJ. In: Congresso Brasileiro de Ciência e Tecnologia em Resíduos e Desenvolvimento Sustentável, 2004, Costão do Santinho, Florianópolis, Santa Catarina. Disponível em:

<file:///C:/Users/Matheus/Downloads/https_www.ipen.br_biblioteca_cd_ictr_2004_ARQUIVO
S%2520PDF_10_10-021.pdf>. Acesso em: jullho de 2019.

MUYLAERT, C.J. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 2, pp: 184-189, 2014.

NASSER, J.H. et al. Caridade para os merecedores e salvação para os doadores: sentidos da comida distribuída para a população em situação de rua In: Maria Claudia da Veiga Soares de Carvalho et al. (org). **Comensalidades em trânsito**. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 245-266.

NERI, M.C. Bem-Estar Trabalhista, Felicidade e Pandemia - Sumário Executivo. Rio de Janeiro, RJ, FGV Social, 2021. Disponível em: https://cps.fgv.br/FelicidadeNaPandemia. Acesso em: julho de 2021.

NUNES, L.S. et al. A análise da narrativa como instrumento para pesquisas qualitativas. **Revista Ciências Exatas**, v. 23, n. 1, pp: 9-17, 2017.

OECD. Organization for Economic Co-operation and Development. **A Broken Social Elevator? How to Promote Social Mobility.**OECD Publishing, Paris, 2018. Disponível em:https://read.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/broken-elevator-how-to-promote-social-mobility_9789264301085-en#page4.. Acesso em: junho 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.1787/9789264301085-en.

OLIVEIRA, F.C.R.; HOFFMANN, R. Consumo de alimentos orgânicos e de produtos light ou diet no Brasil: fatores condicionantes e elasticidades-renda. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, SP, v. 22, n. 1, pp: 541–557, 2015. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8641571. Acesso em: junho 2021. DOI: 10.20396/san.v22i1.8641571.

OUERJ – Observatório Urbano Estado do Rio de Janeiro. **Diagnóstico Sócio-Ambiental da Região do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Duque de Caxias, 2007.

PASSARELLI, C.A.F. Imagens em diálogo: filmes que marcaram nossas vidas. In: SPINK, M. J. (Org.)**Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013, p. 242-251.

PAUGAM, S. O conceito de desqualificação social. In: VERAS, M.P.B. (Ed.). **Por uma sociologia da exclusão social: o debate com Serge Paugam.** São Paulo: Educ, 1999.

PENSSAM. Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar. **Inquérito** nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. 2021.

PERISTA, P.; BAPTISTA, I. A estruturalidade da pobreza e da exclusão social na sociedade portuguesa – conceitos, dinâmicas e desafios para a acção. **Fórum Sociológico** [Online], v. 20, n. 1, 2010, Disponível em: http://journals.openedition.org/sociologico/165>. Acesso em: agosto de 2019. DOI: 10.4000/sociologico.165

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). **Trajetória da Extrema Pobreza**, 2013.

PHYS. Indiarubbish mountain. Disponível em: https://phys.org/news/2019-06-india-rubbish-mountain-higher-taj.html. Acesso em: fevereiro 2020.

PINTO, L.L. Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho: propostas e alternativas. Rio de Janeiro: COMLURB, Relatório da S.A. Paulista, 2004.

PNUMA. Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Guia Anexo. Disponível em: https://www.pernambucomun.com.br/wp-content/uploads/2019/06/GUIA-ANEXO-PNUMA-PEMUN-II-1.pdf. Acessoem: fevereiro 2020.

POLKINGHORNE, D.E. Validity issues in narrative research. **Qualitative Inquiry**, v. 13, n. 4, pp: 86-471, 2007.

PRADO, S. D. et al. Alimentação e Nutrição como campo científico no Brasil. 2009a.

PRADO, S. D. et al. Alimentação e humanidades: reflexões sobre interfaces entre camposcientíficos no Brasil, 2009b.

PRADO, S. D. et al. Alimentação e nutrição como campo científico autônomo no Brasil: conceitos, domínios e projetos políticos. **Revista de Nutrição**, v. 24, n. 6, pp: 927-938, 2011.

Profissão Repórter – Gramacho – Felipe Bentivegna – Local: Brasil, 2012. 19 minutos – Disponível em: "https://www.youtube.com/watch?v=5iVADqzGuGw". Acesso em: março 2019.

QUEIROZ, M.I.P. Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva. 2. ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 198.

RAZZOLINI, M.T.P; GÜNTHER, W.M.R. Impactos na saúde das deficiências de acesso a água. **Saúde e Sociedade** [online], v. 17, n. 1, pp. 21-32, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000100003. Acesso em: junho 2021. DOI:https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000100003.

RESENDE, F. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas. Salvador**/EDUFBA, Brasília/Compós, 2011, p. 120-134.

RIESSMAN, C.K. **Narrative analysis**. Qualitative Research Methodsd Series, n.30. Newbury Park, CA: Sage, 1993.

SABINO, C.; LUZ, M.T.; CARVALHO, M.C.V.S. O fim da comida: suplementação alimentar e alimentação entre frequentadores assíduos de academias de musculação e fitness do Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** [online], v. 17, n. 2, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-59702010000200005. Acesso em: junho 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-59702010000200005.

SANTOS, D.B. et al. Os efeitos do Programa Bolsa Família sobre a duração do emprego formal dos indivíduos de baixa renda. **Revista de Administração Pública** [online], v. 51, n. 5, pp. 708-733. 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0034-7612171851. Acesso em: junho 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7612171851.

SANTOS, M. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, M. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, M. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. Território globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M. **Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial.** 3ªed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, W.S. Os níveis de interpretação na entrevista de pesquisa de natureza interpretativa com narrativas. In: BASTOS, L.C.; SANTOS, E. S. A entrevista na pesquisa qualitativa – Perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2013.

SILVA, E.S.A; PAES, N.A. Programa bolsa família e mortalidade infantil no brasil: revisão integrativa.**HOLOS**; Natal, v. 34, Ed.1,pp.201-211, 2018. DOI:10.15628/holos.2018.4836.

SILVA, E.O.; AMPARO-SANTOS, L.E.; SOARES, M.D. Alimentação escolar e constituição de identidades dos escolares: da merenda para pobres ao direito à alimentação. **Cadernos de Saúde Pública** [online], v. 34, n. 4, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-311X00142617

SILVA, J.K. et al. Alimentação e cultura como campo científico no Brasil. **Physis: Revista deSaúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, pp: 413-442, 2010.

SILVA, M.O. da S. (Coord.) O debate sobre a pobreza: questões teórico-conceituais. **Revista de Políticas Públicas**, v. 6, n. 2, pp: 65- 102, 2002.

SILVA, M.O. da S. Pobreza, desigualdade e política pública: caracterizando e problematizando a realidade brasileira. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 13, n. 2,2010.

SILVA, M. V. da; DANELON, M. S. Conselhos de Alimentação Escolar (CAEs): análise dos pareceres conclusivos sobre a execução do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, SP, v. 20, n. 1, p. 122–135, 2015. Disponível em:https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8634627>. Acesso em: junho 2021. DOI: 10.20396/san.v20i1.8634627.

SLU – SERVIÇO DE LIMPEZA URBANA DO DISTRITO FEDERAL. **Relatório de Encerramento da Gestão 2015-2018 do Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal**, 2019.

SPOSATI, A. Exclusão social abaixo da linha do Equador. In: VÉRAS, M. P. B. **Por uma Sociologia da Exclusão social: o debate com Serge Paugam**. São Paulo: Educ: 1999, p.126-138.

TCHOBANOGLOUS, G.; THEISEN, H.; VIRGIL, S. Integrated Solid Waste Management: Engineering Principles and Mangement Issues Mc Graw-Hill, Inc., Internacional Edition. 978p. 1993. ISBN 0-07-063237-5.

The New York Times.Russia Landfills Gases.Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/04/05/world/europe/russia-landfills-gases.html. Acesso em: fevereiro 2020.

TRAQUINA, N. As notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias".**Lisboa: Vega, 1999. p. 167-176.

TOWNSEND, P. (ed.) The concept of poverty: working papers on methods of investigation and life-styles of the poor in different countries. London: Heinemann Educational, 1971.

UNEP (United Nation for Environmental Program). **Training Modules: Closing of an Open Dumpsite and Shifting from Open Dumping to Controlled Dumping and to Sanitary Landfilling**. Japan: UNEP Kusatsu City, 2005.

VASCONCELOS, F.A.G.;BATISTA M.F. História do campo da Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva no Brasil.**Ciência & Saúde Coletiva**,Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, pp: 81-90, 2011.

VAZ, A.C.N.; JANNUZZI, P.M. Indicador de Pobreza Multidimensional como síntese dos efeitos da abordagem multissetorial do Plano Brasil Sem Miséria. In: **Revista Brasileira de Monitoramento e Avaliação**. – N. 8 (2014)- . Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, 2011. p. 32-49.

WACQUANT, L. As prisões da miséria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – RESUMO APRESENTADO NA 10^a SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ

Jardim Gramacho: impressões de um campo de pesquisa a partir de um documentário

Letícia da Silva Coutinho (INJC/UFRJ)
Carolina Muniz Pessanha d'Almeida de Brito (INJC/UFRJ)
Lisa Helena Corrêa de Moura (INJC/UFRJ)
Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho (INJC/UFRJ)
Verônica Oliveira Figueiredo (INJC/UFRJ)

INTRODUÇÃO: Um território configura-se para além de sua delimitação espacial, nele estão contidos aspectos políticos, sociais e culturais que o coloca em permanente mudança. (MIRANDA et al., 2008). **OBJETIVO:** Nesse sentido, o presente trabalho teve por objetivo descrever e analisar um território de vulnerabilidade, a saber, o bairro Jardim Gramacho, localizado em Duque de Caxias-RJ, a partir de um filme-documentário, entendendo que essa aproximação constitui etapa fundamental para a pesquisa "NARRATIVAS EM UM AMBIENTE DE EXTREMA POBREZA: O QUE COMER (OU NÃO) NO LUGAR QUE HABITO? ". METODOLOGIA: Mapear um território a partir de uma produção fílmica mesmo sendo um documentário é um desafio para a pesquisa qualitativa, mas que, é superado e tem seu respaldo na compreensão de que documentos são todas as realizações produzidas pelo homem e nesta concepção há: os escritos, os numéricos e os de reprodução de som e imagem (SILVA, 2009). A análise fílmica atende ao método proposto por PASSARELLI (2003) e a fundamentação feita pela estudante no documentário Lixo Extraordinário, por Vik Muniz, é teórico-metodológica e contempla a sociologia de Pierre Bourdieu no sentido de um cenário político e social produtor de classes em que a lógica do sistema é perpetuar o privilégio e a desigualdade por meio de um espaço social estruturado hierarquicamente por relações de dominação (BOURDIEU, 2007). E mesmo imerso em um documento que possui uma marca estética forte há uma perpetuação de exclusão e distinção, no território marcado por diferentes espaços de significação. RESULTADOS: Como resultado pode-se perceber que embora assumindo um lugar de destaque, a arte produzida nesse território só o é assim considerada por ser capitalizada. Nesse sentido a distinção desse território é estruturante e estruturada na e pela desigualdade social, revelando que, ainda que o lixo, naquele lugar se apresente de modo capitalizado permanece evidenciando a exclusão. CONCLUSÃO: Como consideração final foi possível contrastar uma perspectiva documental do território no mundo das artes em que a vulnerabilidade foi enaltecida e valorizada com objeto estético, com a condição perversa de desigualdade social e opressão que esse território marca na vida das pessoas que lá habitam.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

GONDIM, G.M.M. et al. O território da saúde: a organização do sistema de saúde e a territorialização. In: MIRANDA, A.C. et al. (Org.). **Território, ambiente e saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. p. 237-255.

SILVA, L.R.C. et al. Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente. In Anais do: 9º Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). 26-29 out. 2009; Paraná.

APÊNDICE 2 – RESUMO EXPANDIDO APRESENTADO NO 8° SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR EM SOCIOLOGIA E DIREITO DO PPG SD/UFF

Território, história e a relação com os direitos

Letícia da Silva Coutinho (INJC/UFRJ) Carolina Muniz Pessanha d'Almeida de Brito (INJC/UFRJ) Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho (INJC/UFRJ) Verônica Oliveira Figueiredo (INJC/UFRJ)

RESUMO

As experiências de vida dos sujeitos guardam uma relação dialética com o território: ao passo que estão atreladas à sua construção, são construídas também a partir dele. Com isso, a aproximação do território se constitui uma etapa primordial na observação dos direitos. Assim, o objetivo deste trabalho é selecionar documentos virtuais referentes à história de Jardim Gramacho que permitam a compreensão do social utilizando-se o período histórico retratado no material selecionado, o qual é reconstruído, em partes, por meio de um processo de questionamentos e reflexões. A análise dos textos jornalísticos, documentários e do diagnóstico social possibilita a percepção das diversas transformações sofridas pelo território, bem como as consequências de tais modificações nas formas de se viver, com exceção da assistência, que permanece precária.

Palavras-chave: Território. Direito. Aterro Sanitário.

ABSTRACT

The subjects' life experiences have a dialectical relationship with the territory: while they are linked to its construction, they are also built from it. With this, the approach of the territory constitutes a primordial step in the observation of the rights. Thus, the objective of this paper is to select virtual documents related to Jardim Gramacho's history that allow the understanding of the social using the historical period depicted in the selected material, which is reconstructed, in part, through a process of questioning and reflection. The analysis of journalistic texts, documentaries and social diagnosis make it possible to perceive the various transformations suffered by the territory, as well as the consequences of such changes in the ways of living, except in assistance, which remains precarious.

Keywords: Territory. Right. Landfill.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende articular narrativas, território, contexto social e o direito humano à alimentação adequada mediante a compreensão de que essas questões estão entrelaçadas e, por isso, tal associação é necessária para que a reflexão seja possível.

Dentro dessa articulação, o território aqui em voga denomina-se Jardim Gramacho e é pertencente ao 1° distrito do município de Duque de Caxias, localizado no estado do Rio de Janeiro.

Considerando a proposta de vincular as temáticas, este texto surge como um recorte de um projeto de pesquisa que tem como título: 'Narrativas em um ambiente de extrema pobreza: o que comer (ou não) no lugar que habito? ', um guarda-chuva do projeto de extensão "Direito humano à Alimentação Adequada para populações invisibilizadas: uma realidade dos gramachinhos" e caminha na aproximação do campo, Jardim Gramacho, considerando essa a primeira etapa constitutiva do projeto.

É a partir da aproximação, então, que é aberto o caminho para se observar a efetividade, ou a falta da mesma, com que se dá a realização (ou não) dos direitos sociais nesse território, partindo-se da seguinte significação proposta para esse termo:

a efetividade significa, portanto, a realização do Direito, o desempenho concreto de sua função social. Ela representa a materialização dos fatos, dos preceitos legais e simboliza a aproximação, tão íntima quanto possível, entre o dever-ser normativo e o ser da realidade social (BARROSO, 1993, p. 79).

Assim, o trabalho se alinha a um olhar interdisciplinar, o qual engloba, dentre outros, a nutrição, geografia, sociologia e o direito. Desse modo, dialoga com as experiências dos sujeitos articulando o território com contexto social que se está inserido, evidenciando as questões que estão no cerne dos debates da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), como moradia, saúde e alimentação (ALVES e JAIME, 2014; BURLANDY, 2004) e possui como objetivo central nessa etapa de aproximação a imersão na história desse território por meio do virtual.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desta maneira, como etapa de aproximação escolheram-se materiais pela plataforma digital, pois a internet pode ser objeto, local ou instrumento de pesquisa e neste trabalho utiliza-se como instrumento de pesquisa, sendo uma ferramenta que possibilita a coleta de dados sobre uma questão (CITELLI, 2014; FRAGOSO et al, 2011; HINE, 2000; LEMOS, 2013; SILVER, 2004).

Então, busca-se por meio da plataforma digital, logo, usando documentos virtuais, a história de Jardim Gramacho, sendo a maior parte dos documentos matérias jornalísticas, pois o jornalismo apresenta-se como uma ferramenta privilegiada e uma forma de representação e compreensão da história (MATHEUS, 2010), com isso, utilizaram-se um documento e uma matéria, respectivamente, de instituição de estudos e universidade

conceituadas, dois documentários e reportagens de circulação nacional, as quais incluem fontes, datas e os nomes dos jornalistas e de jornais reconhecidos.

Jardim Gramacho apresenta uma falta de infraestrutura urbana que seja adequada a grande parte de seus moradores, além de grandes bolsões de pobreza. Há de ressaltar que a concepção da pobreza aqui empregada considera a renda precária, mas não se limita apenas a essa insuficiência, mas abarca a privação dos direitos, do acesso a serviços básicos, ao trabalho e a não participação social e política, como dita por Silva (2002, 2010). Tem-se que essa realidade brasileira, tratada no nível de bairro nesse texto, influencia questões relativas à alimentação, como sugere Castro (2015), ao afirmar que os brasileiros ainda estão longe de uma alimentação que alcance a promoção da saúde, considerando que esta promoção está vinculada aos direitos. Os direitos referidos são os mesmos daqueles estabelecidos no Brasil em 15/09/2006, por meio da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), que visa o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) e define a SAN como

[...] realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis" (BRASIL, Art. 30 LOSAN, 2006).

Assim, após devida apuração, os materiais selecionados foram: "Diagnóstico Social de Jardim Gramacho", agosto de 2005, realizado pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), FURNAS Centrais Elétricas S.A e Comitê de Entidades no Combate à Fome e Pela Vida (COEP); o documentário Estamira, lançado em 2006, "Catadores temem futuro após fim de aterro no Rio", matéria da Folha de S.Paulo; novembro de 2008, documentário Lixo extraordinário, lançado em 2011, "G1 relata abandono de moradores de Gramacho, 3 anos após lixão fechar", "Lixões clandestinos em Gramacho oferecem risco à saúde de moradores", matérias que fazem parte da série de reportagens sobre lixões no Estado do Rio do portal de notícias brasileiro mantido pelo Grupo Globo e sob orientação da Central Globo de Jornalismo; além da matéria "Jardim Gramacho: a vida num dos maiores aterros sanitários do mundo", maio de 2011, e do Profissão Repórter - Gramacho, do mesmo grupo, Globo, 2012, 2011, e do Profissão Repórter - Gramacho, do mesmo grupo, Globo, 2012, "A 30 quilômetros de Ipanema, a vida passa com menos de três reais por dia", reportagem do jornal El País, dezembro de 2017 e "A realidade de Gramacho seis anos depois", matéria do jornal da PUC, maio de 2018.

Portanto, esses materiais possibilitaram a reconstrução, de partes de um período, de Jardim Gramacho através de um processo de questionamentos, reflexões e possibilita o diálogo com a sociologia e, pontualmente, a filosofia amparados principalmente em Loïc

Wacquant em "As prisões da miséria", mas também contempla, de maneira pontual, os autores, como Agamben, Arendt e Honneth. E apesar desta obra de Wacquant dar enfoque nas políticas públicas do Estado Unidos da América (EUA) e da Europa, mostra-se pertinente, pois as mesmas podem se dar de maneira mais grave nos países periféricos ou semiperiféricos, como o Brasil, trazendo esse contexto com preocupação no prefácio da edição brasileira, por o Brasil não ter estruturado um Estado de bem-estar social, de forma a apresentar fortes desigualdades sociais.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Com esses recortes de Jardim Gramacho, percebemos, principalmente, a forma de se viver dentro da permanência de um local com falta de saneamento básico e com a promessa de revitalização feita no período de fechamento do aterro, a qual não ocorreu. Agora em seu lugar há uma usina de produção de gás metano e, ainda, presença de diversos lixões clandestinos e ausência de uma fonte de renda, pois muitos estavam ligados direta ou indiretamente de forma econômica ao Aterro e este foi desativado em 03/06/2012. Indo ao encontro de Wacquant quanto à banalização dos lugares-comuns e de um Estado que não dá prioridade ao seu papel social (2004, p. 10).



Figura 1 - O lixo presente no cotidiano Fonte: Marcos de Paula - G1, 2015.



Figura 2 - A usina Fonte: Marcos de Paula - G1, 2015.

Além disso, com as reportagens, os documentários e o Diagnóstico Social foi possível visualizarmos que a centralidade do local estava no Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, com isso percebemos as diversas transformações do aterro e em consequência as modificações do entorno, que foi composta majoritariamente por pessoas que tentavam obter seu sustento por meio do mesmo.

Com a estruturação do aterro e dos catadores, visto no documentário "Lixo Extraordinário", percebe-se neste local uma oportunidade de ter uma atividade fonte de sobrevivência familiar. Esse aumento populacional baseado na busca de renda em um aterro, pode ser vinculado à decadência econômica e à segregação do Estado, a qual reduz as oportunidades de vida das populações e padece em investimento urbano e social (WACQUANT, 2004, p. 40).



Figura 3 - Vias de acesso para o aterro Fonte: Lixo Extraordinário, 2011.



Figura 4 - O aterro visto de cima Fonte: Lixo Extraordinário, 2011.



Figura 5 - Morador de uma casa sem banheiro Fonte: (Ariel Subirá / El País, 2017).

Com o documentário também compreendemos melhor a estrutura do aterro e seu funcionamento, a relação dos sujeitos com o território, o orgulho de catar nesse espaço ao invés de exercer outras atividades, como ser garota de programa ou ter envolvimento com o tráfico. Também se percebe como é viver no entorno, seja no distanciamento da família para trabalhar nesse território, na convivência com a mesma nesse espaço, ou mesmo até como se chega no aterro e o transtorno que se passa, por vezes, para ir embora de transporte público, pelo cheiro ao final de um dia de trabalho no aterro. Essa segregação, e possível aumento da criminalidade nesse estrato social, como apontado acima, é alimentado pelo desinteresse do Estado nas questões relacionadas à pobreza, insegurança social e crescimento das desigualdades (WACQUANT, 2004, p. 49).

Por meio do Diagnóstico Social também constatamos essa atividade econômica gerada pelo aterro de forma direta e indireta, pois era uma área voltada para a atividade de catação, comercialização e recuperação de recicláveis. Com o documentário "Estamira", não é possível observar esse grupo tão bem estruturado de catadores, pois com o foco na personagem Estamira observou-se mais a presença de pessoas com toxicodependências nesta função de catador, questão, até então, pouco vista e abordada nos demais materiais. E com essa questão pode-se refletir o papel do Estado com os indivíduos nessa condição, o qual, por vezes, age da mesma forma como dita por Loïc (2004) no caso da criminalidade das classes pobres, onde não se preocupa com a causa e sim com a consequência, essa sim que está pronto para punir de maneira rígida.

O documentário "Estamira" apesar de ter sido lançado em 2006 foi editado com cena gravadas no período de três anos, sendo do ano 2000 até 2004. E apesar das gravações terem sido realizadas até 2004, este, na verdade, deveria ter sido o ano do fechamento do aterro, pois foi à primeira data programada pelo governo para encerrar as atividades desse local pelo mesmo trazer riscos à saúde dos moradores e do ambiente.



Figura 6 - Cotidiano da catadora Estamira Fonte: Estamira, 2006.

Esse risco acontece pela deposição do lixo ser direto ao solo, sem ser analisado ou separado, o que gera um ambiente não monitorado e, com isso, não há como ter ciência da poluição e contaminação, principalmente do solo e da água. Além da própria decomposição do lixo, dos incêndios gerados pelos gases produzidos dessa decomposição e dos animais

vetores de doenças, como ratos, moscas, mosquitos e baratas, tornando inóspita a vida humana e o trabalho nesse lugar. Entretanto, mesmo nessas condições o local abrigou por muito tempo catadores, fato que dá luz a ideia de que aqueles que possuem sua existência política negada restaria apenas a existência biológica ("vida nua") de Agamben (2002) e o fato também dá luz às classes populares que, de muitas formas, são abandonadas pelo Estado assistencial apesar de ocuparem o que podemos chamar de margem do mercado de trabalho (WACQUANT, 2004, p. 26).



Figura 7 - Lixão clandestino Fonte: Estamira, 2006.

E por meio de algumas dessas matérias jornalísticas, notamos que durante a trajetória do aterro também aumentou o número de lixões clandestinos, que se mantém até a atualidade, demonstrando a falta de assistência para essas pessoas e para esta área, apesar da "visibilidade" do aterro e para as questões envolvidas em um dos maiores aterros da América Latina.

O lixão passou a ser transformado em aterro em 1996 pela Empresa Queiroz Galvão por meio de uma licitação aberta pela Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB) 33 voltado para a resolução de questões, como a recuperação da área de manguezal, o tratamento do Chorume e do Biogás. E o início do seu funcionamento e controle pela COMLURB data-se em 1976.

A partir desses recortes, vemos a legitimação de uma gestão em que o social não é o fio condutor com essas populações em situação de pobreza e fere a essência dos Direitos Humanos, pois consiste no direito a ter direitos (ARENDT, 2007) e estes têm os seus direitos negligenciados.

Desta maneira, observamos as vivências permanentes dos sujeitos do início até o presente desta linha do tempo em uma localidade sem estrutura básica e atualmente ausente de fonte de renda, o que afeta dentre muitas questões seu direito à saúde e alimentação, tornando a manutenção do aterro tanto uma referência da localidade quanto evidência a não priorização do Estado na resolução dos problemas que atingem esses indivíduos.

Consequentemente, uma democracia falha para essas pessoas, pois democracia significa governo em que o povo exerce soberania e esta soberania entende-se como poder de decisão. Nessa situação, não há decisões por parte dos mesmos, o que vemos é a desumanização do outro, de acordo com Honneth (2003).

CONCLUSÕES

A partir do que fora pensado para esse trabalho, constatou-se que a aplicação de uma abordagem multifacetada é o caminho a ser percorrido quando há o intuito de se estudar questões complexas, tais como aquelas envolvendo o acesso ao alimento, ainda mais quando vistas a partir de um processo de questionamentos e reflexões de alguns materiais os quais possibilitaram a reconstrução, de partes de um período, de Jardim Gramacho.

Ainda, ao pensarmos sobre os resultados obtidos, ressalta-se a importância atribuída ao antigo Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, o qual parece ditar a atenção dada ao local, sendo, portanto, "visível" apenas enquanto gerador de atividade econômica, mas "invisibilizado" nos períodos pré e pós sua construção.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I. Henrique Burgo (Trad.). Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ALVES, K.P.S.; JAIME, P.C. A política nacional de alimentação e nutrição e seu diálogo com a política nacional de segurança alimentar e nutricional. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 11, p. 4331-4340, 2014.

ARENDT, H. A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BARROSO, L.R. O direito constitucional e a efetividade de suas normas: limites e possibilidades da constituição brasileira. 2.ed. Rio de Janeiro: Renovar, 1993.

BRASIL. (2006). Lei orgânica de segurança alimentar e nutricional. Lei no 11.346, de 15 de setembro de 2006.

BURLANDY L. Segurança alimentar e nutricional: intersetorialidade e ações de nutrição. **Saúde em Revista**, v. 6, n. 13, pp: 9 -15, 2004.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2012.

CITELLI, A.O. Educar para a comunicação. **Sesc TV**, São Paulo, n. 92, p. 10, nov. 2014. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/fe5d256f-41aa-4f75-8033-188753312624.pdf. Acesso em: junho 2019.

EDUARDO DINIZ. A realidade de Gramacho seis anos depois. Comunicar, Jornal da PUC, maio de 2018. Disponível em: http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=7532&sid=29. Acesso em: abr. 2019.

ESTAMIRA. Marcos Prado. José Padilha. Zazen produções, 2006. 121 minutos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IcUKQNj3HEg. Acesso em: março 2019.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p. (Coleção Cibercultura).

GONDIM, Grácia Maria de Miranda et al. O território da saúde: a organização do sistema de saúde e a territorialização. In: MIRANDA, Ary Carvalho de et al. (Org.). **Território, ambiente e saúde.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 237-255.

HINE, C. Virtual Ethnography. London: SAGE Publications, 2000.

HONNETH, A. (Trad.) Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS (IBASE). Furnas Centrais elétricas S.A. e Comitê de entidades no combate à fome e pela vida (COEP). Diagnóstico Social. Duque de Caxias, Rio de Janeiro, ago. 2005.

ITALO NOGUEIRA. Catadores temem futuro após fim de aterro no Rio. Folha de São Paulo. Cotidiano, nov. 2008. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1511200832.html>. Acesso em: abril 2019.

JANAÍNA CARVALHO. G1 relata abandono de moradores de Gramacho: 3 anos após lixão fechar. G1 Rio, jul. 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/g1-relata-abandono-de-moradores-de-gramacho-3-anos-apos-lixao-fechar.html>. Acesso em: abril 2019.

JANAÍNA CARVALHO. Lixões clandestinos em Gramacho oferecem risco à saúde de moradores. G1 Rio, julho de 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/lixoes-clandestinos-em-gramacho-oferecem-risco-saude-de-moradores.html, Acesso em: abril 2019.

Jardim Gramacho: a vida num dos maiores aterros sanitários do mundo. G1 Rio, maio 2011. Disponível em: http://g1.globo.com/acao/noticia/2011/05/jardim-gramacho-vida-num-dos-maiores-aterros-sanitarios-do-mundo.html. Acesso em: abril 2019.

LEMOS, A. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume. 2013.

LIXO EXTRAORDINÁRIO (Reino Unido/Brasil, 2011). Filme. Duração 99 minutos. Almega Projects e O2 Filmes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JLTY7t8c_x0. Acesso em: março de 2019.

MARTÍN, María. A 30 quilômetros de Ipanema, a vida passa com menos de três reais por dia. Prisa, El País, dez. 2017. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/11/politica/1512998294_705549.html>. Acesso em: abril 2019.

MATHEUS, L.C. Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. 2010. 282f. **Tese (Doutorado em Comunicação)** – Universidade Federal Fluminense, 2010. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/4029>. Acesso em: março 2019.

Profissão Repórter. Gramacho. Felipe Bentivegna. Brasil, 2012. 19 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5iVADqzGuGw. Acesso em: março 2019.

SANTOS, M. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SILVA, M. O. da S. (Coord.) O debate sobre a pobreza: questões teórico-conceituais. **Revista de Políticas Públicas**, v. 6, n. 2, p. 65- 102, 2002.

SILVA, M. O. da S. Pobreza, desigualdade e política pública: caracterizando e problematizando a realidade brasileira. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 13, n. 2, jul./ dez. 2010.

SILVER, D. Internet. Cyberculture. Digital Culture. New Media. Fill-in-the-Blank Studies. London, Thousand Oaks, CA and New Delhi, v. 16, n.1, pp: 55-64, 2004. DOI:10.1177/1461444804039915.

WACQUANT, L. As prisões da miséria. Rio de Janeiro: Jorge Zaha, 2004.

APÊNDICE 3 - RESUMO APRESENTADO NA XIII Jornada do PPGA UFF

Jardim Gramacho: entre o princípio e o presente

Letícia da Silva Coutinho (INJC/UFRJ) Carolina Muniz Pessanha d'Almeida de Brito (INJC/UFRJ) Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho (INJC/UFRJ) Verônica Oliveira Figueiredo (INJC/UFRJ)

INTRODUÇÃO: Um território transpassa a questão espacial, pois nele acontecem as trocas e as experiências de vida dos sujeitos. Portanto, a aproximação do mesmo para compreender a composição desse espaço e sua trajetória é etapa primordial para reconhecer os sujeitos que ali vivem. Desta forma, esse trabalho faz parte da aproximação do bairro Jardim Gramacho, Duque de Caxias-RJ, para compor a pesquisa, NARRATIVAS EM UM AMBIENTE DE EXTREMA POBREZA: O QUE COMER (OU NÃO) NO LUGAR QUE HABITO? OBJETIVO: Tendo como objetivo explorar documentos virtuais referentes à história de Jardim Gramacho, pois são, umas das, ferramentas que possibilitam relacionar o período histórico com a compreensão do social. METODOLOGIA: Os materiais selecionados foram textos jornalísticos, documentários e um diagnóstico social, veiculados na internet. Os critérios de escolha basearam-se em matérias de instituições, centro de pesquisas e no que tange às reportagens na verificação das fontes, datas e os nomes dos jornalistas. Com isso, possibilitou a reconstrução, de partes de um período, por meio de um processo de questionamentos e reflexões. RESULTADOS: Com esses recortes, percebe-se a forma de se viver dentro da permanência de um local com falta de saneamento básico e com a promessa de revitalização feita no período de fechamento do aterro, que não ocorreu e ver as diversas transformações do Aterro e em consequência a elas as modificações desse entorno. O Aterro passou a funcionar em 1976 e na tentativa de conseguir a história de como era a localidade antes de 1976, por meio da plataforma digital, não se encontra nada indo ao encontro da atualidade, pois o que se tem são menções de um local que abrigou um Aterro Sanitário e vivência o desamparo. CONCLUSÃO: Assim, podemos refletir e até indagar: o início e o presente deste território se contextualizam dentro da invisibilidade ou apenas na sua única "visibilidade" dentro do período caracterizado como lixão?

GT 15 – Sociabilidades urbanas: pesquisando formas de se viver e experienciar as cidades.

REFERÊNCIAS

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2012.

EDUARDO DINIZ. A realidade de Gramacho seis anos depois. Comunicar, Jornal da PUC, maio de 2018. Disponível em: http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=7532&sid=29. Acesso em: abr. 2019.

ESTAMIRA. Marcos Prado. José Padilha. Zazen produções, 2006. 121 minutos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lcUKQNj3HEg. Acesso em: março 2019.

GONDIM, Grácia Maria de Miranda et al. O território da saúde: a organização do sistema de saúde e a territorialização. In: MIRANDA, Ary Carvalho de et al. (Org.). **Território, ambiente e saúde.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 237-255.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS (IBASE), FURNAS Centrais Elétricas S.A e Comitê de Entidades no Combate à Fome e Pela Vida (COEP). – Diagnóstico Social – Duque de Caxias, Rio de Janeiro - Agosto, 2005.

ITALO NOGUEIRA. Catadores temem futuro após fim de aterro no Rio. Folha de São Paulo. Cotidiano, nov. 2008. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1511200832.html. Acesso em: abril 2019.

JANAÍNA CARVALHO. G1 relata abandono de moradores de Gramacho: 3 anos após lixão fechar. G1 Rio, jul. 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/g1-relata-abandono-de-moradores-de-gramacho-3-anos-apos-lixao-fechar.html>. Acesso em: abril 2019.

JANAÍNA CARVALHO. Lixões clandestinos em Gramacho oferecem risco à saúde de moradores. G1 Rio, julho de 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/lixoes-clandestinos-em-gramacho-oferecem-risco-saude-de-moradores.html. Acesso em: abril 2019.

Jardim Gramacho: a vida num dos maiores aterros sanitários do mundo. G1 Rio, maio 2011. Disponível em: http://g1.globo.com/acao/noticia/2011/05/jardim-gramacho-vida-num-dos-maiores-aterros-sanitarios-do-mundo.html. Acesso em: abril 2019.

LIXO EXTRAORDINÁRIO (Reino Unido/Brasil, 2011). Filme. Duração 99 minutos. Almega Projects e O2 Filmes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JLTY7t8c_x0. Acesso em: março de 2019.

MARTÍN, María. A 30 quilômetros de Ipanema, a vida passa com menos de três reais por dia. Prisa, El País, dez. 2017. Disponível em:https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/11/politica/1512998294_705549.html. Acesso em: abril 2019.

Profissão Repórter. Gramacho. Felipe Bentivegna. Brasil, 2012. 19 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5iVADqzGuGw. Acesso em: março 2019.

SANTOS, M. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

APÊNDICE 4 – RESUMO APRESENTADO NO XLII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural (JICTAC 2020 - Edição Especial) - Evento UFRJ

Perspectivas comparadas: territórios marcados pela presença de aterros e lixões

Letícia da Silva Coutinho (INJC/UFRJ) Carolina Muniz Pessanha d'Almeida de Brito (INJC/UFRJ) Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho (INJC/UFRJ) Verônica Oliveira Figueiredo (INJC/UFRJ)

INTRODUÇÃO: A busca pela compreensão do contexto histórico cultural do campo é importante para a pesquisa ao provocar uma inclinação sobre questões fundamentais na área de investigação (MINAYO, 2001). A maneira pela qual o campo é afetado por sistemas estruturados e estruturantes pode ser melhor percebida a partir de uma perspectiva mais abrangente sobre o próprio campo, influenciado por um conjunto global e local, permitindo um olhar direcionado à cenários congêneres, como a existência de lixões, enquanto lugar que acolhe a vida e o trabalho humano. OBJETIVO: Deste modo, a pesquisa aqui apresentada integra a dissertação "Narrativas em um território de pobreza: comida no lugar que habito" e tem como objetivo analisar a existência de territórios marcados pela presença de aterros e lixões no Brasil e no mundo. METODOLOGIA: A estratégia metodológica foi a pesquisa documental com triangulação de dados, o que se justifica pela variedade de fontes utilizadas (DENZIN, 2009; GUION, 2002). A seleção dos cenários se deu em função da existência, prévia ou contemporânea, de aterros ou lixões a céu aberto, a fim de promover o alinhamento com um território, localizado em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, que abrigou por 36 anos um aterro. As fontes elencadas foram portais de notícias online, jornais internacionais, diagnósticos sociais publicados por ONGs, relatórios de organizações mundiais e institutos de pesquisa, referentes ao período compreendido entre 1970-2019. Com esse levantamento selecionamos 02 aterros no Brasil, sendo um deles o próprio Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, e 04 fora do território nacional no período da pesquisa. Desses, os 02 nacionais estão desativados e apesar de, oficialmente, esses espaços não serem mais tratados como lixão, muitos continuam suas atividades de modo clandestino, com circulação de pessoas que dependem economicamente dos insumos retirados de montanhas de resíduos descartados. RESULTADOS: A prevalência da problemática associada à questão do lixo é mais presente em países e regiões classificadas como menos desenvolvidas economicamente, de modo a sugerir um caso de injustiça ambiental e, nesse sentido, os efeitos deletérios da má gestão dos resíduos, que se apresentam independentes da localização geográfica atingem de modo cruel grupos sociais sem muita possibilidade de escolha. Deste modo, para além dos riscos químicos, infecções, danos ergonométricos, traumas mecânicos e vulnerabilidades emocionais aos quais estão expostos catadores

informais, há de se refletir nas relações sociais que ali estão colocadas, inclusive quando relativizadas a uma estrutura política, social e econômica que está organizada em um modelo global de exclusão. **CONCLUSÃO:** Diante do exposto, olhar para lixões e aterros, especialmente aqueles que funcionam de modo irregular, ratifica-se como questão fundamental nas agendas públicas de gestão ambiental, compreendendo que nesse debate há uma urgência e centralidade para se pensar a vida de sujeitos que ocupam esses territórios.

REFERÊNCIAS

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin, N.; Lincoln, Y (org). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

GUION, L.A. **Triangulation: Establishing the Validity of Qualitative.** University Florida/IFAS, 2002.

MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 20.

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

NARRATIVAS EM UM TERRITÓRIO DEPOBREZA: O QUE COMONO LUGAR QUE HABITO

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "NARRATIVAS EM UM TERRITÓRIO DE POBREZA: O QUE COMO NO LUGAR QUE HABITO" foi submetido ao comitê de ética e pesquisa e trata-se de um estudo realizado no bairro Jardim Gramacho do Município de Duque de Caxias-RJ. Desenvolvida por mim, Letícia da Silva Coutinho, sob orientação das Professoras Dra. Verônica Oliveira Figueiredo e Dra. Maria Cláudia Soares Carvalho.

O objetivo central do estudo é: analisar o Direito Humano à Alimentação Adequada, de modo a valorizar o discurso do bairro. O convite a sua participação voluntária neste estudo se deve por meio de entrevistas virtuais individuais e somente será gravada se houver autorização.

Este Termo lhe garante os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esse Estudo; (2) desistir, a qualquer tempo, de participar da pesquisa; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder qualquer pergunta ou a fornecer informações que julgue prejudiciais à sua integridade física, moral ou social; (4) opção de solicitar que determinadas declarações não sejam incluídas em nenhum outro documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) sua privacidade e a confidencialidade.

Com a sua participação também é importante saber:

- As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e suas orientadoras;
- A avaliação das respostas e informações será de competência dos pesquisadores envolvidos no projeto e que não será permitido acesso a terceiros (seguidores, empregadores, superiores hierárquicos), garantindo proteção contra qualquer tipo de discriminação e ou estigmatização;

- Este termo te assegura o direito de ser mantido atualizado(a) sobre os resultados parciais da pesquisa, ou de resultados que sejam do conhecimento das pesquisadoras;
- Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/2012 e orientações do CEP ME-UFRJ;
- Os resultados serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, artigos científicos e na dissertação;
- Despesas e compensações: Não haverá despesas para o participante da pesquisa.
- Esta pesquisa n\u00e3o causa dano pessoal, por se tratar de entrevistas.

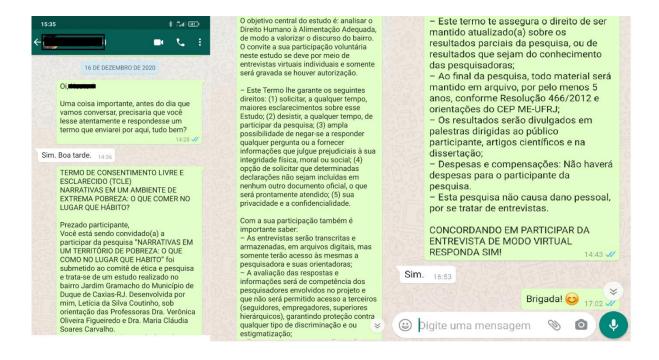
GARANTIA DE ACESSO:

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao profissional responsável (Mestranda Letícia da Silva Coutinho) que poderá ser encontrada através desse telefone: 21.97042-1374. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Maternidade - Escola CEP ME - UFRJ - Rua das Laranjeiras, 180 - Laranjeiras - CEP: 22240-003 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil Tel.: (21) 2285-7935 - Tel/Fax: (21) 2205-9064 - E-mail: cep@me.ufrj.br

CONCORDANDO EM PARTICIPAR DA ENTREVISTA DE MODO VIRTUAL RESPONDA SIM!

ANEXO 2

PRINT DO APP



ANEXO 3

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Tempo

... pausa não medida

(.) pausa menos de 2 décimos de segundo

Aspectos da fala

entonação descendenteentonação ascendente

, entonação intermediária, de continuidade

- parada súbita
Sublinhado ênfase em som

MAIÚSCUA fala em voz alta ou muita ênfase

>palavra< fala mais rápida <palavra> fala mais lenta : ou :: alongamentos [] fala sobreposta

Formatação, comentários, dúvidas

() fala não compreendida (()) comentário da analista

Outros

"palavras" fala relatada

ANEXO 4

FICHA TÉCNICA DO FILME "LIXO EXTRAORDINÁRIO"

Lixo Extraordinário



Gênero: Documentário Duração: 90 minutos Lançamento: 2010 Produção: Brasil / Reino Unido Classificação etária: Livre

Ficha técnica:

Direção: Lucy Walker / Codireção: João Jardim e Karen Harley Produção: Hank Levine e Angus Aynsley Fotografia: Duda Miranda Montagem: Pedro Kos Música: Moby

O filme

O documentário acompanha durante dois anos o desdobramento do trabalho do artista plástico Vik Muniz no maior aterro sanitário do mundo, no Jardim Gramacho, município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. A proposta inicial do artista era produzir retratos dos catadores que trabalham no aterro, mas acaba ganhando outra dimensão devido à maneira profunda e sensível com que Vik Muniz se relaciona com seus retratados.

Curiosidades

- Vik Muniz, paulista que vive em Nova York, é um dos artistas contemporâneos mais caros do momento.
- O filme ganhou alguns dos mais importantes festivais do mundo, entre eles o Sundance, onde recebeu o Prêmio do Júri Popular como Melhor Documentário Internacional. Na mostra Panorama do Festival de Berlim recebeu a mesma premiação.
- Em 2011, o filme também concorreu ao Oscar de melhor documentário.
- Sebastião Carlos dos Santos, o Tião, fundador e presidente da Associação de Catadores de Material Reciclável do Jardim Gramacho, esteve presente tanto no Festival de Berlim quanto no Oscar. Na Alemanha foi ovacionado pela exigente plateia do festival.
- O aterro do Gramacho também foi cenário para outro documentário brasileiro, Estamira, de 2004.
- O diretor Fernando Meireles foi um dos produtores executivos do filme.







